



CAMPUS ERECHIM
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO INTERDISCIPLINAR EM CIÊNCIAS
HUMANAS
CURSO DE MESTRADO EM CIÊNCIAS HUMANAS

VINÍCIUS FRUSCALSO MACIEL DE OLIVEIRA

A BRASIL PARALELO E O BOLSONARISMO: UMA ANÁLISE A PARTIR DA
TRILOGIA *PÁTRIA EDUCADORA*

ERECHIM
2023

VINÍCIUS FRUSCALSO MACIEL DE OLIVEIRA

**A BRASIL PARALELO E O BOLSONARISMO: UMA ANÁLISE A
PARTIR DA TRILOGIA *PÁTRIA EDUCADORA***

Dissertação apresentada ao programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas da Universidade Federal da Fronteira Sul – UFFS como requisito para obtenção do título de Mestre em Ciências Humanas, sob a orientação do Prof. Dr. Gérson Wasen Fraga.

ERECHIM
2023

Bibliotecas da Universidade Federal da Fronteira Sul - UFFS

Oliveira, Vinícius Fruscalso Maciel de

A BRASIL PARALELO E O BOLSONARISMO: UMA ANÁLISE A
PARTIR DA TRILOGIA PÁTRIA EDUCADORA / Vinícius Fruscalso Maciel de
Oliveira. -- 2023.

126 f.:il.

Orientador: Doutor Gérson Wasen Fraga Dissertação (Mestrado)

- Universidade Federal da

Fronteira Sul, Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências
Humanas, Erechim, RS, 2023.

1. Bolsonarismo. 2. Brasil Paralelo. 3. Extrema direita. 4. Pátria

VINÍCIUS FRUSCALSO MACIEL DE OLIVEIRA

**A BRASIL PARALELO E O BOLSONARISMO: UMA ANÁLISE A PARTIR DA
TRILOGIA PÁTRIA EDUCADORA**

Dissertação apresentada ao programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas da Universidade Federal da Fronteira Sul – UFFS, para obtenção do título de Mestre em Ciências Humanas, defendido em banca examinadora em 29/11/2023

Aprovado em: 29/11/2023

BANCA EXAMINADORA

Documento assinado digitalmente
gov.br GERSON WASEN FRAGA
Data: 12/01/2024 19:02:49-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Dr. Gerson Wasen Fraga

UFFS Presidente da banca/orientador



Prof. Dr Mairon Escorsi Valério

Membro titular externo



Prof Thiago Ingrassia Pereira
SIAPE 1297619 UFFS / Erechim

Prof. Dr Thiago Ingrassia Pereira

Membro titular interno

Erechim/RS, novembro de 2023

*Dedico a minha avó Amélia Fruscalso
In Memoriam*

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a minha namorada e colega de mestrado Francisca Klécia Bernardino da Silva. Você é o amor da minha vida. Eu te amo!

Também agradeço aos meus pais Moacir Maciel de Oliveira e Rosa Angela Fruscalso Maciel de Oliveira; e minha irmã Letícia Fruscalso Maciel de Oliveira. Tenho sorte em ter vocês em minha vida.

Obrigado, Nilda de Oliveira, minha avó que tanto me cuidou na infância. Obrigado também a todos os meus colegas de pós-graduação, em especial a minha amiga Júlia Carolina Vizzotto de Conto; e a João Batista Piccoli, meu grande amigo.

Registro meu muito obrigado aos professores do PPGICH, em especial ao meu orientador Gérson Wasen Fraga; ao membro de minha banca, Thiago Ingrassia Pereira; e ao meu amigo e membro externo de minha banca, Mairon Escorsi Valério. Sem vocês nada disso seria possível. Agradeço demais aos funcionários da UFFS pelo trabalho burocrático, sempre dispostos a ajudar.

Muito obrigado a todos vocês!

RESUMO

O objetivo geral do trabalho foi o de problematizar o papel da produtora audiovisual Brasil Paralelo (BP) no contexto da ascensão da extrema-direita brasileira no século XXI (2013-2023). Para concretizar tal objetivo, refletimos sobre a extrema-direita no Brasil desde a fundação da Ação Integralista Brasileira (AIB) em 1932 pelo jornalista Plínio Salgado, passando pelo Partido de Representação Popular, o ostracismo até a abertura democrática, seu ressurgimento com o Partido de Reedificação da Ordem Nacional (PRONA) em 1989 e sua enorme ascensão na última década (2013-2022) a partir das Jornadas de Junho de 2013 e tendo como seu líder o ex-presidente Jair Messias Bolsonaro. Além disso, discutimos questões relativas a três conceitos fundamentais para a compreensão de movimentos de extrema-direita: fascismo, neofascismo e pós-fascismo. Para compreender o fenômeno de forma ontológica, elucidamos questões relativas à comunicação e identidades no mundo contemporâneo para divulgação/reprodução de ideologia bolsonarista através das redes sociais digitais. O principal ideólogo do bolsonarismo é Olavo de Carvalho, e por isso reservamos parte do trabalho para comentar sua vida e obra. Foi necessário fazermos uma análise dos três documentários de tal empresa que compõem a trilogia *Pátria Educadora* para estabelecermos relações entre os audiovisuais e o bolsonarismo. Os três documentários são: *O fim da História*; *Pelas barbas do profeta*; e *Guerra contra a inteligência*. A trilogia possui como tema central a educação pública no Brasil contemporâneo. Demonstramos a trajetória da empresa desde a sua fundação em 2016 até os dias atuais, bem como as suas relações com o bolsonarismo.

Palavras-chave: Bolsonarismo. Brasil Paralelo. Extrema-direita. Pátria Educadora. Redes sociais digitais.

ABSTRACT

The general objective of the work was to problematize the role of the audiovisual production company Brasil Paralelo (BP) in the context of the rise of the Brazilian extreme right in the 21st century (2013-2023). To achieve this objective, we reflect on the extreme right in Brazil since the founding of the Brazilian Integralist Action (AIB) in 1932 by the journalist Plínio Salgado, through the Popular Representation Party, ostracism until the democratic opening, its resurgence with the Party of Rebuilding of the National Order (PRONA) in 1989 and its enormous rise in the last decade (2013-2022) starting with the June Days of 2013 and having former president Jair Messias Bolsonaro as its leader. Furthermore, we discuss issues relating to three fundamental concepts for understanding far-right movements: fascism, neo-fascism and post-fascism. To understand the phenomenon ontologically, we elucidate issues related to communication and identities in the contemporary world for the dissemination/reproduction of Bolsonarist ideology through digital social networks. The main ideologue of Bolsonarism is Olavo de Carvalho, and that is why we reserved part of the work to comment on his life and work. It was necessary to analyze the three documentaries from this company that make up the Pátria Educadora trilogy to establish relationships between audiovisuals and Bolsonarism. The three documentaries are: The End of History; By the prophet's beard; and War on Intelligence. The trilogy has as its central theme public education in contemporary Brazil. We demonstrate the company's trajectory from its founding in 2016 to the present day, as well as its relations with Bolsonarism.

Keywords: Bolsonarism. Parallel Brazil. Far right. Educating Homeland. Digital social networks.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

FIGURAS		
Figura 1 -	Manifesto por um Brasil Livre	75
Figura 2 -	Gastos em educação pública do Brasil e países desenvolvidos	83
Figura 3 -	Imagem final de O Fim da História	92
Figura 4 -	Superestrutura e infraestrutura	98
Figura 5 -	Professor doutrinador	105
Figura 6 -	Sistema educacional brasileiro	106
Figura 7 -	Gastos em educação pública dos EUA e países latino-americanos	107
Figura 8 -	Antes e depois dos movimentos	110
Figura 9 -	Paradoxo da formação I	112
Figura 10 -	Paradoxo da formação II	113
Figura 11 -	Protesto da FEUSP em defesa da escola pública	115
QUADROS		
Quadro 1 -	O que o integralismo quer e o que ele combate	09
Quadro 2 -	Capítulos de um a seis	61
Quadro 3 -	Capítulos de sete a doze	64
Quadro 4 -	Capítulos de treze a dezoito	67
Quadro 5 -	Capítulos de dezenove a vinte e quatro	71

SUMÁRIO

CONSIDERAÇÕES INICIAIS	7
2 SOBRE O BOLSONARISMO, A EXTREMA-DIREITA E COMO CHEGAMOS ATÉ AQUI	12
2.1 RUDÁ RICCI E AS TRÊS ONDAS.....	12
2.2 CARACTERÍSTICAS DO BOLSONARISMO	14
2.2.1 O antipetismo e a propriedade privada	14
2.2.2 O culto à violência	18
2.2.3 O patriotismo	19
2.2.4 A defesa da “família tradicional brasileira”	19
2.3 O BRASIL APÓS A VITÓRIA DE BOLSONARO	20
2.4 AS ELEIÇÕES DE 2022 E SEUS PARADOXOS	22
2.4.1 Bolsonarismo e a negação da realidade.....	24
2.5 08 DE JANEIRO DE 2023: DO PRELÚDIO ÀS CONSEQUÊNCIAS.....	25
2.5.1 O ataque terrorista de 08 de janeiro.....	29
2.6 REFLEXÕES SOBRE FASCISMO, NEOFASCISMO E PÓS-FASCISMO.....	31
2.6.1 Umberto Ecco e o Ur-Fascismo	41
3. IDENTIDADE, COMUNICAÇÃO, OLAVISMO E A EXTREMA-DIREITA BRASILEIRA.....	45
3.1 STUART HALL E A QUESTÃO DA IDENTIDADE CULTURAL.....	45
3.2 A COMUNICAÇÃO NAS REDES SOCIAIS DIGITAIS	48
3.2.1 A comunicação política do bolsonarismo na internet: reflexões.....	52
3.3 OLAVO DE CARVALHO: VIDA, OBRA E SIGNIFICADO	56
3.4 O METEORO BRASIL E SUA RESPOSTA	61
3.5 O MBL E A NOVA DIREITA BRASILEIRA	74
3.6 A BRASIL PARALELO: SURGIMENTO, ASCENSÃO E SIGNIFICADO.....	79
4. ANÁLISE DA TRILOGIA <i>PÁTRIA EDUCADORA</i>	82
4.1 ANÁLISE DE CAPÍTULO I: O FIM DA HISTÓRIA	82
4.1.1 A atual situação da Pátria Educadora.....	83
4.1.2 A origem da educação	85
4.1.3 Como a Reforma Protestante mudou a educação	87
4.1.4 Jean-Jacques Rousseau destruiu a educação?	87
4.2 ANÁLISE DO CAPÍTULO II: PELAS BARBAS DO PROFETA.....	93
4.2.1 Paulo Freire	96
4.3 ANÁLISE DO CAPÍTULO III: GUERRA CONTRA A INTELIGÊNCIA	102

CONSIDERAÇÕES FINAIS	116
REFERÊNCIAS	121

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

As discussões aqui presentes buscam elucidar temas e fatos para que outras pessoas possam usar tal trabalho como um ponto de partida para discussões futuras. Não temos aqui a pretensão de sermos donos da verdade, e sim ajudar a ciência a refletir sobre fenômenos sociais complexos. Nossa pesquisa é ponto de partida, não de chegada, e portanto não temos como objetivo encerrar o debate sobre os assuntos abordados, mas sim abriremos o debate da forma mais científica, fraterna e racional possível. Nossa pesquisa tem como objetivo geral problematizar o papel da produtora audiovisual Brasil Paralelo (BP) no contexto da ascensão da extrema-direita brasileira na última década (2013-2023) a partir de sua trilogia “Pátria Educadora”.

Os objetivos específicos são: 01) entender o processo histórico da formação e reprodução da extrema-direita brasileira a partir de pesquisas acadêmicas sobre o tema, desde o estabelecimento do integralismo até o atual bolsonarismo; 02) estabelecer um debate teórico sobre os conceitos de fascismo, neofascismo e pós-fascismo à luz de obras realizadas por pesquisadores da área; 03) problematizar se o bolsonarismo pode ser identificado com algum dos três conceitos (fascismo, neofascismo e pós-fascismo); 04) refletir sobre o papel da comunicação no mundo contemporâneo e especificamente dentro do bolsonarismo; 05) compreender o papel de Olavo de Carvalho como ideólogo e comunicador da extrema-direita brasileira; 06) analisar os documentários da trilogia “Pátria Educadora”; 07) entender o papel da produtora audiovisual Brasil Paralelo no contexto de ascensão da extrema-direita brasileira e suas relações com o bolsonarismo. Faremos tais elucidacões na ordem colocada acima.

Começamos então pela formação e reprodução da extrema-direita brasileira. Buscamos entender tal processo histórico a partir do primeiro partido fascista de massas da América Latina: a Ação Integralista Brasileira (AIB) na década de 1930. Entretanto, a origem de tais ideias fascistas no Brasil remetem a metade do século XIX, como veremos. Para analisar de forma ontológica o surgimento do fascismo brasileiro e consequentemente da extrema-direita no país, faz-se necessário tanto refletir sobre o conceito de integralismo quanto sobre o seu programa.

Começemos pelo conceito. Em seu livro *Perigo Verde: o integralismo no norte do Rio Grande do Sul (1932-1938)*, Fausto Alencar Irschlenger reflete sobre o tema,

alertando que o termo *integralismo* existe muito antes da AIB, e teve sua primeira utilização na Espanha:

Primeiramente, tratamos do termo *integralismo*, o qual surgiu com uma conotação mais precisa na metade do século XIX, designando, segundo Norberto Bobbio, a concepção global e unitária do cristianismo, que, além de querer reafirmar sua intangível integridade doutrinal, almejava um sistema de vida e pensamento aplicável a todas as necessidades da sociedade moderna. Relacionam-se ao termo o chamado catolicismo integral e uma concepção integralista da religião; posteriormente, o termo originou um partido político espanhol. O integralismo também teria se expandido para a França após 1890, expressando posições opostas ao progressismo (em matéria de exegese bíblica) e ao modernismo. Mesmo hoje, o termo continua sendo uma discussão em aberto. (IRSCHLINGER, 2001, pp. 46-47).

No caso brasileiro, a ligação da extrema-direita com a estrutura de pensamento binária “bem x mal”, certamente fruto de uma tradição judaico-cristã ocidental, é utilizada indiscriminadamente. Irschlinger prossegue sua reflexão agora sobre o Brasil e voltado para a política:

Não é novidade que o integralismo tenha nascido de um amplo movimento difundido pelo mundo principalmente depois da Primeira Guerra Mundial, que salientava suas feições antiliberais, antidemocráticas e, pode-se dizer também, anticomunistas, mas também alavancado pelo contexto sociopolítico, econômico e cultural nacional. O termo *integralismo* designou e identificou o movimento extremista liderado pelo ideólogo e escritor Plínio Salgado e outros idealizadores, como Gustavo Barroso e Miguel Reale. (...) O integralismo representaria, assim, a integração dos vários segmentos da extrema direita, articulados na década de 1920 no país, os quais, fundidos, constituiriam o ‘supremo’ movimento político que integraria o país dentro de seus preceitos, implantando o ‘Estado Integral’. Esse confluiria num modelo imperialista de uma ‘República Imperial Cristã’, que, segundo o ideólogo Gustavo Barroso, se expandiria pela América. Do mesmo modo, a Sociedade Integral; a Nação Integral; a Humanidade Integral. (IRSCHLINGER, 2001, p. 54.).

Lembramos que é importante ter em mente que as décadas de 1920 e 1930 são de profunda instabilidade social no país. Devido ao contexto da Grande Depressão (1929), o Brasil mergulha em uma profunda crise financeira, haja vista que seu principal produto de exportação, o café, que representava cerca de dois terços de toda a exportação, sofreu uma enorme desvalorização devido aos seus principais compradores (Estados Unidos e Europa) terem diminuído significativamente suas importações.

Já com a ascensão de Getúlio Vargas ao poder via golpe de Estado em 1930, a política econômica do Brasil muda radicalmente: saímos de um modelo agroexportador de produtos primários como café e cana-de-açúcar; e extrativista (principalmente borracha), para um modelo nacional desenvolvimentista cujo objetivo era, através de estímulos e financiamentos a empresas privadas de capital nacional e criação de empresas estatais, industrializar o Brasil. Para tanto, foi necessário uma política econômica de

substituição de importações. Num primeiro momento, para bens de consumo não-duráveis (calçado, comida, higiene pessoal, limpeza e vestuário) e, num segundo momento, a criação da indústria de base para produção de derivados de aço, ferro e petróleo via estatais, como a Companhia Siderúrgica Nacional (CSN), Vale do Rio Doce, e Petróleo Brasileiro S.A (PETROBRAS).

Mesmo participando do Governo Vargas até 1937, os integralistas não estavam satisfeitos em ter um ministro: queriam tomar a presidência. Vargas manda todos os partidos para a ilegalidade, inclusive com o apoio dos integralistas, a partir do início do Estado Novo (1937-1945). Após uma tentativa frustrada de golpe de Estado (a chamada Intentona Integralista de 1938), o governo Vargas desvincula-se totalmente dos integralistas. Para compreender melhor as características do pensamento integralista, faz-se necessário um quadro mais detalhado. Observamos:

Quadro 1 – O que o integralismo quer e o que ele combate

O que quer o integralismo?	O que o integralismo combate?
a) um regime de verdade...	a) todos os partidos políticos, o separatismo...
b) uma nação para o povo...	b) o espírito burguês...
c) uma doutrina sã, um ideal elevado e uma fé absoluta. d) um só comando...	c) o capitalismo sem pátria dos judeus internacionais...
d) o estado moderno integral, o governo forte...	d) o comunismo internacional ...
e) o desaparecimento dos partidos...	e) todos os parasitas da nação...
f) o desaparecimento da luta de classes...	f) o sufrágio universal...
g) a unidade integral do Brasil...	g) os propagandistas de idéias subversivas...
h) autonomia dos municípios...	h) a exploração das massas trabalhadoras...
i) vinte e duas províncias... em lugar de vinte e um estados	i) o governo que se escraviza ao capital internacional...
j) controle oficial da economia nacional...	j) o sindicato do governo liberal...
k) o Estado heroico...	k) a economia racionalista e materialista
l) nacionalização...	l) o tabu das constituições fixas... m) a desordem social, o desrespeito, as mashorcas políticas...
n) proibição do agiotarismo...	n) a anarquia, a licença e a ignorância da imprensa...
o) monopólio do Estado...	o) o personalismo e os nepotismos...
p) libertação do brasileiro escravizado ao estrangeiro...	p) qualquer hipertrofia de grupos políticos ou financeiros...
q) respeito à propriedade privada...	q) o desânimo, a tibieza, o imediatismo e o ódio...
r) integridade da família...	r) a indiferença do povo pelos problemas nacionais...
s) suspensão gradual dos impostos sufocantes...	s) todo e qualquer sectarismo...
t) revisão das tarifas alfandegárias...	t) os tributos escorchantes...
u) justiça nacional...	u) todos os artifícios econômicos e financeiros que criam um padrão de vida falso...
v) magistratura especial do trabalho...	v) os protecionismos desonestos...
x) ensino unificado... educação moral do povo brasileiro.	x) o sentido material da vida...
w) liberdade religiosa absoluta...	w) o internacionalismo...
y) combate ao materialismo burguês capitalista e ao materialismo comunista...	y) o liberalismo...

Fonte: Irschlinger, 2001, pp. 28-29).

Os fascistas brasileiros então saem da cena política brasileira, voltando apenas com o término da Segunda Guerra Mundial. Com o fim da guerra, o Estado Novo (1937-1945), regime de exceção promovido por Vargas, não fazia mais sentido. Como poderia o Brasil depois de lutar ao lado das democracias continuar sendo internamente uma ditadura? Com o fim do Estado Novo e o afastamento de Vargas da presidência, os partidos políticos voltaram a existir ainda em 1945. No mesmo ano, a já extinta AIB refunda-se com outro nome: o Partido de Representação Popular (PRP). Entretanto, o PRP jamais conseguiu angariar o mesmo capital político que tinha a AIB.

Seus líderes continuavam os mesmos: Gustavo Barroso e Plínio Salgado. O sonho de fazer do Brasil um país com governo integralista continuou de pé. Tanto que nas eleições de 1955, Salgado candidatou-se ao cargo de presidente da república e obteve 8% dos votos. A AIB foi o primeiro partido de massas do Brasil; o PRP, por outro lado, não conseguiu eleitoralmente o mesmo sucesso. Tal partido foi agonizando até o golpe de 1964, quando foi mandado para a ilegalidade. Provavelmente a maioria de seus integrantes foram de alguma forma simpáticos ao golpe de 64, haja vista que tanto os militares golpistas quanto os integralistas eram profundamente anticomunistas. Também a utilização de símbolos nacionais (hinos, bandeiras, uniformes, marchas, etc.) para a formação de uma identidade nacional brasileira certamente agradou os fascistas, mesmo não sendo uma ditadura propriamente fascista se quisermos colocar rigor no científico no conceito.

A partir da lenta abertura democrática que iniciou-se em 1979, o estado das coisas começou a mudar. O bipartidarismo foi substituído pelo pluripartidarismo, mesmo ainda estando vedado qualquer tipo de votação direta para presidente da república, algo que aconteceu apenas em 1989. Diversos partidos das mais diversas ideologias foram autorizados não somente a existir, mas também a concorrerem a cargos no executivo e legislativo.

Neste contexto surge o Partido de Reedificação da Ordem Nacional (PRONA), tendo como seu principal líder Enéas Carneiro (1938-2007). Carneiro disputou três vezes o cargo de Presidente da República: em 1989 alcançou a marca de 360.561 votos, e ficou em 12º lugar; em 1994, 4.671.457 e o 3º lugar; e em 1998 conseguiu 1.447.090 votos, garantindo o 4º lugar.

Cabe aqui uma ressalva: a sigla nunca definiu-se como fascista/integralista, mas é de conhecimento público que os adeptos da extrema-direita no Brasil o elegeram como o partido mais próximo de seus ideais e por isso o confiavam seu voto nas eleições de executivo e legislativo. O PRONA considerava-se um partido nacionalista e conservador, antiliberal e anticomunista.

No ano de 2006 a sigla fundiu-se com o Partido da República (PR), deixando de existir enquanto partido independente. Em 2019, o PR transformou-se em Partido Liberal (PL), atual partido de Jair Messias Bolsonaro.

2 SOBRE O BOLSONARISMO, A EXTREMA-DIREITA E COMO CHEGAMOS ATÉ AQUI

Neste capítulo, dissertamos sobre temas colocados nos objetivos específicos 01, 02 e 03 das considerações iniciais deste trabalho. Começamos por um breve histórico da extrema-direita brasileira e o bolsonarismo.

2.1 RUDÁ RICCI E AS TRÊS ONDAS

Um dos intelectuais mais conhecidos que trabalha com o tema do fascismo no Brasil é o sociólogo Rudá Ricci (1962). Em seu livro *Fascismo Brasileiro* (2022), Ricci entende que a extrema-direita no Brasil movimentou-se (e ainda movimenta-se) a partir de uma classificação em três ondas: a articulação empresarial; a articulação jurídico-midiática; e a campanha eleitoral de Jair Bolsonaro à Presidência da República em 2018. Sobre a primeira onda, Ricci afirma que:

A articulação empresarial (tendo como eixo os estados de São Paulo, Rio de Janeiro e Rio Grande do Sul) que vai se constituindo a partir de 1987, e que nos anos seguintes transitará da agenda neoliberal calcada no Consenso de Washington – e no propalado Estado Mínimo – para uma agenda mais ofensiva de captura do Estado e dos fundos públicos. Nessa passagem, são criados vários *think tanks* e estruturas organizacionais de articulação política do alto empresariado brasileiro (como o Instituto Atlântico, Institutos Liberais e Instituto Millenium, dentre outros); financiamento de grupos juvenis (como o Movimento Brasil Livre), recrutamento de estudantes universitários e financiamento e promoção de mobilizações de rua com o claro objetivo de desestabilizar a ordem democrática. A captura do Estado envolveu a combinação de financiamento de candidaturas ao Congresso Nacional, definição de agenda de reformas estruturais a ser adotada pelas bancadas financiadas e eleitas por eles e uma obstinada militância na indicação de ministros (em especial, na área econômica) e secretários estaduais de governo (em especial, na área educacional). (RICCI, 2022, p. 34-35)

O trecho demonstra uma reflexão a partir de uma luta de classes, sendo a burguesia industrial nacional a principal fomentadora de tais grupos, especialmente através do lobismo nas esferas de poder estadual e federal. Fica evidente que o poder econômico constitui-se em uma força política, como um dado irremovível da realidade, possuindo desejos e objetivos próprios de seus agentes. Já sobre a segunda onda, Ricci explica que:

A articulação jurídico-midiática que alcançou seu apogeu ao redor da Operação Lava Jato, mas que já se desenhava desde 2004, ainda que seu ponto culminante foi em 2015. Um processo seletivo de agentes do judiciário e Ministério Público Federal à semelhança do macartismo norte-americano da década de 1950. Essa ofensiva institucional foi desarticulada a partir de 8 de março de 2021, por iniciativas do Supremo Tribunal Federal, mas já havia

deitado raízes sobre parte da opinião pública e criado uma motivação aos setores de extrema-esquerda ainda atomizados; (RICCI, 2022, p. 35).

O autor deixa explícito que a articulação jurídico-midiática contra a esquerda começou provavelmente próximo temporalmente ao caso do Mensalão (2005), mas que atingiu o auge em 2015. A prisão de Lula ocorreu no dia 7 de abril de 2018, sendo condenado a nove anos e seis meses de prisão pelos crimes de lavagem de dinheiro e corrupção passiva. Por causa de decisões do STF, houve a desarticulação, ou seja, essa onda lavajatista arrefeceu, principalmente após a soltura de Lula no dia 8 de novembro de 2019. Isso não significa que ela saiu total e definitivamente do jogo político brasileiro, mas é fato que perdeu parte de suas forças e hoje está lambendo suas feridas. Sobre a terceira onda, Ricci reflete que:

A campanha eleitoral de Jair Bolsonaro à Presidência da República, em 2018, e suas articulações políticas com igrejas e setores das forças repressivas e militarizadas do país após sua posse, no período 2019-2021. Este foi o momento de constituição de uma força político-eleitoral de extrema-direita que vários institutos de pesquisa sugeriram envolver entre 8 e 12% da população adulta nacional (entre 12 milhões e 17 milhões de eleitores) declaradamente portadora de valores que rejeitam a ordem democrática. (RICCI, 2022, p. 35)

Estão aqui presentes duas bases de apoio muito sólidas durante (e para) o governo Bolsonaro: os evangélicos e as forças repressivas do Estado (polícias e forças armadas). Não é de hoje que os evangélicos são atores importantes na política brasileira. Pastor Everaldo, Silas Malafaia, Marco Feliciano, Edir Macedo: os exemplos são fartos. Na busca de maximizar o atendimento a suas demandas pessoais e as demandas coletivas de suas igrejas, tais figuras apoiaram firmemente Bolsonaro. Tanto o apoiaram que Bolsonaro batizou-se evangélico em 2016. Tais figuras pregam a Teologia da Prosperidade, na qual Deus não quer apenas salvar a sua alma, mas quer que você seja próspero financeiramente em vida terrena. Uma espécie de discurso *coach* adaptado ao meio religioso.

Em relação aos setores das forças repressivas do Estado, parte do apoio é consequência do discurso de Bolsonaro estimulando a ideia de “licença para matar” em ações policiais. Tal narrativa de violência empolgou muitos policiais por motivos óbvios: o aceno à impunidade em caso de abusos e execuções sumárias. Para os militares, a questão é outra: manter privilégios, seja em relação à aposentadoria que possui regras próprias, seja nas farras feitas com dinheiro público regadas a álcool e picanha. Para além, o substrato dos militares (em especial os de média e alta patente) são filhos da classe média, grupo que muito torce o nariz para as políticas sociais que o Partido dos

Trabalhadores (PT) fez em seus governos, além da aproximação de tal partido com governantes ideologicamente de esquerda, como atualmente Argentina, Cuba, Nicarágua e Venezuela.

2.2 CARACTERÍSTICAS DO BOLSONARISMO

Entretanto, é um equívoco afirmar que o bolsonarismo é um movimento homogêneo internamente em sua composição. Estão ali os mais diversos grupos: fazendeiros do agronegócio; empresários dos mais diversos ramos; frações da classe média; neoliberais; conservadores; reacionários; olavistas; e grupos completamente exóticos como monarquistas, dentre outros. Mas se aparentemente o bolsonarismo é composto por um conjunto de grupos tão heterogêneos, o que os une? Vejamos tal questão a partir de agora.

2.2.1 O antipetismo e a propriedade privada

O antipetismo e a propriedade privada talvez sejam as mais fortes colas usadas para unir um conjunto tão grande de subgrupos como os citados acima. O ódio ao PT é praticamente unânime entre os bolsonaristas. Lula e seus correligionários são estigmatizados principalmente de corruptos. Isso mexe com o sentimento dos bolsonaristas: o medo de ser “roubado”. Para além do medo de ser roubado, existe o medo de ter suas propriedades privadas violadas pelo Estado ou por movimentos sociais como Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem-Terra (MST) e o Movimento dos Trabalhadores Sem-Teto (MTST). Isso mobiliza o imaginário coletivo de forma gritante.

Em 2005, o Mensalão fez tremer a base do governo Lula, mas não derrubou-a. As tentativas de tirar Lula e o PT foram fracassadas provavelmente pelo ótimo momento econômico que o Brasil vivia. O discurso antipetista (e anticorrupção) promovido pela extrema-direita brasileira não encontrou mobilização social nas ruas. Não houve outra chance de emplacar tal discurso até as Jornadas de Junho de 2013. Tal ano é marcado pela desaceleração da economia brasileira, seja por erros do governo federal (como desonerações na ordem das centenas de bilhões de reais e aumento da dívida pública) ou pelo reflexo de um cenário internacional desfavorável a partir de 2012 (queda no preço

mundial de várias *commodities*, como petróleo, soja, milho, ferro e aço; além da alta do dólar).

O curioso é que as manifestações em 2013 começaram com um movimento social assumidamente de esquerda e que não tinha a pretensão de enfraquecer o governo federal: o Movimento Passe Livre (MPL). O objetivo único das manifestações era a revogação da tarifa de transporte na cidade de São Paulo (SP), que aumentou em junho de 2013 de R\$3,00 para R\$3,20. Logo, a pauta em nada tinha a ver com o governo Dilma. O MPL luta, desde sua fundação em 2005 no Fórum Social Mundial, por um transporte verdadeiramente público, gratuito e de qualidade. Como tais reivindicações desagradam a elite econômica brasileira, as primeiras manifestações foram duramente reprimidas pelas polícias. A mídia tradicional fez o que pôde para endossar o coro de que as manifestações não eram legítimas e estavam atrapalhando o trânsito da cidade, além de menosprezar (e muito) os manifestantes. Tanto que o então jornalista da TV Globo, Arnaldo Jabor (1940-2022) chegou a dizer que os manifestantes “não valiam nem vinte centavos” (Oliveira, 2017).

Tudo mudou depois da noite de 13 de junho, quando as polícias decidiram não apenas agredir os manifestantes (em sua maioria pacíficos), mas também a imprensa. O caso mais marcante foi o da repórter da TV Folha, Giuliana Vallone, que levou um tiro de borracha no rosto. Uma mulher que no momento do disparo estava com o crachá da Folha, desarmada e com o celular com a bateria completamente descarregada. Eis aqui o ponto crucial para a virada da narrativa por parte da mídia tradicional brasileira. Mudou de posição apenas quando uma de suas jornalistas foi agredida covardemente pela polícia (Oliveira, 2017).

Logo, as manifestações passaram a ser descritas com conotações altamente positivas: agora são manifestantes pacíficos e democráticos lutando pelos seus direitos. Isso fez com que as manifestações tivessem um aumento no número de participantes (estima-se que mais de um milhão de pessoas estiveram na Avenida Paulista no auge dos protestos). Outro efeito foi o espalhamento dos protestos para além da cidade de São Paulo, com participação de mais de 400 cidades distribuídas por todos os estados da federação e Distrito Federal. A mídia decidiu imputar nas manifestações pautas que não eram originalmente do MPL, como a desaprovação da PEC 37 e a luta contra a corrupção. A primeira foi um aceno ao poder judiciário. A segunda, um aceno aos antipetistas (Oliveira, 2017).

Por isso apareceram nas manifestações em todo o Brasil grupos de direita (e extrema-direita) que não estavam nas ruas desde provavelmente os atos pró-impeachment de Fernando Collor (1992). Houve, a partir de então, diversos casos de violência física envolvendo manifestantes de esquerda e antipetistas nas ruas do país. Aconteceu a revogação da tarifa (ou até mesmo a diminuição em seu preço) em centenas de cidades brasileiras. Em São Paulo, foi no dia 19 de junho (Oliveira, 2017).

A partir de então, o MPL emite uma nota oficial e retira-se das manifestações, já que a sua pauta inicial de revogação foi atendida e, talvez, por perceber que o destino das manifestações era sombrio e nada tinha a ver com seus interesses. Os protestos no Brasil todo foram esvaindo-se até praticamente acabarem junto com o fim do mês de junho. Todavia, o ovo da serpente foi chocado. Sem dúvidas, o sentimento antipetista foi o principal legado das jornadas de junho. E isso comprovou-se nas eleições seguintes (Oliveira, 2017).

Mesmo Dilma Roussef (PT) vencendo a corrida eleitoral para presidência em 2014 contra o candidato tucano Aécio Neves (PSDB), o PT viu-se enfraquecido em relação a pleitos anteriores, tendo diminuído consideravelmente o número de deputados federais. Na contramão, os partidos mais fortalecidos foram o PSDB e o PMDB (Oliveira, 2017). Após o PT votar contra Eduardo Cunha (PMDB) em seu processo no Conselho de Ética, o então presidente da Câmara dos Deputados decide aceitar um dos vários processos de impeachment que estavam sobre sua mesa contra a presidente do país, num claro ato de vingança política, embora ele negue até os dias de hoje. Seria impossível a abertura do processo de impeachment e sua culminância (a destituição de uma presidente eleita) não fosse o sentimento antipetista adubado e regado durante e após as jornadas de junho. Isso tudo somado a um agravamento da crise financeira no país e suas consequências: recessão, inflação alta, aumento do dólar e dos juros, aumento da dívida pública, dentre outros.

O sociólogo Jessé Souza (1960) em seu livro intitulado *A radiografia do golpe* (2016), explica como a suposta luta contra a corrupção é utilizada historicamente pela elite econômica brasileira e seus aliados para enganar o restante da população:

Como em toda a história republicana brasileira, o mote da corrupção é sempre usado como arma letal para o inimigo de classe da elite e seus aliados. Isso sempre ocorre quando existem políticas que envolvam inclusão dos setores marginalizados – que implicam menor participação no orçamento dos endinheirados e aumento do salário relativo dos trabalhadores, o que também

não os interessa – ou condução pelo Estado de políticas de desenvolvimento de longo prazo. A ideia é que a riqueza do país já tem dono, ou seja, ela é privada e deve ser privatizada. São esses os dois crimes que estão sempre verdadeiramente por trás de toda manipulação da corrupção brasileira. (SOUZA, 2016, p. 112).

O bolsonarismo explora o Mensalão e principalmente a Operação Lava-Jato¹ para sedimentar a ideia de que o PT não apenas é o partido mais corrupto do Brasil, mas do mundo todo. E, por causa disso, não é legítima nem mesmo a sua existência, muito menos a sua eleição, seja para qual cargo político seu filiado estiver concorrendo. Ao se estigmatizar o partido em sua totalidade, não importa mais o que os petistas digam e/ou façam: estarão sempre errados. Esta narrativa acaba levando ao ódio na política, e tal ódio é fundamental na construção da identidade bolsonarista: o inferno são os outros; e os outros são os corruptos. Nada melhor para a coesão interna de um conjunto grande de subgrupos tão diversos do que a criação do inimigo comum externo.

Souza prossegue em sua análise:

Ao se ‘fulanizar’ a corrupção, nunca se atinge o objetivo de seu real combate, mas apenas consegue-se derrotar o inimigo de classe. Como o combate à desigualdade é um valor universal, que não se pode atacar em público sem causar forte reação, tem-se que combater essa bandeira inatacável com outra bandeira inatacável. No Brasil, o suposto combate à corrupção sempre foi essa muleta usada de modo manipulador e falso. Como no caso recente do golpe de abril de 2016, desde que se elimine o inimigo político tudo voltará a ser como antes, sem qualquer debate real e sem nenhuma mudança estrutural. Não interessa sequer aos devotados moralistas de ocasião qualquer mudança efetiva. Como poderiam, afinal, eliminar os inimigos que virão no futuro? Quer seja mecanismo consciente e cínico, quer seja pura ingenuidade de alguns manipulados, o resultado é o mesmo: a ‘fulanização’ da corrupção só serve à sua continuidade. (SOUZA, 2016, p. 112).

A “fulanização” refere-se tanto ao PT como aos seus principais líderes, como Roussef e principalmente Luiz Inácio Lula da Silva. Souza utiliza a palavra “golpe” não

¹ “A Operação Lava Jato foi uma investigação deflagrada em 2014 pelo Ministério Público Federal do estado do Paraná que revelou um vasto esquema de corrupção na Petrobras e em grandes obras de infraestrutura. Considerada a maior investigação anticorrupção já conduzida na história do Brasil, atingiu centenas de políticos e algumas das maiores empresas do país, principalmente estatais e empreiteiras. (...)No total, segundo o MPF, foram 163 prisões temporárias, 132 prisões preventivas, 1.450 buscas e apreensões, 211 conduções coercitivas, 35 ações de improbidade administrativa, dois acordos de colaboração homologados no Tribunal Regional Federal da 4ª Região (TRF-4), 138 acordos homologados no STF, 553 denunciados, 723 pedidos de cooperação internacional, R\$ 4,3 bilhões devolvidos aos cofres públicos, R\$ 2,1 bilhões previstos em multas compensatórias decorrentes de acordos de colaboração, R\$ 12,7 bilhões em multas compensatórias de acordos de leniência, R\$ 14,7 bilhões previstos para serem recuperados e R\$ 111,5 milhões em renúncias voluntárias de réus. Segundo reportagens da imprensa (Plural e Folha), a Lava Jato custou ao Brasil 3,6% do PIB e até 4,4 milhões de empregos, por conta da paralisação de obras e das atividades das empresas envolvidas nos esquemas de corrupção, entre 2014 e 2017. Os dados são de um estudo desenvolvido pelo Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos (Dieese) e pela Central Única dos Trabalhadores (CUT)”. (CNN Brasil, 2022, n.p.). *O que foi a Operação Lava Jato*. Disponível em <[http:// https://www.cnnbrasil.com.br/nacional/o-que-foi-a-operacao-lava-jato/](http://https://www.cnnbrasil.com.br/nacional/o-que-foi-a-operacao-lava-jato/)>. Acesso em 24 jan. 2023.

só no trecho acima como também em vários outros ao longo de todo o livro para referir-se ao impeachment de Roussef em 2016. Isso porque, em sua interpretação (da qual concordamos) não existiu crime de responsabilidade fiscal, e que tal justificativa era mero pretexto para que grupos que não conseguiram ganhar nas urnas (e que portanto estavam na oposição) chegassem ao poder através de um golpe parlamentar travestido de impeachment legal.

Ainda sobre o tema da corrupção, Souza afirma que:

“O falso combate à corrupção surge, assim, no Brasil como o testa de ferro universal de todos os interesses inconfessáveis que não podem se assumir enquanto tais. Por que o falso combate à corrupção assume esse papel? São duas as razões básicas: primeiro, a corrupção pode ser vendida como de interesse de todos, servindo como uma trava para todo tipo de mascaramento de interesses particulares em interesse geral; em segundo lugar, ninguém diz verdadeiramente o que é corrupção, tornando-a, precisamente por seu caráter impreciso e maleável, o mote ideal de todo tipo de distorção sistemática da realidade”. (SOUZA, 2016, pp. 112-113).

Embora a análise de Souza esteja refletindo especificamente sobre o golpe de 2016, podemos afirmar que serve também para o bolsonarismo, haja vista que os grupos sociais que deram suporte para a derrubada da presidente são os mesmos que apoiaram em 2018 e 2022 a candidatura de Bolsonaro ao cargo de Presidente da República. Passemos agora para o que acreditamos ser outro aglutinador de forças bolsonaristas: o culto à violência.

2.2.2 O culto à violência

É impressionante como a violência é justificada para grande parte dos bolsonaristas: a ideia de que os fins justificam os meios. Não importa o método necessário, o importante é que ele garanta os objetivos desejados. O próprio Bolsonaro falou em “Fuzilar a petralhada aqui do Acre”². Outro fator importante são as polícias e as forças armadas. As polícias são importantes para a repressão das classes populares no dia a dia. Já as forças armadas são a esperança em caso de derrota no pleito eleitoral, além de serem por si só símbolos de patriotismo junto com o hino, a bandeira e os uniformes militares. As novas leis de acesso às armas demonstram bem tal espírito de culto à violência. Mas vai além disso, pois a violência não é apenas física, mas também

² *No Acre, Bolsonaro fala em 'fuzilar a petralhada' e enviá-los à Venezuela - 1º.set.2018*. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=p0eMLhCcbYQ>>. Acesso em 25 jan. 2023.

discursiva, com ofensas pesadas a grupos e pessoas que colocam-se como oposição ao bolsonarismo.

2.2.3 O patriotismo

Um fator importante para a retórica bolsonarista é esconder o abismo social que existe no Brasil. Para esconder a ideia marxista de “luta de classes” é utilizada a retórica patriótica. O “amor” aos símbolos nacionais então substitui o “luta” entre as classes, etnias e gêneros propostos supostamente pela esquerda “comunista, corrupta e petista”. Tudo isso é substituído pela dualidade “nós” e “eles”, o “povo” e os “ladrões”. O patriotismo também diferencia-se do internacionalismo proposto por anarquistas e comunistas. Por fim, distingue-se do nacionalismo getulista, já que Getúlio Vargas propunha um projeto nacional de desenvolvimento, enquanto tais patriotas são a favor do livre mercado e defendem um Estado Mínimo sob a justificativa que as estatais são supostamente corruptas e cabides de emprego.

2.2.4 A defesa da “família tradicional brasileira”

Este é um dos aspectos mais delirantes de todos: a ideia de que a família tradicional está em risco. E o perigo vem de dois grupos: a população LGBTQIA+ e as feministas. O primeiro supostamente coloca em perigo a reprodução da família totalmente heteronormativa. Já o segundo coloca supostamente em risco a própria reprodução humana simplesmente por defender os chamados direitos reprodutivos, ou seja, o direito da mulher em decidir sobre o seu próprio corpo.

Além disso, para completar a ideia de família, é necessária a crença no Deus cristão. Cabe lembrar que vários pastores neopentecostais dão apoio a Bolsonaro que, como já foi dito, foi inclusive convertido evangélico alguns anos atrás. Por fim, lutam contra o que chamam de “ideologia de gênero” e “doutrinação nas escolas”. Chamam de forma pejorativa “ideologia de gênero” o que é chamado pela comunidade acadêmica de “questões de gênero”. Fazem isso com o objetivo de associar qualquer discussão de gênero com a esquerda e, se a esquerda acha certo discutir, o bolsonarista possui a obrigação de achar errado. Já a expressão “doutrinação nas escolas” é utilizada para

desmerecer toda e qualquer fala dos professores que colocam-se a favor de um pensamento crítico.

Movem-se mais pela devoção/emoção do que pela razão. Não parecem ter como qualidade do grupo a capacidade de pensar, entendendo o pensar como geralmente Sócrates e Platão referiam-se: “o diálogo silencioso travado consigo mesmo”. Logo, são incapazes de refletir sobre os próprios atos ou produzir juízos de valor suficientes para diferenciar o certo do errado, o belo do feio, o justo do injusto. Não demonstram culpa pelo mal que causam a outras pessoas/grupos, seja no discurso de ódio, seja nas práticas violentas físicas e/ou verbais.

Todas as características mencionadas até agora estão personificadas na figura de um líder carismático e infalível na visão de seus seguidores: Jair Messias Bolsonaro. Um verdadeiro mito para quem o segue. O que talvez tenha cristalizado esta percepção foi a facada que recebeu em Juiz de Fora (MG) durante a campanha eleitoral de 2018: a figura de um herói/mártir disposto a “morrer pela pátria”. Bolsonaro transitou durante a tal campanha eleitoral entre a jornada do herói e, em seguida, pela jornada da vítima de uma esquerda corrupta que quer eliminá-lo.

Isso tudo sendo difundido via redes sociais digitais. Grupos gigantesco no Telegram e Whatsapp, incontáveis páginas no Twitter, Instagram e Facebook, além de canais no YouTube. Essas redes serviram não apenas para propaganda bolsonarista e memes, mas também para a ampla divulgação de mentiras, conhecidas como Fake News. São publicações que mexem com um dualismo típico de sociedades judaico-cristãs ocidentais, sempre deixando claro quem é o mocinho e quem é o vilão na história. Como se a vida real fosse uma novela, tais publicações foram sedimentando certas concepções de mundo e ações que deveriam ser tomadas contra os entes que atentam contra a “liberdade” dos bolsonaristas.

2.3 O BRASIL APÓS A VITÓRIA DE BOLSONARO

Após a vitória no pleito de 2018, houve uma diversificação no alvo das críticas do bolsonarismo. Agora, juntam-se a já longa lista de alvos, os ministros do Supremo Tribunal Federal (STF), as urnas eletrônicas (mesmo tendo vencido!) e, a partir da pandemia, as vacinas contra a Covid-19. O jogo do “nós” x “eles” nunca esteve tão

presente no bolsonarismo quanto a partir de sua posse como presidente até os dias de hoje. Começando pelo fato de chamar a doença que gerou a pior crise sanitária do mundo desde a Gripe Espanhola (1918) de “gripezinha”. E fez isso mais de uma vez, conforme reportagem da BBC de novembro de 2020, mesmo ele tendo negado posteriormente, ou seja, mentido:

Durante a sua já tradicional live das quintas-feiras, o presidente Jair Bolsonaro disse que nunca chamou a covid-19 de " gripezinha" e afirmou que não existe nenhuma gravação que mostre o contrário.

"A grande mídia falando que eu chamei de gripezinha a questão do covid. Não existe um vídeo ou um áudio meu falando dessa forma", disse o presidente.

Em março deste ano, no entanto, o presidente usou a expressão ao menos duas vezes publicamente. A primeira vez, em uma coletiva de imprensa, no dia 20 de março: "Depois da facada, não vai ser uma gripezinha que vai me derrubar, tá ok?".

Quatro dias depois, voltou a usar o termo em pronunciamento nacional em rádio e TV:

"No meu caso particular, pelo meu histórico de atleta, caso fosse contaminado pelo vírus, não precisaria me preocupar, nada sentiria ou seria, quando muito, acometido de uma gripezinha ou resfriadinho, como bem disse aquele conhecido médico, daquela conhecida televisão". (BBC, 2020, n.p.).

As falas de Bolsonaro fizeram com que ele entrasse em rota de colisão com diversos prefeitos e governadores que tentaram, através de diversas medidas, proteger a população do coronavírus. Durante a pandemia em nenhum momento o ex-presidente fez qualquer tipo de pedido para que as pessoas ficassem em casa. Muito pelo contrário: desaconselhou a população a adotar esta medida. Vejamos artigo do portal Uol de setembro de 2020, pouco antes das eleições municipais:

O presidente Jair Bolsonaro (sem partido) chamou o isolamento social de "conversinha mole" e disse que a campanha "fique em casa" é "para os fracos". A declaração ocorreu hoje durante um evento em Sorriso, em Mato Grosso, onde o presidente foi recebido por produtores rurais e executivos do agronegócio. "Vocês não pararam durante a pandemia. Vocês não entraram naquela conversinha mole de 'fique em casa, que a economia a gente vê depois'", afirmou ele a uma plateia formada por ruralistas. "Isso é para os fracos. O vírus, eu sempre disse, era uma realidade, e tínhamos que enfrentá-lo. Nada de se acovardar perante aquilo que nós não podemos fugir dele". (UOL, 2020, n.p.).

Certamente tais colocações incentivaram a aglomeração (legal ou ilegal) de pessoas durante o período pandêmico. Quanto mais pessoas aglomerando, mais casos de infecção por covid-19. Quanto mais infecções, mais internações e mais mortes. Um sinal de certa desaprovação da população em geral com o então governo federal já veio na forma de voto nas eleições de 2020. Isso sem contar a total falta de respeito com a memória das vítimas e a ausência de empatia com os familiares dos mortos, a

recomendação de remédios sem eficácia científica comprovada, dentre tantos outros absurdos.

Dos 13 candidatos apoiados publicamente pelo ex-presidente, apenas dois foram eleitos: Gustavo Nunes (PSL) em Ipatinga (MG) e Mão Santa (DEM) em Parnaíba (PI). Nenhum dos candidatos a prefeito em capitais apoiados por Bolsonaro venceram o pleito. Também foram apoiados publicamente 45 vereadores em 27 cidades. Destes, 35 não se elegeram (destes, 31 ficaram como suplentes) e apenas 10 foram eleitos.

2.4 AS ELEIÇÕES DE 2022 E SEUS PARADOXOS

O pleito teve diferenças em relação ao de 2018, como a participação ativa do Tribunal Superior Eleitoral (TSE) para a garantia de eleições livres e justas. O foco principal de ação foram as redes sociais digitais. Na difícil missão de garantir o cumprimento das leis eleitorais e da Constituição, o ministro Alexandre de Moraes foi fundamental. As redes sociais digitais não eram mais “terra de ninguém” como em 2018. O florescimento de diversos canais progressistas no YouTube após as eleições de 2018 e já consolidados em 2022 equilibrou um pouco mais a balança na internet. Além disso, a derrubada por determinação judicial, por vezes emitida pelo TSE de canais de extrema-direita fez diminuir um pouco a desigualdade neste jogo eleitoral digital.

Um dos grandes acertos do PT no pleito foi a participação ativa de André Janones nas redes sociais. Tal político, com muito traquejo ao lidar com a internet, proporcionou não só voz e vez para o campo progressista apresentar suas ideias como também para denunciar as Fake News dos bolsonaristas. Não só a forma de comunicação, mas também a velocidade com a qual se desmentia as invenções bolsonaristas foi muito importante.

Não podemos esquecer dos acertos político-partidários do PT. São vários: a escolha de Geraldo Alckmin (PSB) como vice-presidente na chapa presidencial foi um aceno à burguesia brasileira; a formação de uma frente ampla contando com vários partidos apoiando Lula desde o primeiro turno e aumentando o número de siglas no segundo turno; o apoio mais do que firme de Simone Tebet (MDB) no segundo turno, gerando simpatia nos eleitores e principalmente nas mulheres eleitoras da sul-mato-grossense; O apoio do Partido Democrático Trabalhista (PDT) na figura de seu presidente, Carlos Lupi e até mesmo o fraquíssimo apoio do quarto colocado na eleição

presidencial Ciro Gomes (PDT) a Lula, já que pior seria para o PT se tivesse declarado neutralidade; o forte apoio de Marina Silva, que serviu de aceno aos ambientalistas, às mulheres e aos evangélicos. Cada voto foi importante.

Outro papel fundamental foi o da Rede Globo. Sempre alvo de Bolsonaro durante seus quatro anos como presidente, não deixou-se intimidar pelos bolsonaristas que até hoje a chamam de “Globalixo”. Se a Globo lutou incansavelmente pelo enfraquecimento do PT nas Jornadas de Junho de 2013 e no golpe parlamentar de Roussef, em 2022 a emissora colocara-se em oposição a Bolsonaro e, mesmo que de forma indireta, a favor do PT e de Lula. Isso não quer dizer que a emissora agora é de esquerda, muito longe disso. A aliança indireta foi apenas para derrotar o inimigo comum, o bolsonarismo. Agora com Lula no poder certamente fará oposição ao governo, a não ser que seja para defendê-lo de uma tentativa de golpe de Estado como o ocorrido em 8 de janeiro de 2023, pois isso impactaria diretamente na sua liberdade de expressão.

Por outro lado, foram diversos os erros cometidos tanto pelo governo Bolsonaro como pelos bolsonaristas: a péssima gestão da pandemia levou à instauração da Comissão Parlamentar de Inquérito (CPI) da Pandemia (2021), que ajudou no desgaste da imagem do governo federal; no mesmo ano, a ruptura com diversos aliados, como o Movimento Brasil Livre (MBL) e o Vem Pra Rua, além do Partido Novo (NOVO) e figuras conhecidas como o apresentador José Luiz Datena e Ronaldo Caiado (DEM); antes mesmo de começar a campanha eleitoral, o assassinato do tesoureiro do PT em Foz do Iguaçu (PR), Marcelo Arruda, por um policial bolsonarista; a dificuldade imensa de apoio formal de outras siglas partidárias; a escolha de Braga Netto (PL) como vice em sua chapa, formando-a assim com dois candidatos do mesmo partido numa eleição tão disputada e com necessidade de apoio; o ex-deputado federal Roberto Jefferson (PTB) receber agentes da polícia federal em sua casa com tiros e até granada a alguns dias do segundo turno das eleições; a deputada federal Carla Zambelli (PL) correr com uma pistola mirando em um petista a algumas quadras da Avenida Paulista. Cada ação teve seu peso numa derrota por uma margem tão pequena de votos dada a proporção de eleitores. Os episódios de violência não afetam significativamente as intenções de voto dos bolsonaristas fanatizados, mas sim a intenção de votos de antipetistas que votariam em Bolsonaro não tanto por causa de suas ações/ideias, mas principalmente como repúdio a Lula e ao PT.

Em relação ao parlamento, as eleições de 2022 desenharam um cenário diferente. O bolsonarismo mostrou ainda possuir força. Na interpretação da jornalista da Jovem Pan, Caroline Hardt, os dados mostram que o bolsonarismo saiu vitorioso:

Em números, é possível dizer que o Partido Liberal (PL), legenda de Bolsonaro, desponta como a sigla que mais elegeu parlamentares em 2022. (...). No Senado, a renovação de um terço da Casa também impulsionou a eleição da direita conservadora, levando o PL ao posto de maior bancada, com 15 senadores contra 9 do PT. Em outras palavras, os dados mostram que apesar de Bolsonaro não ter sido reeleito na disputa mais acirrada da história da política brasileira, o bolsonarismo sai vitorioso em 2022 e ainda respira – e tem forças – para 2026. (HARDT, 2022, n.p.).

Discordamos parcialmente da análise de Hardt. Se o chefe da nação é Lula, como pode o bolsonarismo sair vitorioso? Lula e o PT venceram a eleição ao cargo mais importante do país, e isso não significa pouca coisa. É a primeira vez na história da república desde a redemocratização (1989) que um presidente em exercício tenta uma reeleição e não consegue: Fernando Henrique Cardoso, Lula e Dilma Rouseff, conseguiram. Apenas Bolsonaro não conseguiu.

Um dos argumentos é que o PL elegeu mais parlamentares que o PT. Entretanto, tendo o poder nas mãos, o PT pode muito bem convencer deputados e senadores e seus respectivos partidos a entrarem para a base aliada em troca de cargos e ministérios. Isso não quer dizer que a oposição será fraca ou pequena, mas Lula tem o que e com quem negociar.

Mas isso são meras especulações. Preferimos aguardar as cenas dos próximos capítulos do que tentar fazer exercícios de futurologia. Passamos agora a falar sobre as manifestações contra o resultado das eleições para presidente.

2.4.1 Bolsonarismo e a negação da realidade

O fato de Bolsonaro não aceitar de imediato o resultado da eleição presidencial manteve o seu núcleo fanatizado mobilizado em todo o país. Tal grupo acredita sem comprovação nenhuma que as eleições foram fraudadas e o vencedor de fato e direito foi seu líder máximo. Os protestos antidemocráticos bloquearam rodovias em 1.087 pontos espalhados por todo o território nacional. Iniciaram no próprio domingo após o resultado das eleições, dia 30 de outubro. Na quarta-feira, dia 02 de novembro, o ex-presidente fez um vídeo pedindo a desobstrução das rodovias. Mesmo assim, os últimos bloqueios foram

retirados apenas no dia 10 de novembro. Mas isso não fez com que os golpistas desistissem.

Pelo Brasil todo, milhares de fanáticos acamparam em frente a dezenas de quartéis e instituições militares. O movimento antidemocrático chegou ao fim apenas quando o ministro Alexandre de Moraes ordenou ainda na noite do dia 08 de janeiro a retirada e dissolução num prazo de 24 horas dos acampamentos golpistas após 70 dias de seu início. A polícia militar foi a instituição escolhida para fazer cumprir a ordem. Moraes decidiu agir de forma enérgica após uma tentativa fracassada de golpe de Estado no dia 08 de janeiro. Antes de analisar este dia fatídico, debruçemo-nos sobre o seu prelúdio.

2.5 08 DE JANEIRO DE 2016: DO PRELÚDIO ÀS CONSEQUÊNCIAS

O que aconteceu dia 08 de janeiro não começou dia 08 de janeiro: começou dia 17 de abril de 2016. O então deputado federal Jair Messias Bolsonaro, eleito pelo estado Rio de Janeiro (RJ) e então filiado ao Partido Social Cristão (PSC), proferiu as seguintes palavras:

Nesse dia de glória para o povo brasileiro, tem um nome que entrará para a história nessa data pela forma como conduziu os trabalhos nessa casa. Parabéns, presidente Eduardo Cunha! Perderam em meia quatro, perderam agora em 2016. Pela família e pela inocência das crianças em sala de aula que o PT nunca teve; contra o comunismo; pela nossa liberdade; contra o Foro de São Paulo; pela memória do coronel Carlos Alberto Brilhante Ustra, o pavor de Dilma Rousseff; pelo exército de Caxias; pelas nossas Forças Armadas; por um Brasil acima de tudo e por Deus acima de todos, o meu voto é sim!!! (CÂMARA DOS DEPUTADOS, PLENÁRIO - Sessão Deliberativa - 17/04/2016 - 14:00, 06:53:21 – 06:54:13).

Bolsonaro exaltou o torturador de Rousseff nos tempos da ditadura quando votou a favor de seu impeachment. Fez apologia à ditadura e à tortura. Não foi a primeira vez. Numa entrevista em maio de 1999, defendeu os mesmos crimes. E ninguém fez nada em nenhuma das duas ocasiões.

Façamos um pequeno e rápido exercício meramente hipotético: se Bolsonaro tivesse seu mandato cassado, seja por apologia ao crime, seja por quebra de decoro parlamentar, que rumos a história do nosso país poderia ter tomado? Difícil saber. Mas o recado para os extremistas teria sido dado. Mas não foi isso o que aconteceu. A impunidade fez com que seus seguidores sentissem-se à vontade para pedir golpe de Estado.

Bolsonaro sempre expôs seus ideais absurdos, sem que com isso ele próprio caísse no ostracismo político. Muito pelo contrário. Sua comunicação agressiva e simplória causou uma sensação de identificação e representatividade em milhões de pessoas em todo território nacional. O bolsonarista enxerga Bolsonaro como um espelho de si mesmo.

Vamos agora aos últimos atos antes do dia 08 de janeiro. Do dia 12 de dezembro de 2022 até o fatídico dia 08 de janeiro de 2023, houve uma escalada golpista no Brasil. Atentamo-nos à cronologia do fatos:

Em 12 de dezembro, ocorre a diplomação de Lula (na prática, a cerimônia confirma o processo eleitoral e autoriza a chapa vencedora a tomar posse). No discurso, o presidente eleito chora ao se lembrar de críticas por não ter diploma universitário.

Em seu discurso, Alexandre de Moraes afirma que a diplomação atesta a “vitória plena” da democracia e do Estado de Direito. Também critica a disseminação de “fake news”.

No mesmo 12 de dezembro, extremistas espalham (e comemoram) uma mentira: a diplomação (que um deles chamou de “diplomacia”) de Lula vai ser cassada (não foi), e a suspensão vai sair no “Diário Oficial da União” (não saiu). (MURARO, 2023, n.p.).

Cabe aqui uma breve indagação. Poderia ser considerado o bolsonarismo uma seita política? Acreditamos que sim. O militante bolsonarista opera de forma semelhante a um fundamentalista religioso: negacionismo perante às ciências; crença em verdades absolutas e inquestionáveis; fé em detrimento da razão; negação de toda e qualquer visão diferente à própria crença; a causa acima de tudo e de todos. O trecho a seguir reforça tal hipótese:

Também no dia 12 e depois da diplomação do adversário, Bolsonaro recebe apoiadores diante do Palácio da Alvorada. Lá, ouve uma oração acompanhado de um religioso e de crianças, mas não discursa.

Naquela noite, bolsonaristas radicais promovem diversos atos de vandalismo em Brasília. Eles tentam invadir a sede da PF e atacam uma delegacia. Carros e ônibus e são danificados e incendiados. Ninguém é preso.

A depredação começa em frente à PF, após o cumprimento de um mandado de prisão temporária contra o indígena José Acácio Tserere Xavante, apoiador de Bolsonaro. (MURARO, 2023, n.p.).

A impunidade em relação aos crimes cometidos na noite de 12 de dezembro em Brasília é chocante. A frouxidão para com os extremistas foi estarrecedora e serviu de combustível para o motor do golpismo. Foi então que um dos fanáticos sentiu-se à vontade para tentar espalhar o caos de vez:

12 dias depois, na véspera de natal, um explosivo é encontrado perto do Aeroporto de Brasília.

(...)

Segundo autoridades, o acampamento de extremistas em frente ao Exército tem relação tanto com esse episódio quanto com a noite de barbárie de 12 de dezembro.

Preso como autor do atentado de 24 de dezembro, George Washington de Oliveira Sousa, de 54 anos, declara ter participado de atos antidemocráticos e que sua intenção era iniciar o "caos" e que pretendia alcançar a decretação de estado de sítio no país.

Em 28 de dezembro, Alexandre de Moraes suspende temporariamente porte de armas de fogo no DF, atendendo a um pedido da equipe de Lula às vésperas da posse. A suspensão ocorre quatro dias após o bolsonarista George Washington ser autuado em flagrante por terrorismo. (MURARO, 2023, n.p.).

Acreditamos que a animosidade e a organização do ato golpista já era tamanha na véspera de Natal que não era uma pessoa presa que amedrontaria os bolsonaristas. A tempestade já estava quase pronta. A lentidão (e omissão) do poder público foi fundamental em todo o processo. Os acampados continuaram sonhando com o golpe de Estado. Sem desanimar, prosseguiram:

Em 30 de dezembro, depois da última live de Bolsonaro como presidente, radicais no acampamento dizem que não irão retroceder e insistem: “Não desanimem. O presidente não pediu pra gente sair, [...] estava só se despedindo”.

(...)

Depois de semanas de reclusão e longe das transmissões, Bolsonaro fica com voz embargada algumas vezes durante a live e faz longas pausas. Na tarde do próprio dia 30 de dezembro, embarca no avião presidencial rumo aos EUA. (MURARO, 2023, n.p.).

A omissão de Bolsonaro perante tudo que estava acontecendo demonstra a sua total falta de compromisso com a democracia. Embora pareça óbvio, é preciso dizer: ele é a chave para entender todo o processo. Quando presidente, sua falta de respeito com as instituições (especialmente STF) e com diversas pessoas são atitudes exemplares para seus correligionários. Para os bolsonaristas, se Bolsonaro ofende alguém, é porque deve ser ofendido mesmo. A figura de um líder infalível (ou como ele diz, “imbrochável”) é condição *sine qua non* de qualquer tipo de fascismo e suas variantes. Faz-se necessário um “messias”. Após sua saída (ou seria fuga?) para os EUA, o então vice-presidente Hamilton Mourão assumiu a presidência:

Na ausência do titular, cabe ao vice Hamilton Mourão fazer um pronunciamento de fim de ano. No discurso de 31 de dezembro, ele critica “lideranças” que, “com silêncio”, deixaram para as Forças Armadas a conta por “inação” ou por um “pretensão golpe”.

Sem falar diretamente dos acampamentos golpistas, Mourão declarou: "Tranquilizemo-nos! Retornemos à normalidade da vida, aos nossos afazeres e ao concerto de nossos lares".

Após as falas de Bolsonaro e Mourão, o número de golpistas no acampamento em Brasília cai bastante. Se antes dos pronunciamentos parte deles ainda tinha expectativa de algum anúncio que mudaria tudo, agora os extremistas declaram decepção com o ex-vice-presidente e o chamam de traidor. (MURARO, n.p.).

É possível deduzir que o movimento golpista foi subestimado pelo governo que assumira em 1º de janeiro? Acreditamos que sim. Talvez a aposta do novo governo era que depois da fala de Mourão o movimento em frente aos quartéis acabaria naturalmente, sem a necessidade da utilização da força. A partir da fala de Mourão e dois meses à frente de instituições militares, os golpistas completamente fanatizados e cegos pela própria ideologia negam-se a acreditar na realidade, que é Lula presidente:

Na tarde de 1º de janeiro de 2023, em sessão solene no Congresso Nacional, Luiz Inácio Lula da Silva toma posse como o 39º presidente do Brasil, dando início a seu terceiro mandato. No discurso, fala em "democracia para sempre".

A cerimônia leva centenas de milhares de apoiadores do petista à Esplanada dos Ministérios. Em momento marcante, Lula recebe a faixa presidencial de pessoas comuns, representantes do povo brasileiro.

(...)

Nas redes sociais golpistas, circulam mensagens afirmando que a faixa usada por Lula na solenidade foi fraudada, pois é diferente da que Jair Bolsonaro usou ao assumir o governo em 2018. (MURARO, n.p.).

O delírio coletivo golpista é assustador. Um detalhe tão pequeno como uma faixa presidencial foi usado para criar-se uma narrativa absurda e mentirosa de que não houve uma verdadeira posse e que tudo não passava de uma fraude. Mais do que negar a realidade, os terroristas inventaram a sua própria realidade:

Ao longo dos mais de dois meses de movimento golpista, bolsonaristas clamam em diversos momentos pela ajuda do general Augusto Heleno, ministro do Gabinete de Segurança Institucional do governo Bolsonaro. Em 2 de janeiro, radicais espalham a mentira de que Heleno assumiu o comando do país.

(...)

Em 1º de janeiro de 2023, o “Diário Oficial da União” publica a exoneração de 19 ministros de Bolsonaro. Augusto Heleno está entre eles.

Em 2 de janeiro, o presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, reúne-se com 15 chefes de Estado que, na véspera, participaram da cerimônia de posse. (MURARO, 2023, n.p.).

Todo e qualquer bolsonarista que clamou por golpe deveria ter sido preso. Não só para que a lei seja cumprida (já que tal ato é crime), mas também para servir de exemplo aos demais. Não podemos dar liberdade e democracia a quem deseja tortura e morte. Deveria ser tão difícil pedir ditadura em plena democracia como seria pedir democracia numa ditadura. Precisamos colocar o paradoxo da tolerância de Karl Popper em prática para proteção da democracia.

2.5.1 O ataque terrorista de 08 de janeiro

Com o passar dos dias e das eternas “mais 72 horas”, a decisão dos terroristas foi a de agir. Com cerca de apenas 200 pessoas no acampamento antidemocrático em Brasília, tudo parecia tranquilo. Isso até o dia 07 de janeiro, quando a capital federal presenciou uma verdadeira invasão golpista:

No início de janeiro, ocorre uma debandada no acampamento golpista, que neste momento fica com não mais que 200 pessoas. Mas, a partir do dia 7, ocorre invasão em massa a Brasília, que vê chegarem mais de cem ônibus, com cerca de 4 mil pessoas.

É do acampamento que sai boa parte do grupo de terroristas que depredam o Congresso, o Planalto e o STF. Na caminhada de 8 Km até a Praça dos Três Poderes, a horda de vândalos é escoltada pela polícia. (MURARO, 2023, n.p.).

A polícia militar não foi apenas omissa em relação aos atos terroristas: foi cúmplice. A pergunta que fica é: a cumplicidade dos policiais foi uma ordem dada pelo alto comando ou foi algo espontâneo? Houve algum colaboracionismo por parte do poder executivo distrital? Tudo isso precisa ser rigorosamente apurado e os responsáveis punidos com o rigor da lei. A partir do momento em que os bolsonaristas chegaram à Praça dos Três Poderes, o que foi visto foram cenas de completa irracionalidade e insanidade coletiva:

Terroristas quebram vidraças e móveis, vandalizam obras de arte e objetos históricos, invadem gabinetes de autoridades, rasgam documentos e roubam armas. Muitos deles transmitem a selvageria ao vivo, nas redes sociais.

Depois da barbárie, parte dos extremistas retorna ao acampamento golpista em frente ao quartel-general do Exército. Alguns dizem querer “botar fogo no STF”. (MURARO, 2023, n.p.).

Os prejuízos patrimoniais calculados até agora estão na ordem de 6,5 milhões de reais. A horda de bolsonaristas enraivecidos não poupou absolutamente nada. Isso sem contar o furto de diversos objetos, incluindo uma cópia da Constituição Federal de 1988, recuperada posteriormente. E ainda colocam-se como se fossem contra os “ladrões”. No mesmo dia, medidas importantes foram tomadas tanto do executivo quanto do judiciário federal para dar um fim a completa barbárie e reestabelecer a lei e a ordem:

Embora as ações antidemocráticas dos golpistas estejam sendo combinadas há dias pelas redes sociais, autoridades DF não adotam medidas preventivas para proteger os prédios.

PM do DF é criticada por se omitir. Vídeos mostram policiais conversando com bolsonaristas e filmando a invasão do Congresso.

À tarde, o governador do DF, Ibaneis Rocha, anuncia exoneração do Secretário de Segurança Pública do DF, o bolsonarista Anderson Torres, que está de férias nos Estados Unidos e tinha sido ministro da Justiça do governo anterior.

O presidente Lula, que estava no interior de SP no momento dos ataques, volta a Brasília na noite de 8 de janeiro e decreta intervenção federal para assumir a segurança pública do DF. Alexandre de Moraes afasta Ibaneis do cargo por 90 dias. (MURARO, 2023, n.p.).

As medidas citadas foram assertivas e importantes, mas não podem parar por aí. Certamente podemos classificar o dia 08 de janeiro como uma tragédia anunciada. Ibaneis Rocha (MDB) é publicamente conhecido como bolsonarista e escolheu para comandar a pasta da Secretaria de Segurança Pública do Distrito Federal o ex-ministro do governo Bolsonaro, Anderson Torres, do União Brasil (UNIÃO). Investigações irão apurar a conduta de ambos em relação ao terrorismo do dia 08 de janeiro. Continuamos:

Na noite do dia 8, centenas de golpistas são presos em flagrante. Fotos e vídeos permitem a identificação de vários terroristas.

Na manhã de 9 de janeiro, a PM do DF e o Exército realizam uma operação para desmontar o acampamento golpista, após decisão de Alexandre de Moraes.

Os criminosos são retirados do local em cerca de 50 ônibus e levados ao ginásio da Academia Nacional da PF para passar por triagem. (MURARO, 2023, n.p.).

Foi necessário o cometimento de diversos crimes e a invasão à sede dos três poderes para que as autoridades públicas agissem firmemente para colocar um fim nos acampamentos criminosos. Ainda no domingo (8), Alexandre de Moraes determina que não só os acampamentos sejam dissolvidos num prazo de 24 horas como também a desobstrução de toda e qualquer via pública, além da desocupação de todo e qualquer prédio público. Já os criminosos que foram atrás de golpe em Brasília, encontraram a prisão:

Depois, eles são encaminhados ao Complexo da Papuda ou à Penitenciária Feminina do DF.

Mais de 1,4 mil bolsonaristas golpistas são presos.

(...)

Em 9 de janeiro, Lula se reúne com governadores de 23 estados e representantes de outros quatro. “Não vamos permitir que a democracia escape das nossas mãos”, afirmou. Depois, ele saiu em caminhada simbólica com ministros até o STF. (MURARO, 2023, n.p.).

É importante afirmar que as atitudes tomadas após toda a tragédia parecem-nos quase irretocáveis. A prisão de tantos criminosos talvez faça arrefecer um pouco a sanha dos golpistas. No momento em que escrevemos, conforme a Advocacia-Geral da União

(AGU), já foram identificadas 52 pessoas e 7 empresas financiadoras dos atos golpistas de 08 de janeiro.

Mas é preciso ficar atento. Como diria Bertold Brecht: “A cadela do fascismo está sempre no cio”. Cabe ao Estado e à sociedade civil organizada estabelecer uma “castração permanente”, a começar o mais rápido possível. Passamos agora para as reflexões acerca dos termos fascismo, neofascismo e pós-fascismo e as possíveis aproximações e distanciamentos com o bolsonarismo.

2.6 REFLEXÕES SOBRE FASCISMO, NEOFASCISMO E PÓS-FASCISMO

Precisamos responder a uma pergunta nevrálgica: o que é o fascismo? Não há uma resposta única e imutável. Estabelecemos aqui um debate, buscando as principais respostas possíveis para o tema, já que não há consenso acadêmico sobre o conceito. Apresentamos então os principais conceitos estabelecidos no mundo científico, buscando o estabelecimento de critérios para decidirmos qual deles nos parece mais adequado para utilização. Vejamos então as definições de fascismo, neofascismo e pós-fascismo para posteriormente estabelecermos aproximações e distanciamentos com o bolsonarismo.

Um dos estudos mais importantes sobre o tema é o do teórico político Roger Griffin no seu livro *The Nature of Fascism* (1993). Segundo o autor: “Fascismo é um tipo de ideologia política cuja essência mítica em suas várias permutações é uma forma palingenética de ultranacionalismo populista” (apud BUGALHO, 2021). A ideia de um passado glorioso e um presente em profunda crise moral alimenta o motor do fascismo. O medo e o pânico moral espalhado pelas ideias fascistas faz com que tal grupo busque num passado supostamente glorioso o seu subterfúgio à realidade que os cerca. A chave para o “futuro glorioso” é o suposto passado glorioso.

No livro *Bolsonaro e o Fascismo*, o escritor Henry Bugalho (1980) discorre sobre o pensamento de Griffin:

Sei que essa definição pode parecer demasiadamente complicada ou hermética, principalmente quando nos deparamos com uma palavrinha específica – ‘palingenética’ – que parece obscurecer seu significado, mas que, de maneira concisa, significa essa noção de que o fascismo seria um ‘renascimento nacional’, que traria de novo toda a glória de tempos passados a ser resgatada através dos atos do povo sob orientação do líder máximo e quase mítico. Nessa definição de Griffin, estão presentes todos os elementos necessários para a compreensão do fenômeno político do fascismo: o nacionalismo, o populismo e o renascimento mítico desse espírito nacional. (BUGALHO, 2021, pp.5-6).

É possível interpretar a definição de Griffin da seguinte forma: a questão da identidade é fundamental para o fascismo. E essa identidade afirma-se na negação da identidade do outro, não só num processo de distinção, mas também na eliminação física do diferente. Aqueles que não comungam da mesma perspectiva de mundo devem ser exterminados. Isso ficou evidente tanto no fascismo italiano de Benito Mussolini quanto no nazifascismo alemão de Adolf Hitler.

Mais do que uma ideologia, o fascismo é a própria negação da política. É a negação da negociação com adversários políticos, da resolução pacífica dos conflitos, da autodeterminação dos povos e da não intervenção em “assuntos domésticos” de outras nações. É a desumanização do outro posta em prática e levada até as suas últimas consequências.

Mas quem seria este “outro”? Podemos classificar a ideologia fascista como antianarquista, anticomunista e antiliberal. A violência possui papel fundamental. Não apenas a violência física, mas também a violência simbólica, a ofensa pessoal, e a xenofobia. A desumanização do inimigo é fundamental para o seu combate.

Já Robert Paxton em seu livro *A Anatomia do Fascismo* compreende como algo progressivo e com elementos emocionais. São eles:

- uma noção de uma crise esmagadora além do alcance de qualquer solução tradicional;
- a primazia do grupo, para o qual se tem deveres superiores a cada direito, seja individual ou universal, e a subordinação do indivíduo a ele;
- a crença de que o seu grupo é uma vítima, um sentimento que justifica qualquer ação, sem limites legais ou morais, contra seus inimigos, tanto internos quanto externos;
- o temor do declínio do grupo diante dos efeitos corrosivos do liberalismo individualista, da luta de classes e de influências estrangeiras;
- a necessidade de uma integração mais próxima de uma comunidade mais pura, através do consentimento, se possível, ou através de violência excludente, se necessário;
- a necessidade da autoridade de chefes naturais (sempre homens), culminando em um chefe nacional que sozinho é capaz de encarnar o destino histórico do grupo;
- a superioridade dos instintos do líder sobre a razão abstrata e universal;
- a beleza da violência e a eficácia da vontade, quando elas são dedicadas ao sucesso do grupo;
- O direito das pessoas escolhidas de dominarem as outras sem restrições de qualquer tipo de leis humanas ou divinas, com o certo sendo decidido apenas

pelo critério da bravura do grupo no interior de uma luta darwiniana. (apud BUGALHO, 2022, p. 06).

Podemos concluir a partir do trecho acima que no fascismo teoria e prática são uma coisa só: para seus adeptos, suas crenças não representam crenças, mas sim verdades absolutas e imutáveis. Isso aproxima profundamente, sob o ponto de vista retórico, com o pensamento de qualquer fundamentalista religioso. Tais “verdades” devem ser colocadas em prática da forma que necessário for. Os fins justificam os meios. Por vezes, fins e meios são uma coisa só.

A violência, por exemplo, é um meio utilizado para menosprezo e/ou eliminação dos não fascistas, mas também é um fim em si mesmo, já que é vista como algo extremamente necessário e positivo. O mundo deve ser dominado pelos mais fortes, mesmo que isso signifique sacrificar a si mesmo pela causa. O interesse coletivo fascista deve-se sobrepor ao interesse individual, seja ele qual for. Há aqui presente outro fator semelhante ao fundamentalismo religioso, que é a ideia de abdicação em nome de uma causa abstrata que está acima de tudo e todos.

Bugalho finaliza o texto tentando responder a seguinte pergunta: Bolsonaro é fascista? O autor discorre sobre o tema colocando uma resposta provisória e de certa forma inacabada:

Talvez ele queira ser, mas ainda não possui condições para tal.

Nem todos os governos ou governantes autoritários são fascistas. Embora haja uma tendência errônea de equivalência entre estes dois conceitos, devemos pensar no autoritarismo como um grupo, enquanto o fascismo seria um subgrupo.

O autoritarismo estabelece um regime no qual a liderança máxima se mune da violência como forma de subjugação da população e, particularmente, para controlar insurgentes ou dissidentes, mas a violência não é um fim em si mesmo como no fascismo, mas um meio para um fim, isto é, o controle. (BUGALHO, 2022, p. 09).

Os questionamentos que ficam a partir da linha de raciocínio de Bugalho são os seguintes: um líder fascista é apenas fascista quando consegue, além de tomar o poder, concretizar seus desejos? Teria Mussolini se tornado um fascista apenas a partir do momento que começou a perseguir e executar seus opositores? Teria Hitler se tornado nazifascista somente quando conseguiu colocar em prática os campos de concentração e extermínio e conseqüentemente o holocausto?

A visão de Bugalho sobre fascismo parece-nos diferente (embora não antagônica) ao da filósofa judaico-alemã Hannah Arendt (1906-1975). A diferença básica consiste na

classificação. O autor coloca o “autoritarismo” como um grande grupo e dentro de um de seus subgrupos está o fascismo. Já a filósofa liberal utiliza em seus escritos a palavra “totalitarismo” para classificar experiências que buscavam controlar todas as esferas da vida humana. Neste grupo estão não só as experiências de extrema-direita consideradas totalitárias (como o fascismo italiano e o nazi-fascismo alemão) como também as de extrema-esquerda (como o stalinismo soviético e o maoísmo chinês). Ou seja, os subgrupos são as experiências de extrema-esquerda e extrema-direita, ambos sob a égide do termo “totalitarismo”.

Arendt deu várias contribuições importantes para o tema. Destacamos uma especificamente colocada no prefácio do livro *As origens do totalitarismo III: totalitarismo, o paroxismo do poder*, no qual a escritora acaba com certa dúvida histórica. Observamos:

É muito perturbador o fato do regime totalitário, malgrado o seu caráter evidentemente criminoso, contar com o apoio das massas. Embora muitos especialistas neguem-se a aceitar esta situação, preferindo ver nela o resultado da força da máquina de propaganda e de lavagem cerebral, a publicação, em 1965, dos relatórios originalmente sigilosos, das pesquisas da opinião pública alemã dos anos 1939-1944, realizadas então pelos serviços secretos da SS (Meldungen aus dem Reich Auswahl aus den Geheimen Lageberichten des Sicherheitsdienstes der S.S. 1939-1945 [Relatórios do Reich. Seleção dos relatórios sigilosos colhidos pelo Serviço da Segurança da S.S.], Neuwied & Berlin, 1965) demonstra que a população alemã estava notavelmente bem informada sobre o que acontecia com os judeus ou sobre a preparação do ataque contra a URSS, sem que com isso se reduzisse o apoio dado ao regime. (ARENDR, 1979, p. 09).

Os alemães sabiam exatamente o que estava acontecendo em seu país, e nem por isso diminuíram o apoio ao regime nazista. Quebra-se então a ideia de que o povo alemão não sabia o que estava acontecendo e estava sendo apenas manipulado pelo regime. A partir disso, podemos nos indagar o seguinte: qualquer fascista de qualquer experiência fascista soube realmente o que estava acontecendo e porque estava agindo de tal forma ou era apenas uma massa de manobra fruto de uma propaganda geradora de medo e pânico moral? Difícil responder. Talvez uma pergunta mais fácil seria: mesmo se os fascistas soubessem de todas as atrocidades, manteriam seu apoio ao regime e ao amado líder? A resposta é que muito provavelmente sim.

Mas voltamos agora para as questões conceituais. O historiador Enzo Traverso (1957) reflete sobre as diferenças entre três conceitos: fascismo, neofascismo e pós-fascismo. O primeiro conceito aplica-se às experiências de extrema-direita no período

entreguerras em continente europeu. Já o neofascismo e o pós-fascismo referem-se a experiências em períodos posteriores. Conforme o autor:

O Pós-fascismo também deve ser distinguido do neofascismo, que é uma tentativa de perpetuar e regenerar o velho fascismo. São exemplos disto, vários partidos e movimentos que surgiram na Europa Central ao longo das últimas duas décadas (Jobbik na Hungria, por exemplo) pregam abertamente uma continuidade ideológica com o fascismo histórico. O pós-fascismo é algo mais: em muitos casos, ele surge de um passado fascista clássico, mas vem mudando suas formas. Muitos movimentos pertencentes a esta constelação não apelam a essas origens e se distinguem do neofascismo. De qualquer modo, eles não exibem uma continuidade ideológica com o fascismo clássico. No esforço de defini-los, não podemos ignorar o ventre fascista de onde eles surgiram, na medida em que essas são suas raízes históricas, mas também devemos levar em consideração suas metamorfoses. Eles se transformaram e tomaram um rumo cujo resultado é imprevisível. Quando tiverem se estabelecido como outra coisa, com características política e ideológica estáveis, teremos que cunhar uma nova definição. O pós-fascismo pertence a um regime particular de historicidade - começo do século XXI - o que explica seu conteúdo ideológico errático, instável e contraditório, no qual se misturam filosofias políticas antinômicas. (TRAVERSO, 2019, p.15).

Podemos a partir de então perceber a sensível diferença entre neofascismo e pós-fascismo. Para Traverso, o neofascismo remete-se a movimentos de extrema-direita que reivindicam para si a herança ideológica do fascismo histórico. Já o pós-fascismo coloca-se como um fenômeno de extrema-direita contemporâneo que não reivindica a continuidade ideológica com as experiências europeias do entreguerras. Totalmente imprevisíveis, aglutinam diversos segmentos da sociedade que possuem interesses distintos e, por vezes, conflitantes. Enquanto o fascismo sabia exatamente o que queria e o que rejeitava para o país e o mundo, o pós-fascismo sabe muito mais aquilo que não deseja do que aquilo que almeja, embora possa existir um consenso mínimo em certos pontos.

Traverso prossegue e estabelece mais uma diferença entre o fascismo histórico e o pós-fascismo:

Um dos pilares fundamentais do fascismo clássico foi o anticomunismo. Mussolini definiu seu movimento como sendo uma “revolução contra revolução”). Não há nada comparável na imaginação pós-fascista, que não é assombrada por figuras Jungerianas de milicianos com corpos metálicos esculpidos nas trincheiras. Conhecem-se apenas corpos esculpidos em academias esportivas. O comunismo e a esquerda não são mais seus inimigos mortais e principais. Na paisagem mental do pós-fascismo, o terrorista islâmico que substituiu o bolchevique não trabalha nas fábricas mas sim se esconde nos subúrbios ocupados por imigrantes pós coloniais. Por isso numa perspectiva histórica, o pós-fascismo poderia ser visto como sendo o resultado da derrota das revoluções do século XX: após o colapso do comunismo e dos partidos socialdemocratas abraçarem a governabilidade neoliberal, a direita radical está se tornando, em muitos países, a força mais influente de oposição

ao “sistema”, mesmo que não assuma uma face subversiva e evite competir com a esquerda radical. (TRAVERSO, 2019, pp. 19-20).

A reflexão de Traverso fala especificamente do contexto do século XXI na Europa e nos Estados Unidos da América. Logo, para análise dos movimentos de extrema-direita na América Latina no século XXI, precisamos adaptar a teoria à realidade social de tais países. Um exemplo disso é a ideia expressa no trecho acima que nos movimentos fascistas clássicos o principal inimigo era o comunismo, enquanto agora nos movimentos pós-fascistas o principal inimigo é o terrorismo islâmico. Isso não é verdade na realidade latino-americana. A islamofobia não é elemento central (nem secundário) nas discussões políticas em países da América Latina.

Traverso apresenta duas características comuns da direita radical no mundo contemporâneo:

As novas forças da direita radical têm algumas características em comum – em primeiro lugar, a xenofobia, com uma retórica renovada. Eles abandonaram os velhos chavões do racismo clássico, ainda que sua xenofobia seja de fato direcionada contra imigrantes ou povos de origem pós-coloniais. Em segundo lugar, a islamofobia, núcleo desse novo nacionalismo, tomou o lugar no antissemitismo. (...) Decerto, terão outros temas em comum, mas o nacionalismo, a antiglobalização, o protecionismo e o autoritarismo podem apresentar-se de modos bastante diferentes, com algumas mudanças ideológicas entre si. (TRAVERSO, 2019, pp. 32-33).

Novamente, tal análise não consegue contemplar a complexidade do fenômeno na região da América Latina. Pegamos como exemplo o caso brasileiro. A direita radical brasileira não coloca como tema central a islamofobia. Já a xenofobia (principalmente contra indígenas e negros, mesclando-se com o racismo) embora exista em frações de tal grupo político, também não chega a ser um tema do dia a dia, um tema de fato relevante, central e consensual para seus membros.

Após as colocações apresentadas até agora, podemos colocar o bolsonarismo como um movimento pós-fascista? A resposta é sim. Impossível classificar o bolsonarismo como um fascismo clássico, visto as diferenças entre os governos de Mussolini e Hitler em comparação ao de Bolsonaro. E não pode ser considerado neofascista, já que Bolsonaro nega a influência do fascismo em seu governo e não coloca-se como um sucessor de tal movimento. Logo, o que sobra é o termo pós-fascismo, com as adaptações necessárias à América Latina. Já comentamos a respeito do anticomunismo no lugar da islamofobia, bem como as diferenças da xenofobia típica da Europa e Estados Unidos em relação ao Brasil.

Por fim, o autor coloca uma questão importante para o pós-fascismo: a comunicação com as massas. Traverso afirma que:

A principal característica do pós-fascismo hoje é, exatamente, a coexistência contraditória da herança do fascismo clássico com os novos elementos que não pertencem à sua tradição. (...) O século XX viu grandes partidos de massa, com sua própria fundamentação ideológica, sua própria base social, estrutura nacional e raízes profundas na sociedade civil. Tudo isso mudou. Os partidos políticos não precisam mais apresentar um arsenal ideológico. Em toda a Europa, o recrutamento de intelectuais, por partidos governantes tanto da esquerda como da direita, deu lugar ao recrutamento de profissionais de publicidade e comunicação. (...) O estilo político está se tornando cada vez mais importante, à medida que a ideologia desaparece. (TRAVERSO, 2019, p. 36).

A comunicação cada vez mais ocupa espaço central na política, e a mobilização de sentimentos do público feita pelos políticos acontece por meio das redes sociais digitais através de vídeos, imagens, textos ou “memes”. A forma de fazer política é cada vez mais dentro da internet. Exemplos disso são as campanhas eleitorais de Donald Trump (2016 e 2020) e Jair Bolsonaro (2018 e 2022). Elas assemelham-se não apenas pelo fato de poderem ser consideradas de extrema-direita, mas também pela enxurrada de notícias falsas espalhadas compulsoriamente por ambas e seus apoiadores.

As chamadas fake news prestam-se aos mais diversos desserviços, mas o principal é a tentativa de assassinato de reputação de seus adversários políticos. É um verdadeiro vale-tudo com um único objetivo: causar pânico moral e medo. Assim, eleitores apavorados tendem a votar em candidatos que mostram agressividade na hora do discurso, e que prometem medidas drásticas na ordem da segurança pública. Isso transmite uma falsa sensação de que se o candidato de extrema-direita vencer, os bandidos supostamente terão medo de praticar ilícitudes ou na tentativa de cometimento de crime serão mortos pelos agentes de repressão desse pretense Estado à lá *Leviatã* de Thomas Hobbes.

O descrédito dado à política pelos dois candidatos também é digno de nota. Ambos colocaram-se como *anti-establishment*, mesmo que de formas diferentes. Trump colocara-se contra Wall Street. Logo Trump, que é bilionário e com diversas ações na bolsa de valores. Já Bolsonaro, especificamente em 2018, colocara-se contra “tudo que está aí”, referindo-se à classe política brasileira, mas principalmente ao “centrão” (por estar governando o país através do ex-presidente golpista Michel Temer) e ao PT (por ser seu principal adversário nas eleições e por tal partido ser de esquerda). Logo Bolsonaro, que em toda a sua vida política integrou o “centrão” e chegou a ser base aliada do primeiro governo Lula (2003-2006).

Outra ligação possível entre Bolsonaro e Trump é o discurso vazio anticorrupção. O questionamento quanto ao resultado das eleições perdidas (Trump em 2020 e Bolsonaro em 2022) também os conecta. Parece-nos que, para tais ex-presidentes, as urnas (sejam elas eletrônicas ou não) só são confiáveis quando eles ganham as eleições.

Afirmamos acima que o bolsonarismo pode ser considerado um movimento pós-fascista. Entretanto, não há no meio acadêmico consenso sobre tal afirmação. Visão parcialmente diferente sobre o tema possui Demian Melo em seu texto *O bolsonarismo como fascismo do século XXI*. Melo utiliza tanto Traverso quanto o historiador inglês David Renton (1972):

(...) David Renton vem propondo entender a nova convergência entre a direita conservadora e a extrema direita na conformação de *novos autoritários*, no que evita a noção de fascismo por considerá-la também específica. Ele observa como as extrema direitas nas últimas décadas buscaram se distanciar de pretéritas vinculações com o fascismo histórico, assim como, de outro lado, observa a deriva da direita conservadora em direção à extrema direita. Seria essa a raiz do fenômeno do que muitos chamam de onda conservadora, e na avaliação do autor pode ser corretamente apreendida como essa nova convergência autoritária das direitas expressas em governos como o de Trump nos Estados Unidos, Putin na Rússia, Modi na Índia e Bolsonaro no Brasil. Não obstante, Renton admite que não pode ser descartada a possibilidade de que tal convergência possa evoluir para formas fascistas, ou ao menos abrir espaço político para isso. (MELO, 2020, pp. 16-17).

Cabe lembrar que o futuro está sempre aberto a novas (e velhas) possibilidades. O que pode nos garantir de fato que experiências terríveis como o fascismo italiano e o nazifascismo alemão não ocorram novamente? Estaria Bugalho certo quando afirma que Bolsonaro só não é fascista por que não possuiu condições sociais e políticas para sê-lo? São perguntas difíceis de responder. Ainda sobre o termo “fascismo”, o autor continua dizendo:

Em suma, tomando todos os cuidados contra o uso inconsistente do termo fascismo para o entendimento da emergência de novos fenômenos da extrema direita, e propondo noções como pós-fascismo ou novos autoritários, Traverso e Renton não descartam a possibilidade de ressurgimento de algo que possa ser referido como fascismo a partir da evolução da crise. Além disso, os dois autores concordam que a comparação com o fascismo histórico é um método incontornável no entendimento da extrema direita no século XXI.

Nossa hipótese é a de que o bolsonarismo representa a tendência ao fascismo, e com a ocupação do governo federal e as explícitas manobras e mobilizações realizadas nesse um ano e meio de governo Bolsonaro, suas pretensões de implantação de uma ditadura de características fascistas são mais que evidentes. (MELO, 2020, p. 17).

Importante notar que tanto Renton quanto Traverso não se opõem à ideia de que é possível de fato acontecer algo semelhante ao fascismo clássico em pleno século XXI,

desde que haja uma escalada de um governo autoritário no poder e o aprofundamento da crise da democracia. No que se refere a Bolsonaro, acreditamos que a hipótese de Melo seja possível, mas não provável.

A reação internacional a uma ruptura democrática num país tão relevante como o nosso seria muito provavelmente de uma retaliação muito forte, principalmente com embargos econômicos pesados. A reação internacional a golpes de Estado no século XXI parece-nos muito mais dura que no século XX. Isso não significa que não possa acontecer tentativas (com apoio internacional ou não) de golpe de Estado no Brasil. Tentativas estas que podem dar certo ou não, mas que podem acontecer.

Reflexões sobre o tema também foram feitas pelo sociólogo Armando Boito Júnior. Diferentemente dos pensadores citados até agora, Boito Jr refere-se ao governo Bolsonaro como fascista e neofascista. O autor aproxima-se do pensador italiano Palmiro Togliatti. Observamos:

Definimos o movimento fascista como um *movimento reacionário de massa* e, seguindo Togliatti, a ditadura fascista como um *regime reacionário de massa*. Esse elemento a distingue da ditadura militar – questão muito discutida na esquerda brasileira nas décadas de 1960 e 1970. O fascismo é, digamos assim e tomando emprestada a terminologia da biologia, o gênero, sendo o fascismo original e o neofascismo brasileiro duas espécies diferentes do gênero à qual ambas pertencem. Cada uma das duas espécies citadas realiza as qualidades do gênero de um modo particular. (BOITO JR, 2020, p. 115).

Concluimos a partir do trecho acima que a forma de classificar fascismo e neofascismo utilizada por Boito Jr. é diferente da utilizada por Traverso. O que mais chama a atenção é que não há na classificação de Boito Jr. a palavra “pós-fascismo”, somente fascismo, fascismo original e neofascismo. O autor faz uma análise mais marxista do fenômeno, usando termos mais utilizados por tal matriz de pensamento, além de colocar como estrutura da sociedade, de forma enfática, a economia:

O fato de se tratar de um movimento de uma camada intermediária da sociedade capitalista é importante. O fascismo não é um movimento burguês, embora chegue ao governo cooptado pela burguesia e embora seja, desde o seu início, ideologicamente dependente da burguesia. Ele é um movimento de massa de uma camada intermediária e apresenta, portanto, elementos ideológicos e interesses econômicos de curto prazo que podem destoar da ideologia e dos interesses econômicos imediatos da burguesia. Com a sua crítica conservadora do capitalismo, de tipo pequeno burguês, o movimento fascista original chegou, em diversos aspectos, a confundir socialistas e comunistas – Poulantzas (1970) fala de uma ideologia “anticapitalista de *status quo*”. No Brasil, o movimento de massa reacionário se formou em 2015 na campanha pela deposição de Dilma Rousseff. De lá, saiu, após depuração, o movimento especificamente neofascista – o bolsonarismo. A crítica desse

movimento e do seu entorno, também de classe média, à corrupção e à dita “política do toma-lá-dá-cá” chegou a confundir partidos de esquerda e de extrema esquerda. A ala hegemônica do PT e inclusive a equipe governamental do governo Dilma, embaladas pela ideologia segundo a qual as instituições do Estado burguês são socialmente neutras – o dito “republicanismo” –, acreditaram que a Operação Lava-Jato visava realmente a combater a corrupção, e não a instrumentalizar a luta contra a corrupção em nome dos interesses do capital internacional e atendendo as expectativas ideológicas da alta classe média (Boito Jr., 2018). (BOITO JR., 2020, p. 115).

O autor caracteriza o movimento bolsonarista como fundamentalmente de classe média. Por ser formado principalmente desta camada intermediária mas abrigar dentro de si outros grupos sociais (principalmente a burguesia), acabou gerando um conflito de interesses dentro do próprio bolsonarismo. Os interesses econômicos de um pequeno lojista não são os mesmos de um grande fazendeiro, de um burguês industrial, de um funcionário público ou de um desempregado.

Boito Junior Coloca como marco temporal inicial o ano de 2015. Aqui, especificamente, discordamos do autor. Todas as condições necessárias para a emergência de um movimento de tal natureza já estavam postas a partir das manifestações de junho de 2013. Através do bombardeio diário feito pela mídia tradicional brasileira, aliado ao aprofundamento da crise econômica do Brasil, fizeram com que a popularidade do governo Dilma derretesse, atingindo níveis pífios de aprovação. Lembrando que o sentimento antipetista é o grande mote aglutinador dos bolsonaristas.

Boito Jr. discorre sobre as causas da rápida ascensão do neofascismo brasileiro no século XXI. Para tanto, estabelece comparações entre a crise política e econômica brasileira e a crise política e econômica que assolou o continente europeu no período entreguerras:

A crise política que gera o fascismo original é mais grave que a crise política brasileira que gerou o neofascismo. Ambas possuem elementos gerais comuns: estão articuladas com uma crise econômica do capitalismo; apresentam uma crise de hegemonia no interior do bloco no poder – disputa entre o grande e o médio capital, num caso, e disputa entre a grande burguesia interna e grande burguesia associada ao capital internacional, no outro; comportam uma aspiração da burguesia por retirar conquistas da classe operária; são agravadas pela formação abrupta de um movimento político disruptivo de classe média ou pequeno burguês; comportam uma crise de representação partidária da burguesia; são marcadas pela incapacidade dos partidos operários e populares de apresentarem solução própria para a crise política – os socialistas e comunistas foram derrotados antes da ascensão do fascismo ao poder (Poulantzas, 1970) e o movimento democrático e popular no Brasil vem sofrendo uma série de derrotas desde o *impeachment* de Dilma Rousseff e revelando incapacidade de reação (Boito Jr., 2018; 2019). (BOITO JR., 2020, p. 117).

Às crises política e econômica de ambos períodos históricos somara-se a crise de identidade das camadas médias da população e da pequena burguesia. O medo da proletarização, a falta de representatividade na política, a falta de perspectiva devido à crise econômica: tudo isto contribuiu para a ascensão de ideias autoritárias. Para compreendermos o fascismo no sentido ontológico do termo é necessário que compreendamos as características comportamentais de um fascista.

2.6.1 Umberto Eco e o Ur-Fascismo

Relevantes contribuições sobre o fascismo e os fascistas estão no livro *O Fascismo Eterno*, do escritor italiano Umberto Eco (1932-2016). Cabe ainda ressaltar que Eco quando criança vivenciou o fascismo na Itália.

O autor ressalta que mesmo que algumas características definidas por ele em seu livro como típicas do “fascismo eterno” ou “Ur-Fascismo” sejam aparentemente contraditórias ou faltem em alguns fascismos em específico, são características recorrentes dentro de uma “nebulosa fascista”:

(...) considero possível indicar uma lista de características típicas daquilo que eu gostaria de chamar de “Ur-Fascismo” ou “fascismo eterno”. Tais características não podem ser reunidas em um sistema; muitas se contradizem entre si e são típicas de outras formas de despotismo ou fanatismo. Mas é suficiente que uma delas se apresente para fazer com que se forme uma nebulosa fascista. (ECO, 2019, p. 44).

Antes de começarmos a análise das características, cabe uma ressalva ao pensamento de Eco. O autor afirma que não é possível encontrar todas as características reunidas em um único sistema. Isso talvez se encaixe na ideia de um movimento que tenha um programa bem definido e rigoroso, com métodos e objetivos bem claros. Mas o bolsonarismo é um movimento de tal ordem?

Analisamos as caracterizações de Eco e estabelecemos possíveis ligações com o bolsonarismo. Começamos pelas três primeiras:

1. A primeira característica de um Ur-Fascismo é o *culto da tradição*. O tradicionalismo é mais velho que o fascismo (...).
2. O tradicionalismo implica a recusa da modernidade. Tanto os fascistas quanto os nazistas adoravam a tecnologia, enquanto os pensadores tradicionalistas em geral a rejeitam como negação dos valores espirituais tradicionais (...).

3. O irracionalismo (...) do culto da *ação pela ação*. A ação é bela em si e, portanto, deve ser realizada antes de e sem nenhuma reflexão (...). (ECO, 2019, pp. 44-46-47).

O tradicionalismo possui lugar cativo dentro do bolsonarismo. A ideia de um passado glorioso (monarquia ou ditadura civil-militar) e de um presente em profunda crise moral (regime democrático) faz parte de seu imaginário coletivo. O ideólogo mais importante dentro do bolsonarismo é Olavo de Carvalho, crítico absolutamente ferrenho à modernidade. As tradições são expressas para a garantia da unidade cultural e identidade nacional (negando a luta de classes), buscando um sentimento de pertencimento, sendo os principais símbolos os hinos (nacional e da bandeira) e os símbolos visuais (bandeira nacional, uniformes militares e da seleção brasileira de futebol). Já o irracionalismo está presente nas mais diversas teorias da conspiração em detrimento da ciência. Isso ficou mais evidente durante o período da pandemia da Covid-19. Continuamos:

4. Nenhuma forma de sincretismo pode aceitar críticas. O espírito crítico opera distinções, e distinguir é um sinal de modernidade.

5. O desacordo é (...) um sinal de diversidade. O Ur-Fascismo cresce e busca o consenso utilizando e exacerbando o natural medo da diferença.

6. O Ur-Fascismo provém da frustração individual ou social. Isso explica por que uma das características típicas dos fascismos históricos tem sido *o apelo às classes médias frustradas*, desvalorizadas por alguma crise econômica ou humilhação política, assustadas pela pressão dos grupos sociais subalternos (...). (ECO, 2019, pp. 49-50).

Analisando as características 4 e 5, é possível entendê-las no bolsonarismo a partir do profundo medo de seus membros de tudo que é diferente de seu conjunto de crenças. Há uma imensa dificuldade dos bolsonaristas de conviverem com a diferença, pois gera um mal-estar, estranhamento e o medo do novo e do diferente. Para evitar cisões dentro da pátria, é necessário o combate a tudo que gera pluralidade na pretensa identidade nacional: população LGBTQIA+, luta de classes, população indígena e quilombola, movimentos sociais, toda a esquerda, e assim por diante. Já a característica 6 está em comentários bolsonaristas que se colocam contra a política de cotas (sociais e principalmente raciais) em universidades públicas como políticas públicas de ação afirmativa. Além disso, o preconceito de classe se faz presente em parte da classe média quando precisa dividir os mesmos espaços com pessoas de menor poder aquisitivo, e o exemplo clássico é o aeroporto que segundo alguns “virou uma rodoviária” a partir dos dois primeiros governos do presidente Lula (2003-2010). Não querem direitos para todos, querem privilégios para si.

7. Para os que se veem privados de qualquer identidade social, o Ur-Fascismo diz que seu único privilégio é o mais comum de todos: ter nascido em um mesmo país. Esta é a origem do “nacionalismo” (...).

8. Os adeptos devem sentir-se humilhados pela riqueza ostensiva e pela força do inimigo (...). Os adeptos precisam, contudo, ser convencidos de que podem derrotar o inimigo (...).

9. Para o Ur-Fascismo, não há luta pela vida, mas antes “vida para a luta”. Logo, o pacifismo é conluio com o inimigo; o pacifismo é mau porque a vida é uma guerra permanente. (ECO, 2019, pp. 50-51-52).

A relação do bolsonarismo com as características 7 e 8 reside no fato de lutarem supostamente contra a corrupção e identificarem que quem a comete são agentes públicos (e especialmente políticos ligados ao PT). Logo, o sentimento de “ser roubado” gera uma sensação de humilhação que por sua vez gera uma ação imediata de revolta. Prossigamos:

10. O elitismo é um aspecto típico de qualquer ideologia reacionária, enquanto fundamentalmente aristocrática (...). O Ur-Fascismo não pode deixar de pregar um “elitismo popular” (...).

11 (...) *Cada um é educado para tornar-se um herói*. Em qualquer mitologia, o “herói” é um ser excepcional, mas na ideologia Ur-Fascista o heroísmo é a norma.

12. Como tanto a guerra permanente quanto o heroísmo são jogos difíceis de jogar, o Ur-Fascista transfere sua vontade de poder para questões sexuais. Esta é a origem de seu *machismo* (que implica desdém pelas mulheres e uma condenação intolerante de hábitos sexuais não conformistas, da castidade à homossexualidade). (ECO, 2019, pp. 52-53-54).

O elitismo (característica 10) no bolsonarismo reside na negação de toda e qualquer política de ação afirmativa ou programas culturais (filmes, séries, desenhos, novelas) que busquem de alguma forma a valorização de identidades marginalizadas que não sejam a identidade unitária nacional: negra, indígena, quilombola, LGBTQIA+, dentre outras. O traço 11 está presente na evidente repulsa à escola pública brasileira e aos pensadores de esquerda como Paulo Freire. Odeiam a escola pública porque o que se propõe na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional é uma educação voltada para a diversidade, e não para o heroísmo; uma educação voltada para o pensamento crítico, e não para a exaltação inocente, pura e besta da pátria e do patriota. O elemento 12 está presente principalmente na negação de hábitos sexuais não-héteros de qualquer espécie. Os gays são vistos como uma minoria que assim como outras minorias “devem-se curvar a maioria ou deixar de existir”. Por fim, analisamos as últimas características:

13. O Ur-Fascismo baseia-se em um “populismo qualitativo” (...). Para o Ur-Fascismo, os indivíduos enquanto indivíduos não têm direitos, e “o povo” é concebido como uma qualidade, uma entidade monolítica que exprime “a vontade comum” (...).

14. O Ur-Fascismo fala a “*novilíngua*” (...). Todos os textos escolares nazistas ou fascistas se baseavam em um léxico pobre e em uma sintaxe elementar, com o fim de limitar os instrumentos para um raciocínio completo e crítico. (ECO, 2019, pp. 55-58-59).

Sobre a característica 13, o movimento bolsonarista entende-se como a “voz do povo”, como os “cidadãos de bem”. Como tais, lutam contra os corruptos e ditadores da esquerda. Falam como se representassem os interesses da pátria, quando na verdade buscam apenas maximizar seus próprios interesses travestidos de supostos interesses de toda a nação.

Já a última característica não está presente nos textos escolares, mas está presente em termos e representações criados e/ou amplamente reproduzidos pelos seus membros, seja presencialmente, seja por meio de redes sociais digitais. Isso vai desde expressões simples, passando por palavras de ordem, e terminando em clichês. Exemplos: “acabou a mamata”; “Mito! Mito! Mito!; “bandido bom é bandido morto”; “tá com dó leva pra casa”; “Deus, família, pátria e liberdade”; “ideologia de gênero”; “direitos humanos para humanos direitos”; “cidadãos de bem”; “supremo é o povo”; “Brasil acima de tudo, Deus acima de todos”; “é melhor Jair se acostumando”; “ditadura gayzista”; “feminazi”; “esquerdopata”; “menos Marx, mais Mises”; “a nossa bandeira jamais será vermelha”; “vai pra Cuba”; dentre outras terminologias.

A partir das afirmações acima, é possível dizer que o bolsonarismo atende, em maior ou em menor grau, a todos os requisitos para ser considerado uma nebulosa fascista, segundo os critérios utilizados por Eco.

No próximo capítulo, tratamos de discussões voltadas para o campo da comunicação, redes sociais digitais, Olavo de Carvalho e a extrema-direita brasileira.

3. IDENTIDADE, COMUNICAÇÃO, OLAVISMO E A EXTREMA-DIREITA BRASILEIRA

Neste capítulo que se inicia, intitulado *Identidade, comunicação, olavismo e a extrema-direita brasileira*, buscamos refletir sobre o papel da comunicação no mundo contemporâneo e especificamente dentro do bolsonarismo. Para tanto, utilizaremos como base o livro *A identidade cultural na pós-modernidade*, de Stuart Hall; e *Redes Sociais na Internet*, de Raquel Recuero. No mesmo capítulo temos também como meta compreender o papel de Olavo de Carvalho como ideólogo e comunicador da extrema-direita brasileira. Para tanto, usaremos como base o livro *Tudo o que você precisou desaprender para virar um idiota*, da Meteoro Brasil. Por fim, para entender esta nova direita brasileira, fizemos um breve histórico do Movimento Brasil Livre (MBL) e da produtora Brasil Paralelo (BP).

3.1 STUART HALL E A QUESTÃO DA IDENTIDADE CULTURAL

Nenhum ser humano é uma ilha, ou seja, fechado em si mesmo. Influenciamos e somos influenciados pela sociedade em que vivemos. Tradições, culturas, economia, artes, religiões, hábitos, códigos de ética constituem a complexidade e as contradições dos indivíduos que são, por definição, seres sociais. Acreditamos que a formação identitária das pessoas no final do século XX e começo do XXI deva ser o pontapé inicial de discussão nesse capítulo. Uma dos pensadores mais importantes sobre o tema da identidade é Stuart Hall (1932-2014). Utilizaremos tal autor como base para as discussões por todo o capítulo. Debrucemo-nos agora sobre o tema da identidade.

O reconhecido sociólogo britânico-jamaicano Stuart Hall iniciou um de seus mais importantes livros, explica a crise das identidades a partir do final do século XX. Disse Hall:

A questão da identidade está sendo extensamente discutida na teoria social. Em essência, o argumento é o seguinte: as velhas identidades, que por tanto tempo estabilizaram o mundo social, estão em declínio, fazendo surgir novas identidades e fragmentando o indivíduo moderno, até aqui visto como sujeito unificado. A assim chamada ‘crise de identidade’ é vista como parte de um

processo mais amplo de mudança, que está deslocando as estruturas e processos centrais das sociedades modernas e abalando os quadros de referência que davam aos indivíduos uma ancoragem estável no mundo social. (HALL, 2005, p. 07).

Basicamente a questão que se coloca é que as transformações sociais e econômicas do final do século XX/começo do século XXI ocorreram de forma muito mais rápida do que em tempos anteriores, abalando assim a identidade nacional, principal identidade dos indivíduos até então. Logo, Hall acredita que as identidades estão sendo “descentradas” do nacionalismo: desloca-se as identidades culturais tanto para o local quanto para o global.

Hall continuou sua argumentação escrevendo que:

(...) Um tipo diferente de mudança estrutural está transformando as sociedades modernas no final do século XX. Isso está fragmentando as paisagens culturais de classe, gênero, sexualidade, etnia, raça e nacionalidade, que, no passado, nos tinham fornecido sólidas localizações como indivíduos sociais. Estas transformações estão também mudando nossas identidades pessoais, abalando a ideia que temos de nós próprios como sujeitos integrados. Esta perda de um ‘sentido de si’ estável é chamada, algumas vezes, de deslocamento ou descentração do sujeito. Esse duplo deslocamento – descentração dos indivíduos tanto de seu lugar no mundo social e cultural quanto de si mesmos – constitui uma ‘crise de identidade’ para o indivíduo. (HALL, 2005, p. 09).

Apresentamos até aqui o base do livro de Hall e seu argumento de que as identidades estão sendo descentradas. Para seguirmos em tal linha de raciocínio, faz-se necessário uma discussão sobre os significados da palavra “identidade” para Hall.

As concepções de identidade para Stuart Hall

Hall classifica as concepções de identidade a partir de três sujeitos: o sujeito do Iluminismo, o sujeito sociológico e o pós-moderno. O pensador faz todo um percurso ao longo de séculos para classificar, descrever e refletir sobre a questão da identidade. Começemos pelo sujeito iluminista:

O sujeito do Iluminismo estava baseado numa concepção da pessoa humana como um indivíduo totalmente centrado, unificado, dotado das capacidades de razão, de consciência e de ação, cujo ‘centro’ consistia num núcleo interior, que emergia pela primeira vez quando o sujeito nascia e com ele se desenvolvia, ainda que permanecendo essencialmente o mesmo – contínuo ou ‘idêntico’ a ele – ao longo da existência do indivíduo. O centro essencial do eu era a identidade de uma pessoa. Direi mais sobre isto em seguida, mas pode-se ver que essa era uma concepção muito ‘individualista’ do sujeito e de sua identidade (na verdade, a identidade *dele*: já que o sujeito do Iluminismo era usualmente descrito como masculino). (HALL, 2005, p. 10-11).

É possível constatar a partir do trecho acima que a identidade do sujeito iluminista é baseada na razão, na consciência e na ação e centrada no “eu”. Ademais, é também uma concepção individualista e masculina de uma identidade unificada e imutável.

O sociólogo continua sua argumentação, agora para caracterizar e refletir sobre a identidade do sujeito sociológico:

A noção de sujeito sociológico refletia a crescente complexidade do mundo moderno e a consciência de que este núcleo interior do sujeito não era autônomo e auto-suficiente, mas era formado na relação com ‘outras pessoas importantes para ele’, que mediavam para os sujeitos os valores, sentidos e símbolos – a cultura – dos mundos que ele/ela habitava. G. H. Mead, C. H. Cooley e os interacionistas simbólicos são as figuras-chave na sociologia que elaboraram esta concepção ‘interativa’ da identidade e do eu. De acordo com essa visão, que se tornou a concepção sociológica clássica da questão, a identidade é formada na ‘interação’ entre o eu e a sociedade. O sujeito ainda tem um núcleo ou essência interior que é o ‘eu real’, mas este é formado e modificado num diálogo contínuo com os mundos culturais ‘exteriores’ e as identidades que esses mundos oferecem’. (HALL, 2005, p. 11).

Em comparação com a identidade do sujeito iluminista, constata-se que a identidade do sujeito sociológico pode mudar o seu “eu real”, ao contrário de sua antecessora. É possível inferir que o sujeito sociológico forma e modifica o seu “eu real” a partir da sua interação com a sociedade. Por isto tal concepção é classificada como interacionista. Ainda sobre tal concepção:

A identidade, nessa concepção sociológica, preenche o espaço entre o ‘interior’ e o ‘exterior’ – entre o mundo pessoal e o mundo público. O fato de que projetamos a ‘nós próprios’ nessas identidades culturais, ao mesmo tempo que internalizamos seus significados e valores, tornando-os ‘parte de nós’, contribui para alinhar nossos sentimentos subjetivos com os lugares objetivos que ocupamos no mundo social e cultural. A identidade, então, costura, (ou, para usar uma metáfora médica, ‘sutura’) o sujeito à estrutura. Estabiliza tanto os sujeitos quanto os mundos culturais que eles habitam, tornando ambos reciprocamente mais unificados e predizíveis. (HALL, 2005, p. 12)

Embora o autor não deixe definitivamente datado, parece-nos que o sujeito sociológico formou-se a partir do século XIX com a emergência dos nacionalismos até o final do século XX, quando deu-se o início da descentração da identidade. A partir de então, emerge a identidade do sujeito pós-moderno. Observamos:

Esse processo produz o sujeito pós-moderno, conceptualizado como não tendo uma identidade fixa, essencial ou permanente. A identidade torna-se uma ‘celebração’ móvel’: formada e transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam (Hall, 1987). É definida historicamente, e não biologicamente. O sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos, identidades que não são unificadas ao redor de um ‘eu’ coerente. Dentro de nós há identidades contraditórias, empurrando em diferentes direções, de tal modo que nossas identificações estão sendo continuamente deslocadas. Se sentimos que temos uma identidade unificada desde o

nascimento até a morte é apenas porque construímos uma cômoda estória sobre nós mesmos ou uma confortadora ‘narrativa do eu’ (veja Hall, 1990). A identidade plenamente unificada, completa, segura e coerente é uma fantasia. Ao invés disso, à medida em que os sistemas de significação e representação cultural se multiplicam, somos confrontados por uma multiplicidade desconcertante e cambiante de identidades possíveis, com cada uma das quais poderíamos nos identificar – ao menos temporariamente. (HALL, 2005, p. 12-13).

Tal processo de crise de identidade está fracionando identidades até então sólidas, como classe, gênero, sexualidade, etnia, raça e nacionalidade (HALL, 2005, p. 9). A identidade do sujeito pós-moderno, além de estar em constante transformação, não é coerente: é uma “celebração móvel”, contraditória, que o sujeito pode usar dependendo da ocasião.

Sintetizando, a identidade do sujeito do Iluminismo é baseada na razão, na consciência e na ação e centrado no “eu”; a identidade do sujeito sociológico é interacionista, baseada na interação do “eu real” com a sociedade; e a identidade do sujeito pós-moderno é uma celebração móvel, não sendo fixa, essencial ou permanente. Cabe ressaltar que as categorizações e generalizações de Hall visam facilitar a análise, tendo o intelectual plena consciência disso³.

3.2 A COMUNICAÇÃO NAS REDES SOCIAIS DIGITAIS

Diversos pesquisadores têm se debruçado sobre a influência da internet (e mais especificamente, das redes sociais digitais) na política. Muitos países sofreram fortes alterações em seus arranjos (e estruturas) institucionais a partir de movimentos que se proliferaram pela internet, juntando pessoas no mundo virtual para mudar o mundo real. À primeira vista, muitos intelectuais animaram-se com a ideia da internet influenciar a política, o mundo real. Talvez o caso mais conhecido seja o do sociólogo espanhol Manuel Castells, no seu livro *Redes de indignação e esperança: movimentos sociais na era da internet* (2013).

No livro citado acima, Castells analisa um conjunto de movimentos sociais que usaram o poder da comunicação via internet para fins de organização, resistência e luta nos mundos online e off-line. Cabe entender que tais movimentos espalharam-se, na visão

³ “Deve-se ter em mente que as três concepções de sujeito acima são, em alguma medida, simplificações. No desenvolvimento do argumento, elas se tornarão mais complexas e qualificadas. Não obstante, elas se prestam como pontos de apoio para desenvolver o argumento central deste livro”. (HALL, 2005, p. 13).

de Castells, de forma autônoma por quase todos os continentes: África, América do Norte, América do Sul, Europa e Oriente Médio. O tempo de duração, reivindicações e conquistas variam de país para país, e a cronologia aproximada de tais movimentos vai de 2008 a 2013.

Conforme o autor:

De início, eram uns poucos, aos quais se juntaram centenas, depois formaram-se redes de milhares, depois ganharam o apoio de milhões, com suas vozes e sua busca interna de esperança, confusas como eram, ultrapassando as ideologias e a publicidade para se conectar com as preocupações reais de pessoas reais na experiência humana real que fora reivindicada. Começou nas redes sociais da internet, já que estas são espaços de autonomia, muito além do controle de governos e empresas – que, ao longo da história, haviam monopolizado os canais de comunicação como alicerces de seu poder. Compartilhando dores e esperança no livre espaço público da internet, conectando-se entre si e concebendo projetos a partir de múltiplas fontes do ser, indivíduos formaram redes, a despeito de suas opiniões pessoais ou filiações organizacionais. Uniram-se. E sua união os ajudou a superar o medo, essa emoção paralisante em que os poderes constituídos se sustentam para prosperar e se reproduzir, por intimidação ou desestímulo – e, quando necessário, pela violência pura e simples, seja ela disfarçada ou institucionalmente aplicada. Da segurança do ciberespaço, pessoas de todas as idades e condições passaram a ocupar o espaço público, ao reivindicar seu direito de fazer história – sua história –, numa manifestação da autoconsciência que sempre caracterizou os grandes movimentos sociais. (CASTELLS, 2012, p. 12).

É nítida (e até contagiante) a empolgação de Castells no trecho acima ao escrever sobre o que chama de movimentos sociais na era da internet. Hoje, após uma década de seu livro, podemos perceber um conjunto de erros que talvez não fossem tão visíveis no calor do momento da escrita. O primeiro é entender as redes sociais da internet como espaços de autonomia. Tais redes demonstraram-se não espaços de autonomia, mas justamente seu contrário: espaços de heteronomia, onde o objetivo das redes é manter o usuário viciado cada vez mais em seus conteúdos enquanto as plataformas vendem seus dados para anunciantes/governos, inclusive influenciando no comportamento real das pessoas através da utilização de inteligência artificial, selecionando os conteúdos que são mais convenientes para a plataforma e conseqüentemente para patrocinadores.

A pensadora Raquel Recuero, no terceiro capítulo de seu *Redes Sociais na Internet* vai na mesma direção de Castells. Segundo a autora:

(...) o surgimento de um grupo em uma rede social exige que os atores que fazem parte dessa rede engajem-se em um processo de cooperação. Sem cooperação, não há grupo. Do mesmo modo, a difusão de informações e a propagação de memes também necessitam da cooperação entre os atores membros de uma mesma rede. Já o conflito pode ser altamente benéfico no sentido de fortalecer os grupos, mas também pode desestruturar os grupos e

ocasionar uma ruptura destes. Redes sociais também podem sofrer processos de agregação, por exemplo, quando há clusterização dos nós ou quando há o surgimento de comunidades, e podem também sofrer ruptura quando o conflito desestabiliza as conexões entre os atores, ou mesmo, quando os atores simplesmente param de usar esses sites. A competição pode estar diretamente relacionada com uma disputa por recursos, tais como audiência em um *weblog* ou suporte social e visibilidade. Esses comportamentos são quase sempre emergentes, nascidos da apropriação das ferramentas e das interações entre os atores sociais. Desses comportamentos ainda podem surgir outros muito mais específicos e complexos, conforme discutimos. Assim, o estudo dos elementos da rede social na Internet passa também pelo fato de que essas redes não são estáticas, paradas e nem independentes do contexto onde estão inseridas. Essas redes são, quase sempre, mutantes e tendem a apresentar comportamentos criativos, inesperados e emergentes. (RECUERO, 2009, p. 91 – 92).

Como é possível perceber Recuero acredita muito na autonomia dos indivíduos em relação as suas próprias ações na internet. Não escreve na obra supracitada sobre o papel decisivo de manipulação psicológica do comportamento de indivíduos/grupos pelas próprias redes sociais. Confia muito na liberdade e autonomia dos usuários em relação aos mecanismos utilizados nas redes sociais para propagar ideias e sentimentos através de ações virtuais.

Seguindo ainda na mesma direção, Castells diz que tais redes estão muito além do controle de governos e empresas. Nada mais distante da realidade que isto. No documentário *O Dilema das Redes* (2020), é demonstrado inúmeras vezes como as redes sociais como Twitter⁴, Instagram, Facebook, e diversas outras big techs como o Google, manipulam o usuário a partir de seus algoritmos, de forma não só a viciá-lo como também compartilhando seus dados e direcionando anúncios e conteúdo que favoreçam seus financiadores. Poderíamos demonstrar diversos exemplos no documentário para reforçar o argumento, mas três em especial saltam-nos aos olhos. Conforme Chamath Palihapitiya, ex-vice-presidente de crescimento do Facebook:

Queremos descobrir como te manipular psicologicamente o mais rápido possível, para em seguida te dar uma injeção de dopamina. Fizemos isso de forma brilhante no Facebook. O Instagram e o WhatsApp também fizeram. Assim como o Snapchat e o Twitter. (ORLOWSKI, 2020, 29:03 – 29:17).

Logo na cena seguinte, Sean Parker, ex-presidente do Facebook, também vai na mesma linha de raciocínio. Demonstra de forma aberta e deliberada suas intenções ao afirmar que:

É exatamente o tipo de coisa que um hacker como eu criaria, porque estamos explorando uma vulnerabilidade da psicologia humana. E acho que nós, os

⁴ Elon Musk, dono do antigo Twitter, anunciou em 24 de julho de 2023 a mudança do nome da empresa para “X”. Decidimos por manter no corpo do texto a nomenclatura antiga, já que é a mais socialmente conhecida ainda nos dias atuais.

criadores e inventores... Eu, o Mark [Zuckerberg]... o Kevin Systrom do Instagram, todas essas pessoas, nós tínhamos consciência dessas questões e fizemos isso mesmo assim. (ORLOWSKI, 2020, 29:17 – 29:46).

O terceiro depoimento é o de Tristan Harris, ex-design ético do Google, no qual estabelece a comparação do surgimento das redes sociais com o da bicicleta. Conforme Harris:

Ninguém ficou triste quando as bicicletas surgiram. Certo? As pessoas começaram a usá-las e ninguém disse: “Meu Deus! Arruinamos a sociedade. As bicicletas estão afetando as pessoas, os pais dão menos atenção aos filhos, a democracia está sendo afetada e as pessoas não sabem no que acreditar”. Nunca dissemos nada disso sobre uma bicicleta. Quando algo é uma ferramenta, ela fica apenas lá, parada, te esperando. Quando não é uma ferramenta, ela exige coisas de você, fica te seduzindo, te manipulando, pedindo que você faça algo. E a tecnologia deixou de ter o papel de ferramenta para se tornar um vício e um meio de manipulação. Foi isso que mudou. As mídias sociais não são apenas uma ferramenta esperando para ser usada. Elas têm os próprios objetivos e formas específicas de alcançá-los, usando sua psicologia contra você. (ORLOWSKI, 2020, 29:50 – 30:45).

Harris acredita que as mídias sociais deixaram de ser ferramentas para ser vício e meio de manipulação. É deveras uma afirmação impactante, com a qual concordamos apenas em parte. Certamente tornaram-se vício e meio de manipulação, mas isso não invalida o fato de possuírem diversas ferramentas absolutamente úteis para o cotidiano. A questão aqui não é levantar muro contra ninguém, mas entender o papel de cada agente na constituição das identidades reais e virtuais dos sujeitos.

Faz-se necessário salientar que tais entendimentos sobre as manipulações feitas pelas grandes empresas da internet em relação aos seus usuários são de conhecimento público apenas recentemente. Logo, tanto Castells quanto Recuero não tiveram acesso a tais informações quando da escrita de seus trabalhos citados anteriormente. Com o passar do tempo, percebemos cada vez mais os problemas das redes sociais digitais, e o que era um otimismo genuíno com sua utilização passou a ser uma preocupação constante. O espaço das redes sociais tornou-se não apenas uma ferramenta de reprodução de identidades, mas principalmente produtor de identidades e comportamentos de seus usuários, que levam isso não só para outros lugares no mundo virtual, mas também para ações no mundo real.

A (re)produção de identidades nas redes sociais digitais dá-se fundamentalmente a partir da comunicação. As formas de comunicação são as mais variadas, tais como auditiva, visual, audiovisual, escrita. A variação dá-se também nas ferramentas utilizadas, como por exemplo vídeos, áudios, fotos, imagens, memes, textos escritos. O resultado da

comunicação pode ser a propagação de informações importantes sobre campanhas voltadas para os mais diversos tipos de filantropia, doação de órgãos, vacinação, bem-estar animal, luta por direitos civis, sociais, políticos, ambientais, etc. Mas também pode ter um efeito altamente nocivo para a sociedade quando a comunicação propaga desinformação, *Fake News*, mentiras, calúnia, difamação, discursos de ódio, misoginia, racismo, fundamentalismo religioso, etc. Tudo isso afeta diretamente o destino de vidas em particular e de nações inteiras, este último principalmente (mas não somente) a partir de eleições nacionais. Debruçamo-nos agora justamente sobre a influência da internet na política.

3.2.1 A comunicação política do bolsonarismo na internet: reflexões

Buscamos neste tópico problematizar os principais elementos da comunicação bolsonarista na internet. O filósofo Henry Bugalho, em seu livro *Minha especialidade é matar: como o Bolsonarismo tomou conta do Brasil* (2020), reflete sobre a relevância da verdade no mundo contemporâneo e como muitos comunicadores virtuais bolsonaristas agem na internet. Diz Bugalho:

A verdade está perdendo importância na compreensão do mundo. Este é um fenômeno de forte conteúdo político que busca impor uma narrativa que prescinde ou distorce fatos. Hoje, muitos youtubers direitistas veiculam uma mensagem padronizada: nas últimas décadas, estava em curso a implantação do comunismo no Brasil. Nessa teoria conspiratória, o filósofo Antonio Gramsci seria o pilar de um movimento global para destruir o capitalismo a partir das instituições educativas, políticas e culturais. Uma revolução secreta para desintegrar nossos valores tradicionais. (BUGALHO, 2020, p. 08).

Se a verdade está mesmo perdendo importância na compreensão do mundo, indivíduos e grupos estão acreditando em narrativas cuja fundação está em elementos não-rationais, nos quais não é necessário a prova, pois a crença basta em si mesma. Esta crença pode estar ligada a fatores voltados à identidade do indivíduo, como por exemplo a religião, orientação sexual, gênero, etnia, classe social, etc. No caso brasileiro, é possível verificar que a religião possui um fundamento central no bolsonarismo, principalmente a partir do apoio massivo dos evangélicos, seja o apoio de pastores neopentecostais, seja o de fiéis que em boa parte estão conectados com os apoios de seus líderes.

No Brasil do século XXI temos a ascensão de grupos evangélicos, seja em números totais, seja em relevância política. O pensamento evangélico necessita

fundamentalmente da fé de seus seguidores para sobreviver. Tal crença possui como sua base a bíblia sagrada, que é utilizada por tais grupos para justificar suas ações. Reproduzem-se trechos da bíblia em cultos, mas também pode ser lida pelos fiéis de forma individual ou coletiva, silenciosa ou em voz alta, dentro da igreja ou fora. O fundamento é a crença, e isso é inegociável. Os espaços promovidos pela igreja são espaços de afirmação das identidades. Não é o lugar do questionamento, mas sim da certeza.

Isso vai em direção oposta ao pensamento racional. Na ciência, é necessário não a crença, mas sim o questionamento como fundamento. Parte-se do questionamento para a pesquisa, e da pesquisa para as provas. Provas estas que podem e devem ser questionadas, desde que de forma racional. Logo, temos uma diferença fundamental entre o pensamento evangélico e o pensamento racional, ou seja, científico: no primeiro, é necessário fé e aceitação; no segundo, questionamento e provas.

Mas por que cada vez mais brasileiros aderem ao neopentecostalismo? Talvez uma pista para esta pergunta esteja na questão da identidade. Em um país tão marcado pelas mais diversas desigualdades, inseguranças e violências, a igreja é um oásis de abrigo, de comunhão, de vida em comunidade, enfim, de um sentimento forte de apoio mútuo e pertencimento. Isso faz toda a diferença em tempos difíceis, como na morte de um ente querido, por exemplo. A crença na vida após a morte, presente em toda religião, consola em momentos de imensa dor, e também estimula a repetição de determinados comportamentos considerados virtuosos em vida para assim receber a recompensa em um plano superior.

Por outro lado, o trabalho científico demanda não só os conhecimentos teóricos e práticos da área que está sendo pesquisada, mas também um constante questionar-se, que por vezes pode ser muito difícil. Este questionar-se é ainda maior na área de Ciências Humanas, pois somos ao mesmo tempo sujeito e objeto da pesquisa. E cada vez que analisa-se indivíduos ou grupos humanos, estabelece-se comparações com as nossas próprias práticas, o que tem o potencial de promover crises existenciais em nossos sistemas de crença e identidades, até então sólidas. Além disso, o trabalho do cientista pesquisador é, por muitas vezes, um trabalho solitário. A produção de textos acadêmicos é um exemplo. Escreve-se trabalhos de conclusão de curso, monografia, dissertação de mestrado, tese de doutorado, tudo sozinho. Tudo muito solitário, principalmente na pós-graduação.

Logo, se estabelecemos uma comparação entre pensamento evangélico e pensamento científico, podemos inferir que o pensamento evangélico está mais próximo das camadas mais empobrecidas da população. Isto não só pela estrutura de pensamento e crença, mas também pelo fato de que as camadas populares possuem mais dificuldade no acesso a uma educação científica, principalmente de nível superior. Entretanto, não podemos entender o ser humano como um ser coerente e não-contraditório, pois existem muitos cientistas das mais diversas áreas que são ao mesmo tempo pessoas religiosas, e que conseguem viver tranquilamente com identidades dentro de si que teoricamente são regidas por sistemas de crença, busca pela verdade e consequentemente compreensão do mundo completamente diferentes.

Talvez a afirmação de Bugalho sobre a perda da relevância da verdade para a compreensão do mundo só possa ser compreendida juntamente com a crescente desconfiança em relação às mídias tradicionais, e a busca da informação cada vez maior em bolhas virtuais, para qual o algoritmo acaba recomendando mais conteúdo que reforça apenas as suas certezas já estabelecidas. E isto é um ambiente fértil para *Fake News*. Objetivamente, é um completo delírio achar que o Brasil esteve a caminho de um comunismo baseado nas ideias de Antonio Gramsci porque o PT esteve no poder. É um total descolamento da realidade.

Bugalho prossegue em seu texto sobre as estratégias utilizadas pelo bolsonarismo nas redes:

Nesta guerra psicológica, a agressividade de vários influenciadores não é apenas uma questão de estilo. É funcional, mesmo que muitos deles a adotem por imitação ou intuitivamente. Deve-se confundir o oponente, desacreditá-lo, abalar o seu moral. A estratégia é a construção de uma narrativa pós-verdade, alheia ao conhecimento consolidado. Afinal, todos navegamos pelo mundo através de nossas histórias. Para aceitarmos dada interpretação da realidade, antes de tudo ela precisa fazer sentido. Uma história mentirosa coerente convence mais que uma verdade incoerente. (BUGALHO, 2020, p. 08).

Podemos inferir a partir do trecho acima que há duas estratégias utilizadas pela extrema-direita brasileira: a *Fake News* e o argumento ad hominem. Tais estratégias não são necessariamente opostas, podendo inclusive a depender da situação, ser complementares. Logo, como resultado, o mecanismo de compreensão do mundo de quem acredita em tais conteúdos passa da verdade para a pós-verdade. A Academia Brasileira de Letras (ABL) define o conceito de pós-verdade de três maneiras. Tais conceitos são os seguintes:

1. Informação ou asserção que distorce deliberadamente a verdade, ou algo real, caracterizada pelo forte apelo à emoção, e que, tomando como base crenças difundidas, em detrimento de fatos apurados, tende a ser aceita como verdadeira, influenciando a opinião pública e comportamentos sociais.
2. Contexto em que asserções, informações ou notícias verossímeis, caracterizadas pelo forte apelo à emoção, e baseadas em crenças pessoais, ganham destaque, sobretudo social e político, como se fossem fatos comprovados ou a verdade objetiva.
3. Diz-se de política, era, etc. caracterizada pela pós-verdade (...). (ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS, 2021, n.p.).

Os três conceitos ajudam explicar as narrativas bolsonaristas. Os dois primeiros são realizados a partir das mais diversas mídias sociais digitais disponíveis e auxiliam a sedimentar as ideias negativas já pré-estabelecidas em seus apoiadores. O terceiro ajuda a nomear a era que estamos presenciando. Certamente não estamos mais na era da informação (como Castells gostava de chamar o nosso tempo presente), mas sim a era da pós-verdade.

Em geral, o bolsonarismo ataca todos os seus adversários políticos. Quanto mais longe ideologicamente determinado grupo ou indivíduo está de Bolsonaro, maior é o ataque. Os dois principais grupos a sofrer ataques são a esquerda (especialmente o PT e os comunistas), e a imprensa tradicional (esta última, mesmo em geral possuindo uma visão liberal sob ponto de vista econômico, discorda de Bolsonaro quanto a questões voltadas para os costumes).

O assassinato de reputações, para obter o efeito desejado, necessita ser replicado por diversas vezes e por diversos canais, até simplesmente não sobrar nada da imagem pública de determinado grupo ou pessoa. Conforme Bugalho:

(...) o projeto de destruição de reputações desconhece a verdade dos fatos, pois seu principal objetivo é justamente este: de contaminar o alvo de tal modo que aquilo que a pessoa diz nem sequer é ouvido. Não se trata de contestar ou refutar argumentos, mas de destruir completamente a credibilidade de quem os enuncia.

Vale lembrar a frase muitas vezes enunciadas por Olavo de Carvalho, o guru ideológico deste governo: “Não puxem discussão de ideias. Investigue alguma sacanagem do sujeito e destrua-o. Essa é a norma de Lênin: nós não discutimos para provar que o adversário está errado. Discutimos para destruí-lo socialmente, psicologicamente, economicamente”. (BUGALHO, 2020, p. 114).

Logo, a disputa política não é a continuação da guerra por outros meios: a disputa política é permanentemente a própria guerra por outros meios. O adversário não é visto como adversário, mas sim como um terrível inimigo que deve ser destruído, humilhado, e principalmente vencido. Tal inimigo não é digno de ser nem ao menos escutado, pois

está contaminado por uma ideologia nefasta e por um comportamento impuro, típica retórica de fundamentalismos religiosos ao redor do globo. É a guerra do “nós” contra “eles”. É a total aniquilação de qualquer canal de troca, de debate, de discussão na arena pública. Aqui novamente cabe muito bem o fundamentalismo religioso, em especial o cristão com o mundo dividido em dois polos completamente antagônicos: Deus e o diabo, céu e inferno, dia e noite, pureza e depravação, benditos e malditos, luz e escuridão, escolhidos e renegados.

Podemos colocar como o grande mentor intelectual de Bolsonaro o já acima citado Olavo de Carvalho. A partir de agora, façamos uma análise da trajetória de Carvalho para entendermos como e porque tornou-se o pensador mais proeminente para a extrema-direita brasileira.

3.3 OLAVO DE CARVALHO: VIDA, OBRA E SIGNIFICADO

Nascido na cidade de Campinas, estado de São Paulo, Olavo de Carvalho inicia a sua trajetória política no ano de 1966. Curiosamente, Carvalho foi militante entre 1966 e 1968 do Partido Comunista Brasileiro (PCB):

Dois anos depois do golpe de 1964, Olavo de Carvalho passou a militar no Partido Comunista. Ele confirmou essa informação importante e contraditória da própria biografia à BBC. Ele disse: “Durante todo o tempo da ditadura, estive contra ela – quando não estava militando, estava ajudando a esquerda, escondendo foragidos do governo, escondendo arma. Fiz o diabo”. (METEORO BRASIL, 2018, 01:39 – 02:06).

Sua biografia nas décadas seguintes é marcada por polêmicas e controvérsias. Temos a confirmação de que Carvalho foi internado em uma clínica psiquiátrica em meados dos anos 1970, mas não temos precisão nas datas. Algo entre 1974 e 1975, conforme trecho abaixo:

Olavo de Carvalho foi internado nos anos setenta, numa clínica psiquiátrica em São Paulo. Mas não se sabe em que condições ele saiu de lá. O jornalista Renato Pompeu, já falecido, esteve internado com Olavo e ele relatou: “Conheci o senhor Olavo de Carvalho em 1974 ou 1975 quando éramos internos do Instituto de Psiquiatria Comunitária, no Itaim-Bibi. O Olavo acabou saindo do hospital psiquiátrico sem alta médica, isso é, resolveu interromper o tratamento antes que os médicos o considerassem em plenas condições”. Já o próprio Olavo de Carvalho tem uma outra versão desse internamento: “Na verdade, a minha internação foi voluntária e tive alta no segundo dia, permanecendo no hospital por vontade própria, como paciente-atendente. (METEORO BRASIL, 2018, 02- 26 – 03:22).

Em um vídeo, Carvalho disse que o motivo de tal internação foi o de que tinha fumado *umas maconha*, o que gerou efeitos adversos no seu organismo. No mesmo vídeo, afirma que recebeu alta no terceiro dia. Logo, temos uma pequena divergência em relação ao outro depoimento, no qual disse que tinha sido liberado do tratamento no segundo dia. Em ambos afirma que ficou voluntariamente como paciente-atendente.

Uma vez fora da clínica psiquiátrica, Olavo de Carvalho se envolveu com uma seita chamada Tradição. Olavo brigou com a organização religiosa e chegou a aparecer na imprensa fazendo acusações contra a seita. Algumas das críticas dele a Tradição já apontavam para o conservadorismo que o tornaria famoso décadas mais tarde. Ao Estadão, ainda nos anos oitenta, ele disse: “A seita é dirigida por pessoas anormais (lésbicas, bêbados, toxicômanos), cujo comportamento ostensivo é apresentado aos discípulos como modelo de sinceridade e até mesmo de santidade”. (METEORO BRASIL, 2018, 03:22 – 04:03).

Constatamos aqui que a tentativa de assassinato de reputações com argumentos ad hominem não é algo recente por Carvalho, já sendo registrado tal estratégia nos anos 1980. Na mesma década e na década de 1990, Carvalho ministrou cursos de Astrologia, conforme demonstram anúncios em jornais da época. É difícil precisar um momento exato, mas no início do século XXI, o astrólogo muda consideravelmente a sua atuação. O foco deixa de ser a Astrologia e passa a ser as teorias da conspiração. Seus principais focos de tentativa de humilhação pública são a esquerda e os cientistas.

Algumas das teorias que o autoproclamado filósofo aceitou ou concordou a partir de final dos anos 1990 e começo da década de 10 do século XXI são: revolução cultural, marxismo cultural, globalismo, ideologia de gênero, União das Repúblicas Socialistas da América Latina (URSAL), Pepsi usa células de fetos abortados como adoçante em seus refrigerantes. Além de conspiracionista, também foi negacionista. Seus principais negacionismos, de criação ou divulgação, são sobre os seguintes temas: a inexistência do heliocentrismo, a ineficácia das vacinas, negação da existência do corona vírus, imparcialidade das votações em urnas eletrônicas, a incerteza se a terra é esférica ou plana, a negação da existência do racismo nos Estados Unidos, fumar não faz mal à saúde, inexistência de mudanças climáticas.

A ascensão do conspiracionista e negacionista no debate público dá-se principalmente a partir de 2005. Neste ano é criado o Curso Online de Filosofia (COF):

Após se mudar para os EUA em 2005, Olavo passou a promover no YouTube um Curso Online de Filosofia (COF) e também lançou um programa online de rádio chamado *True Outspcak*, no qual tentava emular o radialista de extrema direita Rush Limbaugh. Nos anos seguintes, também se lançou no Facebook.

O curso e as redes sociais acabaram favorecendo a atração de extremistas menos disciplinados, que passaram a se intitular seguidores de um suposto filósofo conservador sem precisar efetivamente ler livros. Bastava ouvir um pouco e concordar com o "professor" para ser incluído no movimento.

Para Olavo, o fato de esses novos e cada vez mais numerosos seguidores não serem exatamente refinados era um bônus, já que eles seriam mais obedientes e menos questionadores. Foi nessa fase que dois dos filhos de Jair Bolsonaro – Eduardo e Carlos – se aproximaram de Olavo. Seguidores passaram a exibir cartazes ou gritar slogans como "Olavo tem razão" em protestos pelo país. (STRUCK, 2022, n.p.).

Certamente a mola propulsora de sua carreira como parteiro e guru da nova direita brasileira deu-se a partir do COF em seu canal no YouTube. Ali conseguiu uma visibilidade e uma notoriedade nunca antes alcançada em sua vida. Sua aproximação com Carlos Bolsonaro e Eduardo Bolsonaro foram fundamentais para a sua aproximação a Jair Bolsonaro.

Muito de seu estilo é inspirado em Rush Limbaugh (1951 – 2021), radialista e apresentador do programa *The Rush Limbaugh Show*, conhecido conspiracionista da extrema-direita americana e grande apoiador de Donald Trump, este último elogiado pelo astrólogo que disse ser “um gênio à altura de Napoleão Bonaparte”.

Aproveitando a ascensão da nova direita brasileira a partir das chamadas Jornadas de Junho de 2013, em julho do mesmo ano lançou o livro *O mínimo que você precisa saber para não ser um idiota*. Tal escrito foi um marco importante para Carvalho ganhar ainda mais adeptos, prestígio e conseqüentemente relevância no cenário político brasileiro:

O trabalho nas profundezas da internet acabou sendo frutífero para Olavo. Em 2013, ele pôde enfim sentir o gosto do mainstream quando a Editora Record, aproveitando o *zeitgeist* que começava a pender para a direita no Brasil, lançou uma coletânea de artigos de Olavo chamada *O mínimo que você Precisa saber para não ser um idiota*.

O livro foi um sucesso para a editora, que passou a republicar antigas obras de Olavo. Segundo o jornal O Globo, as obras de Olavo que saíram pelo selo Record venderam 400 mil exemplares entre 2013 e 2021 – uma marca gigantesca para esse tipo de livro no Brasil. A editora logo passou a publicar livros de vários pupilos de Olavo, alimentando um novo público faminto por obras de extrema direita. (STRUCK, 2022, n.p.).

Com o sucesso de tal livro, Carvalho passa não só a ter prestígio em certas camadas conservadoras e reacionárias da sociedade brasileira. Sua ascensão também passa pela comparação com a figura talvez de maior relevância da extrema-direita mundial, Steve Bannon:

Nessa fase, Olavo começou a ser notado por figuras da extrema direita mundial, como o ideólogo da alt-right Steve Bannon, outro seguidor do "tradicionalismo", com quem passou a ser frequentemente comparado em publicações estrangeiras.

Em 2016, após o impeachment de Dilma Rousseff, quando enormes manifestações conservadoras precipitaram a queda da petista, Olavo afirmou que havia sido o "parteiro" da "nova direita" brasileira. (STRUCK, 2022, n.p.).

Bannon sentiu-se tão próximo ideologicamente a Carvalho que inclusive o convidou para um jantar em Washington, Estados Unidos. Cabe lembrar que Steve Bannon foi estrategista de Trump quando este conseguiu êxito na eleição presidencial em 2016.

Provavelmente a partir de indicações de seus filhos, Jair Bolsonaro aproxima-se de Carvalho cada vez mais. Esta aproximação é flagrante em seu primeiro discurso após vencer o segundo turno das eleições presidenciais em 2018 e na composição do então novo governo:

Em 2018, Jair Bolsonaro exibiu um exemplar de *O mínimo que você precisa saber para não ser um idiota* em sua mesa quando fez seu primeiro discurso, após vencer o segundo turno. (...)

Olavo inicialmente teve um papel decisivo na montagem do primeiro ministério do presidente. Ele influenciou diretamente a escolha de Ricardo Vélez Rodríguez para o cargo de ministro da Educação, e do seu seguidor Ernesto Araújo para as Relações Exteriores.

Vélez Rodríguez durou pouco no cargo, mas seu substituto foi outro olavista, Abraham Weintraub. Olavo ainda exerceu forte influência sobre Filipe G. Martins, o reacionário assessor de Bolsonaro para assuntos internacionais. (STRUCK, 2022, n.p.).

Jair Bolsonaro, que nunca escreveu livros sobre política, parece ter decidido neste período que a base filosófica de seu governo seriam as ideias de Olavo de Carvalho. Certamente preencheu um espaço que estava desocupado em seu governo, o que ajudou a alavancar ainda mais a imagem de Carvalho como guru da nova direita brasileira e evidentemente de seu líder máximo, o então novo presidente da república.

Mas a relação entre Bolsonaro e Carvalho a partir de então foi marcada por inconstâncias e instabilidades. Algumas indicações/simpatizantes do ideólogo acabaram sendo demitidas ao longo do governo, tais como Ricardo Vélez Rodríguez, Abraham Weintraub, e Ernesto Araújo. Isto e outros fatores geraram profundo desconforto em Carvalho:

(...) Olavo não emprestou um apoio constante ao presidente e várias vezes criticou Bolsonaro. O afastamento se acentuou conforme os pupilos do ideólogo foram perdendo cargos no governo.

Olavo também se queixava que o presidente não era disciplinado e consistente o suficiente para combater a esquerda.

Antes mesmo do surgimento do bolsonarismo, Olavo já havia direcionado críticas similares aos militares, afirmando que durante a ditadura eles só se preocuparam em combater guerrilhas, ignorando que a esquerda estava "se infiltrando" nas universidades.

Nem mesmo a ditadura foi suficientemente radical para Olavo.

Olavo ainda diagnosticava que a vitória da extrema direita em 2018 havia ocorrido cedo demais, sem que o campo tivesse sido suficientemente preparado para que ela se tornasse hegemônica em todas as áreas da sociedade. Dessa forma, o poder não seria mantido de forma duradoura

Ainda assim, ele disse que votaria em Bolsonaro em 2022 por falta de opção. (STRUCK, 2022, n.p.).

O guru do presidente acabou por falecer em 24 de janeiro de 2022. A causa da morte não foi confirmada, mas sabe-se a partir de mensagens em grupos no Telegram que o ideólogo foi internado devido a um diagnóstico de covid-19. Sua morte deixou um vazio na direita brasileira ainda não preenchido. Por fim, buscamos responder ao seguinte questionamento: qual é a herança de Olavo de Carvalho para a chamada nova direita brasileira?

A herança deixada é de conspiracionismo e negacionismo. Os dois legados são muito nocivos à democracia e ao convívio social. Sua linguagem violenta e suas palavras de baixo calão (que preferimos não reproduzir aqui) semeiam a desconfiança irracional em relação às ciências, o ódio profundo em relação à esquerda política e, principalmente, o pânico moral que remete principalmente a uma suposta degradação cultural e moral no mundo todo. Tudo isso gera medo, que é canalizado para a política através de candidatos que defendam em seus discursos um uso maior (ou talvez irrestrito) da violência, seja pelos civis, seja pelos mais diversos aparatos repressivos do Estado. Em consequência disso tudo, um fechamento total do diálogo não só com a esquerda, mas com qualquer outra força política que se oponha ainda que parcialmente a parte das ações e ideias de seu guru.

É evidente que as ações e ideias da nova direita brasileira causaram reações no campo progressista brasileiro. As mais contundentes respostas vieram a partir do livro *Tudo o que você precisou desaprender para virar um idiota* (2019), escrito pela Meteoro Brasil (projeto jornalístico e canal no YouTube capitaneado por Álvaro Borba e Ana Lesnovski, ambos jornalistas).

3.4 O METEORO BRASIL E SUA RESPOSTA

A contraposição por parte do Meteoro Brasil deu-se através de diversos vídeos no YouTube, bem como da produção do livro citado acima. Analisaremos os vinte e quatro capítulos a partir de quatro blocos de seis capítulos cada, por ordem cronológica, em quatro tabelas. Na organização do livro, em cada capítulo, após o número e nome do capítulo, há um espaço de uma a duas frases denominado *FICÇÃO*, usado para explicar a falácia que será desmentida no capítulo. Após tal espaço, há também outro espaço presente em todos os capítulos denominado *REALIDADE*, que não somente faz total contraposição ao que está na *FICÇÃO*, mas também busca desqualificar e/ou refutar o que foi escrito anteriormente. Para melhor organização e visualização, colocamos os campos “NÚMERO E NOME DO CAPÍTULO”, “FICÇÃO” e “REALIDADE” lado a lado. Cabe lembrar que o livro em questão não é uma resposta apenas as ideias de Carvalho, mas também as mais diversas teorias da conspiração que circundam não só a extrema-direita brasileira, como também em alguns capítulos especificamente, a extrema-direita mundial. Vejamos:

Quadro 2 – Capítulos de um a seis

NÚMERO E NOME DO CAPÍTULO	FICÇÃO	REALIDADE
CAPÍTULO 1 – TEORIAS CONSPIRATÓRIAS SÃO IRREFUTÁVEIS, MAS ISSO NÃO AS TORNA VERDADEIRAS	Dizer que uma ideia é uma teoria conspiratória é apenas xingá-la, e não refutá-la.	Não há como refutar uma teoria da conspiração diante daquele que nela crê. A questão é de fé, não de prova.
CAPÍTULO 2 – GLOBOBALISMO NÃO EXISTE	Há um processo revolucionário em curso e ele se chama “globalismo”.	Há uma simplificação grosseira da geopolítica em voga e ela se chama “globalismo”.
CAPÍTULO 3 – A RELIGIÃO BIÔNICA MUNDIAL NÃO AMEAÇA A MORAL JUDAICO-CRISTÃ	A moral judaico-cristã, que guiou a civilização ocidental ao longo dos últimos dois milênios, hoje se vê ameaçada pela chegada de uma Religião Biônica Mundial.	A moral judaico-cristã é uma abstração que ganha força de tempos em tempos, conforme as exigências do contexto político. Já a tal Religião Biônica Mundial é uma conspiração tão engraçada quanto seu nome sugere.
CAPÍTULO 4 – O MEDO DO MARXISMO CULTURAL É UMA INVENÇÃO NAZISTA	A Escola de Frankfurt dedicou-se explicitamente a destruir a cultura judaico-cristã e instaurar o marxismo cultural.	São as próprias acusações contra a Escola de Frankfurt que ajudam a estruturar a conspiração do marxismo cultural.
CAPÍTULO 5 – GRAMSCI NUNCA FOI MAQUIAVÉLICO	Antonio Gramsci é um vigarista maquiavélico.	Antonio Gramsci cita Maquiavel em sua obra, mas seria difícil dizer que ele é

		maquiavélico, ou mesmo gramscista.
CAPÍTULO 6 – DIREITOS HUMANOS NÃO SÃO UMA FERRAMENTA DE DOMINAÇÃO GLOBAL	O conceito de direitos humanos tem sido um pretexto para “dar vantagens a minorias selecionadas que servem aos interesses globalistas”.	O conceito de direitos humanos protege a humanidade da autoaniquilação. Globalismo nem existe.

Fonte: Meteoro Brasil, 2019.

O primeiro capítulo demonstra tanto o funcionamento de uma teoria da conspiração quanto a imensa dificuldade de refutá-la, já que seus fundamentos não são racionais e sim apenas de fé. Os dois exemplos usados são do governo global (também conhecido pelos defensores dessa teoria conspiracionista como globalismo) e da Religião Biônica Mundial:

[Michael] Barkun nos ensina que as teorias conspiratórias são capazes de construir defesas impenetráveis contra uma refutação lógica. Funciona mais ou menos assim: um indivíduo que acredita na ameaça do governo global e da sua Religião Biônica Mundial se vê diante de um curso universitário completo de Geopolítica (abordando todas as 193 nações, suas histórias, interesses e interações). Diante da informação de que o mundo é muito mais complexo do que a conspiração sugere, ele pode ignorá-la, substituindo-a pela convicção de que o professor que a apresentou é também um agente do globalismo, agindo para doutriná-lo. Todas as informações que contradigam a crença inicial do indivíduo podem seguramente ser descartadas. Problema resolvido!

Dessa forma, toda teoria da conspiração se torna virtualmente infalsificável, a ponto de Barkun nos dizer que a questão é sempre de fé, nunca de fato. É apenas sintomático que o termo “refutar” tenha se tornado tão popular no léxico brasileiro nos últimos anos. O desafio para que o oponente do adepto da teoria da conspiração o refute em um debate é quase uma armadilha conceitual, pois a negação sumária das teorias conspiratórias é impossível do ponto de vista lógico. Basta concluir que o outro lado é parte de um esquema acadêmico/econômico/político/religioso de domínio e doutrinação para que nenhuma teoria seja refutada. Por outro lado, é só apresentar uma teoria da conspiração para que argumentos cientificamente estabelecidos sejam sumariamente destruídos, refutados, pisoteados, violentados – as expressões de violência funcionam bem porque expressam o desejo destrutivo desse tipo de estratégia comunicacional. (METEORO BRASIL, 2019, p. 45 – 46).

Não cabe neste momento minuciar a análise e fazê-la capítulo por capítulo. Na citação acima, acreditamos já estar contemplados os capítulos 01, 02 e 03. As ideias de um processo revolucionário em curso que levaria a um governo global comunista (!) e de uma Religião Biônica Mundial são, como toda teoria da conspiração, baseadas apenas na fé, sem fundamentos na realidade.

Uma das teorias da conspiração mais difundidas é a ideia de marxismo cultural a partir dos autores da escola de Frankfurt, e que cujo objetivos seriam a destruição da cultura judaico-cristã e uma revolução marxista utilizando-se de instrumentos culturais

como filmes, músicas, literatura, e televisão para fins de manipulação ideológica. Curiosamente, a escola de Frankfurt também foi perseguida pelos nazistas:

Quando a teoria da conspiração do marxismo cultural nos alerta que décadas de esforço da Escola de Frankfurt foram dedicadas explicitamente à destruição da cultura judaico-cristã, a única coisa que a difere de um nazista em sua luta contra o bolchevismo cultural é a identificação pontual da “cultura judaico-cristã”. Aqui, o termo é cuidadosamente utilizado para que não lhe dediquem a pecha de antisemita. (...)

É verdade que o marxismo está na base dos textos mais famosos associados à Escola de Frankfurt – e não há nada de errado nisso. O que uniu os pensadores de Frankfurt, em primeiro lugar, foi a rejeição ao marxismo panfletário dos partidos comunistas ortodoxos. Para eles, contudo, o marxismo era a caixa de ferramentas que continha os instrumentos metodológicos e analíticos adequados para as tarefas em questão. A força que aglutinou esses intelectuais, hoje acusados de tramar a dominação do mundo, foi justamente a percepção de que o marxismo é, antes de tudo, um método de análise da sociedade e da economia. (METEORO BRASIL, 2019, p. 71 – 72).

Logo, tal teoria da conspiração nem “original” é, pois trata-se de uma cópia do bolchevismo cultural, apenas com adaptações. Não existe marxismo cultural, pois o marxismo é uma teoria estruturalmente baseada na economia, não na cultura.

Outro intelectual detratado pela extrema-direita foi Antonio Gramsci. A ideia de caracterizá-lo como “vigarista maquiavélico” (termo usado por Olavo de Carvalho) é uma evidente tentativa de demonizá-lo, já que Nicolau Maquiavel é comumente associado a uma imagem de alguém que age deliberadamente de má-fé, manipulando a todos para benefício próprio:

A partir da hegemonia cultural, um consenso passivo se estabelece em torno da legitimidade de um vasto aparato chamado por Gramsci de “Estado ampliado”. Esta visão se contrapõe à noção marxista inicial de um Estado que, cooptado pela classe dominante, se impõe como mero instrumento de força. É num desses esforços para revelar as sutilezas das relações de poder que Gramsci recorre a Maquiavel, autor que, entre outras coisas, nos apresenta seus conceitos de “principado” e “república”. (...)

O que Gramsci faz é nos alertar para a hipótese de que a coerção do principado e o consenso da república possam coexistir como mecanismos complementares, uma ideia que contempla seu conceito de hegemonia cultural. No terceiro volume dos seus Cadernos do cárcere, ele escreve: “Não há oposição de princípio entre principado e república, mas se trata, sobretudo, da hipótese dos dois momentos de autoridade e universalidade”. (METEORO BRASIL, 2019, p. 78 – 79).

Citar um autor não significa necessariamente concordar com suas ideias, tampouco pode ser considerado um sinal seguro para identificar o escritor como um discípulo do mestre citado. Tentar entender conceitos de um autor não significa aceitar passivamente suas ideias.

Entendemos a ficção do capítulo 06, *O conceito de direitos humanos tem sido um pretexto para “dar vantagens a minorias selecionadas que servem aos interesses globalistas”*, como apêndice da ficção do capítulo 02, *Há um processo revolucionário em curso e ele se chama “globalismo”*. Cabe lembrar que a história da Declaração Universal dos Direitos Humanos é amplamente conhecida. Fruto do pós Segunda Guerra Mundial e da criação da ONU, não possui nenhuma relação verdadeira com tal teoria conspiratória.

Focamo-nos agora na tabela abaixo:

Quadro 3 – Capítulos de sete a doze

NÚMERO E NOME DO CAPÍTULO	FICÇÃO	REALIDADE
CAPÍTULO 7 – POLITICAMENTE CORRETO É COISA DA DIREITA	O politicamente correto é um instrumento criado para realizar a dominação através da cultura.	O primeiro registro do termo politicamente correto surge na Suprema Corte dos Estados Unidos e não tem nada a ver com qualquer plano de dominação cultural.
CAPÍTULO 8 - OBAMA NÃO É UM AGENTE DA KGB	Obama é um agente russo infiltrado nos Estados Unidos.	Obama foi o 44º presidente dos Estados Unidos e não há documento ou conduta que permitam concluir sua subserviência aos russos.
CAPÍTULO 9 – MARTIN LUTHER KING JR. NÃO ERA ANTICOMUNISTA	Martin Luther King Jr. passou a vida sendo perseguido pelos comunistas.	Martin Luther King Jr. foi perseguido por quem perseguiu comunistas.
CAPÍTULO 10 – NADA NA PSICOLOGIA NOS RECOMENDA UM SISTEMA DE CASTAS	É inevitável que uma sociedade se divida em castas porque castas são tipos psicológicos.	A divisão da sociedade em castas é um anseio da filosofia perenialista e não tem nada a ver com psicologia.
CAPÍTULO 11 – FREUD NÃO DEFENDE O INCESTO	Freud é responsável por iniciar uma onda de indução à pedofilia.	Ao comparar diferentes culturas, Freud percebeu que o incesto era tabu em todas elas. Partindo de tal percepção, apontou a existência de um potencial desejo da criança pela mãe, formulando a famosa hipótese do complexo de Édipo.
CAPÍTULO 12 – IDEOLOGIA DE GÊNERO, NÃO, ESTUDOS DE GÊNERO, SIM	A ideologia de gênero quer impor o aborto a mulheres e transformar meninos em meninas.	Ideologia de gênero não existe. Estudos de gênero, ao contrário, constituem um campo real do conhecimento que nunca se propôs a mudar a sexualidade de ninguém.

Fonte: Meteoro Brasil, 2019.

A ficção do capítulo 07, *O politicamente correto é um instrumento criado para realizar a dominação através da cultura*, é mais uma derivação da teoria conspiratória do marxismo cultural. Embora não tenha sido o criador de tal teoria, Olavo de Carvalho foi um de seus maiores divulgadores. Inclusive Bolsonaro, em seu discurso de posse, cita o combate ao politicamente correto. Já a ficção do capítulo 08, *Obama é um agente russo infiltrado nos Estados Unidos*, também é uma clara derivação da teoria conspiratória do globalismo.

A ficção do capítulo 09, *Martin Luther King Jr. passou a vida sendo perseguido pelos comunistas*, também teve como seu principal divulgador no Brasil Olavo de Carvalho. Sustentou tal conspiração em uma de suas aulas:

No Brasil, o boato ganhou força depois de ser sustentado em uma de suas aulas. Depois disso, durante a campanha presidencial de 2018, até mesmo celebridades ligadas ao bolsonarismo trataram de reproduzir a versão republicana de King em suas redes sociais. “Sabia que o Martin Luther King era pastor cristão e republicano, né?”, chegou a perguntar Danilo Gentili. Como se percebe, é perigoso acreditar naquilo que outras pessoas, distanciadas de King pelo tempo, pelo espaço e, principalmente, pelos objetivos políticos, escrevem sobre ele. Muito mais seguro pode ser a leitura dos textos do próprio King, e um bom ponto de partida pode ser A autobiografia de Martin Luther King, compilado dos textos do reverendo organizado por Clayborne Carson. Lá, King faz algumas considerações sobre Marx: “Marx tinha revelado o perigo do motivo lucro como base única de um sistema econômico: o capitalismo corre sempre o perigo de inspirar os homens a se preocuparem mais em ganhar a vida do que em construir uma vida. Tendemos a avaliar o sucesso de acordo com nossos salários ou com o tamanho de nossos carros, e não pela qualidade de nosso serviço à humanidade e de nossa relação com ela”. Essa breve reflexão sugere que não havia em King aquele ímpeto anticomunista e persecutório hoje atribuído a ele; o que havia era uma curiosidade saudável a respeito daquilo que o marxismo é em seu sumo: uma tentativa estruturada de compreender o capitalismo e seus efeitos. (METEORO BRASIL, 2019, p. 109).

Como já foi dito anteriormente, citar um autor não significa concordar com ele. Entretanto, é visível a partir do trecho acima que Martin Luther King Jr. usava certas ideias de Karl Marx como ferramenta para entender a realidade. Tal afirmação não faz dele nem comunista, nem marxista. Entretanto, já é o suficiente para desfazer as falsas ideias de que de que o religioso era anticomunista e que passou a vida sendo perseguido pelos comunistas.

No capítulo 10, a ficção *É inevitável que uma sociedade se divida em castas porque castas são tipos psicológicos*, foi novamente divulgada no Brasil por Carvalho. Tal frase é baseada na obra de René Guenón, estudioso das tradições esotéricas:

Quem nos diz que “as castas são tipos psicológicos e não classes sociais” o faz décadas depois de ter iniciado seu flerte com uma filosofia chamada perenialismo. Pode não parecer, mas a frase que estabelece um vínculo entre psicologia e sistema de castas foi dita em 2017. A essas alturas, o flerte tinha

resultado em um romance sério, desses que marcam a gente para toda a vida. Se, por um lado, o defensor da divisão da sociedade em castas não é psicólogo, por outro, revela admiração pelo perenialismo, a filosofia que nos diz que toda sociedade se divide natural e espiritualmente em castas, independentemente de qualquer organização política. Do globalismo à Religião Biônica Mundial, passando pelo horror ao tal marxismo cultural e desaguando na sua rejeição sumária do método científico: o conjunto da obra desse que agora quer que nos organizemos em castas é uma superteoria conspiratória de essência perenialista – e, por superteoria conspiratória, não se pretende aqui nenhuma ofensa; trata-se da classificação metodológica adequada, como vista no Capítulo 1. Ofensa mesmo seria dizer que o perenialismo é meio destrambelhado e que quase qualquer coisa baseada nele também é. No perenialismo, a divisão em castas é vista como inevitável, mas os mecanismos que regem essa divisão são frequentemente colocados no reino do misticismo e da magia. O que o perenialista brasileiro do século XXI faz é trocar misticismo por psicologia, talvez em busca de alguma credibilidade. Ainda assim, a essência é mantida e, de alguma forma, até modernizada, para o horror do próprio perenialismo, que demoniza a modernidade. (METEORO BRASIL, 2019, p. 116 – 117).

Esta teoria da conspiração é também responsável por uma tentativa de naturalizar as desigualdades. Deixando subentendido que as desigualdades são naturais, logo, deixam de ser um problema a ser combatido. E se é natural a desigualdade, possivelmente seja naturalmente positiva para quem acredita em tal teoria.

Já no capítulo 11, *a ficção Freud é responsável por iniciar uma onda de indução à pedofilia*, foi propagada por Carvalho durante a corrida eleitoral. Além de tentar desqualificar vida e obra de Sigmund Freud, também usou esta conspiração para fazer o mesmo com Fernando Haddad, certamente para beneficiar seu candidato, Bolsonaro:

Na segunda semana de outubro de 2018, o autor de grande parte das ficções com as quais aqui somos confrontados interferiu diretamente na corrida eleitoral brasileira. Ele acusou um dos candidatos de ter escrito um livro defendendo que era preciso derrubar o “tabu do incesto”, usando a exata expressão de Sigmund Freud. O ideólogo por trás da acusação, bem se sabe, nunca teve um bom conceito de Freud. Muito antes de ser capaz de influenciar nossos processos eleitorais, ele já informava que o austríaco era responsável por uma muitíssimo suposta “indução à pedofilia”. Esse processo teria começado quando Freud supostamente distorcera a representação da infância para uma versão exageradamente erotizada. Amplamente difundida nas redes sociais, a acusação de que havia um defensor da pedofilia concorrendo à presidência da república foi desmentida nos meios jornalísticos. Contatou-se que só o que havia no tal livro escrito pelo candidato era uma menção a Freud. Foi unindo essa menção e a uma liberdade interpretativa radical (para dizer o mínimo) que o boato tomou forma. O candidato sobre quem caía a falsa acusação era Fernando Haddad, o adversário de Jair Bolsonaro no segundo turno de 2018. (METEORO BRASIL, 2019, p. 127 – 128).

Sem qualquer tipo de sustentação na realidade, as palavras de Carvalho certamente atingiram as mentes e corações de pessoas que nunca tiveram contato com os originais de Freud, além daquelas que apenas queriam acreditar na maldade de Haddad. O pânico moral gera o medo, e com o medo vem a manipulação através de salvadores da pátria. Nada mais conveniente para Carvalho naquele período.

O capítulo 12 traz como ficção *A ideologia de gênero quer impor o aborto a mulheres e transformar meninos em meninas*. O termo “ideologia de gênero” (assim como “marxismo cultural”) não é legitimado no meio científico. Propagou-se no ano de 2011 no Brasil que existia um “kit gay” que seria distribuído nas escolas públicas, o que também era mentira. O que de fato existia eram matérias do *Projeto Escola Sem Homofobia*, cujo objetivo é autoexplicativo. Os materiais do projeto foram aprovados inclusive pela Organização das Nações Unidas pela Educação (UNESCO). O então deputado federal Jair Bolsonaro foi um dos grandes divulgadores desta teoria da conspiração:

Uma simples menção à LGBTQI+fobia foi o suficiente para que o material fosse batizado por seus opositores como “kit gay”. Um deputado federal mandou imprimir 50 mil cópias de um panfleto em que propagava os objetivos nefastos do tal “kit gay”. Segundo o Correio do Estado, o texto dizia: “Querem, na escola, transformar seu filho de 6 a 8 anos em homossexual. Com o falso discurso de combater a homofobia, o MEC na verdade incentiva a homossexualidade nas escolas públicas do 1º grau e torna nossos filhos presas fáceis para pedófilos”. No fim, diante do estardalhaço, o governo federal optou por voltar atrás e não distribuir a cartilha. Não fez diferença alguma. Nos anos que se seguiram, os boatos sobre o kit gay se multiplicaram. O que inicialmente era apenas uma cartilha passou a incluir livros que nunca estiveram nas escolas públicas brasileiras. Um livro francês foi apontado como uma das armas do kit: *Aparelho sexual e cia.* – um guia inusitado para crianças descoladas, escrito por Zep e ilustrado por Hélène Bruller. Na verdade, apenas 28 cópias do livro teriam sido compradas pelo Ministério da Cultura (não pelo Ministério da Educação), disponibilizados em bibliotecas públicas (não em bibliotecas escolares) e nunca foram parte de um kit educativo distribuído em escolas. Isso não impediu que o livro figurasse em vídeos compartilhados fartamente nas redes sociais como parte de um complô comunista para sexualizar o seu filho em sala de aula. Depois disso, não é de se espantar (muito) o surgimento da famosa mamadeira erótica, símbolo máximo da histeria conservadora brasileira. Já escutávamos mentiras sobre um kit educativo sobre discriminação, depois sobre um livro que não era didático; por que não subir as apostas e inventar uma mamadeira criada para sexualizar bebês em escolas? Incidentalmente, o mesmo deputado federal que fez os panfletos – e que continuou dizendo que o livro sobre sexo era didático muito depois de desmentida a afirmação – se elegeu presidente ainda combatendo o mesmo “kit gay” que jamais foi distribuído. (METEORO BRASIL, 2019, 140-141).

A tática do pânico moral aparece novamente, bem como o preconceito com a população não-heterossexual. O pavor pela diversidade sexual gera medo, intolerância e ódio.

Quadro 4 – Capítulos de treze a dezoito

NÚMERO E NOME DO CAPÍTULO	FICÇÃO	REALIDADE
CAPÍTULO 13 – TODO HOMOFÓBICO VIVE EM UM MUNDO SALVO POR UM	Os membros da comunidade LGBTQI+ têm pouca	Quem escreveu uma barbaridade dessas nunca ouviu falar em Alan Turing.

MEMBRO DA COMUNIDADE LGBTQI+	contribuição para a história da humanidade.	
CAPÍTULO 14 – NÃO HÁ SOCIEDADE LIVRE DE DROGAS	Liberar drogas para combater seu uso é tão eficiente quanto tentar evitar o adultério fazendo sexo com a vizinha.	As políticas públicas sobre drogas mais bem-sucedidas tendem a ser complexas demais para serem resumidas em metáforas grosseiras.
CAPÍTULO 15 – O MÉTODO CIENTÍFICO É UMA CONQUISTA A SER CELEBRADA	O método científico não serve para descobrir nada e a ciência “bestifica” a humanidade.	O método científico é uma construção milenar da qual participaram algumas das mentes mais brilhantes da história, e serve para impedir que mentiras ganhem status de ciência.
CAPÍTULO 16 – VACINAS SÃO SEGURAS	Vacinas ou matam, ou endoiam, ou não servem para nada.	Vacinas não matam. Ignorância, sim.
CAPÍTULO 17 – A TERRA NÃO É PLANA, E MAIS: ELA GIRA EM TORNO DO SOL	Não há provas de que o geocentrismo seja correto, mas também não se pode provar o heliocentrismo.	Um bom telescópio e a capacidade de usá-lo são o suficiente para acabar com o confronto entre geocentrismo e heliocentrismo.
CAPÍTULO 18 – A HUMANIDADE NÃO PODE QUEIMAR PETRÓLEO INDEFINIDAMENTE	Não existem combustíveis fósseis; isso é uma invenção.	Até existe uma teoria abiótica para explicar a origem do petróleo, mas ela está longe de ser consenso científico.

Fonte: Meteoro Brasil, 2019.

A homofobia também é a base da ficção do capítulo 13, intitulada *Os membros da comunidade LGBTQI+ têm pouca contribuição para a história da humanidade*:

Tendo finalizado sua educação formal, [Alan] Turing começou a apresentar o mundo com conceitos absolutamente novos. Aos 24 anos, somando seus conhecimentos matemáticos a uma imaginação poderosa, ele concebeu uma máquina computacional virtual que entrou para a história como a “máquina de Turing”. Em linhas gerais, Turing deu ao mundo a primeira descrição conceitual dos computadores digitais como os conhecemos hoje e, de quebra, também introduziu o conceito de algoritmo. O ano era 1936. Mais tarde, Turing se apresentou como voluntário durante a Segunda Guerra Mundial. Suas especialidades seriam úteis nos esforços britânicos para decodificar as mensagens que o exército nazista trocava por rádio. Todas as comunicações militares podiam ser facilmente interceptadas e, justamente por isso, eram codificadas. Os alemães contavam com uma máquina chamada Enigma, capaz de gerar mais de 100 mil padrões de criptografia. Turing e sua equipe não partiram do zero em seus esforços para quebrar os códigos das comunicações alemãs – antes dos britânicos, os poloneses já tinham dado uma significativa contribuição nesse sentido. Ainda assim, a missão de Turing e de sua equipe era desafiadora: dependia deles a criação de um dispositivo eletromecânico capaz de fazer as centenas de cálculos por minuto necessárias para tornar legíveis as mensagens alemãs. Em 1940, quando um submarino alemão foi atacado ao lado da costa oeste da Escócia, os aliados conseguiram resgatar partes importantes de uma Enigma. Depois disso, Turing precisou de apenas cinco semanas para dar à Inglaterra o poder de decifrar as comunicações do exército alemão. Há um consenso razoável entre historiadores de que essa

vitória no campo da inteligência encurtou a guerra em alguns bons anos. (METEORO BRASIL, 2019, p. 149 – 150).

O trabalho de Alan Turing foi muito importante para a vitória dos países aliados na Segunda Guerra Mundial. Com seus cálculos poupou provavelmente dezenas de milhares de vidas. Mesmo que não houvesse um exemplo tão caricatural da contribuição da comunidade LGBTQI+, cabe lembrar que a afirmação de pouca contribuição para a história não possui nenhuma argumentação científica em sua base. É apenas preconceito, ignorância e má-fé.

O capítulo 14 possui como ficção *Liberar drogas para combater seu uso é tão eficiente quanto tentar evitar o adultério fazendo sexo com a vizinha*. A experiência portuguesa mostra que a forma como os governos lidam com a questão deve ser discutida sem interdições de cunho moral ou religioso:

A política sobre drogas de Portugal chama a atenção do mundo desde 2001. Por lá, o que se conseguiu foi a reversão de uma tragédia que se anunciava desde os anos 1980, década em que 1 em cada 100 portugueses relatava algum nível de adicção em heroína. No mesmo período, Portugal também tinha o maior índice de infecção por HIV em toda a Europa. Com as novas diretrizes de 2001, Portugal se estabeleceu como o primeiro país a descriminalizar a posse e o consumo de todas as substâncias ilícitas. Em vez de encarcerar dependentes, Portugal passou a exigir que, quando fossem apanhadas portando drogas, as pessoas comparecessem diante de comissões formadas especialmente para atender suas necessidades: médicos, advogados e assistentes sociais ofereceriam informações e serviços relacionados à redução de danos, tratamentos e grupos de apoio. Sem precisar temer o encarceramento, mais e mais usuários passaram a aderir a programas de tratamento. Sob todo e qualquer viés de análise, a experiência portuguesa tem sido um sucesso: em 2015, as infecções por HIV passaram de 104 casos em cada milhão de habitantes para 4,2, menor índice registrado desde os anos 1980. Extensamente documentada por organizações independentes, a política portuguesa para drogas tem inspirado outros países europeus. Em 2017, em uma reportagem de grande repercussão na Inglaterra, *The Guardian* perguntava no título por que o mundo não copiou a radical política portuguesa sobre drogas. O questionamento tinha alguma razão de ser: àquela altura, o Cato Institute, *think tank* sediado em Washington, já tinha constatado que 0,9% dos portugueses com idade entre 15 e 64 anos usavam cocaína. No Reino Unido, o índice passava dos 6%. Constatava-se, assim, que o foco no acolhimento e no tratamento do usuário tinha reduzido a incidência do vício, contrariando os temores estabelecidos diante do anúncio das medidas, em 2001. METEORO BRASIL, 2019, p. 156 – 157).

Partindo do trecho acima, é possível afirmar que a observação dos dados relativos às políticas públicas de Portugal indica-nos um caminho eficaz para a redução de danos. Isto não significa importa-lo para todo e qualquer país e realidade indefinidamente. Mas é um caminho a ser considerado.

As ficções dos capítulos 15, 16 e 17 (*O método científico não serve para descobrir nada e a ciência “bestifica” a humanidade, Vacinas ou matam, ou endoiam, ou não*

servem para nada, e Não há provas de que o geocentrismo seja correto, mas também não se pode provar o heliocentrismo, respectivamente) atacam de forma sistemática a crença na ciência e, conseqüentemente, desmoraliza o trabalho do cientista. Certamente a descredibilização da ciência e do cientista está atrelada a pretensa ideia da superioridade do pensamento religioso sobre o pensamento científico como base explicativa para o mundo. A figura de líderes que revelam a verdade aos seus seguidores é fundamental na manipulação de seus sistemas de crenças. É a imposição argumentativa do mundo mágico sobre o mundo racional. Vivemos tempos estranhos, onde precisamos afirmar o óbvio: a método científico funciona, vacinas são eficazes e seguras, e a Terra gira em torno do sol.

No capítulo 18, a ficção é *Não existem combustíveis fósseis; isso é uma invenção*. Olavo de Carvalho divulgava de forma categórica tal ficção. Entretanto, está longe de ser um consenso dentro da comunidade científica:

Um dos defensores mais conhecidos da abiogênese é o geólogo ucraniano Alexander Kitchka, que estima que 60% de todas as reservas de petróleo teriam origem abiótica. De maneira semelhante, Thomas Gold, responsável por popularizar a hipótese abiogênica no Ocidente, estabelece que uma parte das reservas de gás natural pode ter tido origem abiótica. Embora as especulações sobre a origem abiótica existam desde o século XIX, na maioria das vezes, suas pesquisas ficaram restritas a trabalhos desenvolvidos dentro da União Soviética no século XX. Publicando em inglês até meados dos anos 1990, Thomas Gold superou essa barreira. Mais recentemente, em 2008, tanto as conclusões de Kitchka quanto as de Gold são comparadas com as evidências mais recentes coletadas a favor da hipótese da biogênese em *Abiogenic Origin of Hydrocarbons: An Historical Overview* [Origem abiogênica dos hidrocarbonetos: uma visão histórica], onde o geólogo Geoffrey Glasby afirma: “Ambas as teorias [abiogênicas] foram superadas pela compreensão cada vez mais sofisticada dos modos de formação dos depósitos de hidrocarbonetos na natureza”. É improvável, no entanto, que a conclusão de Glasby encerre o debate. A ciência, afinal, é feita de dúvidas. Até lá, recomenda-se usar o petróleo com aquela prudência sugerida por King Hubbert: ainda que o petróleo fosse infinito, não poderíamos queimá-lo impunemente, como as mudanças climáticas em curso já deixam claro. (METEORO BRASIL, 2019, p. 192).

Carvalho também afirmava que mudanças climáticas e aquecimento global não existem. Estas afirmações já são muito mais descabidas. Acreditamos existir uma relação entre elas. As ideias de não existir combustível fóssil, de que as mudanças climáticas e aquecimento global são mentiras, colocariam mais uma vez em cheque a credibilidade dos cientistas e da ciência. As crenças nestas ideias resultaria então numa espécie de reforço da figura Carvalho como o guru que diz a verdade para seus seguidores e também na ciência e nos cientistas como mentirosos.

Passamos agora para reflexões sobre a última tabela relativa ao livro do Meteoro Brasil:

Quadro 5 – Capítulos de dezenove a vinte e quatro

NÚMERO E NOME DO CAPÍTULO	FICÇÃO	REALIDADE
CAPÍTULO 19 – NÃO HÁ RAZÃO PARA DUVIDAR DAS MUDANÇAS CLIMÁTICAS	Acreditar em aquecimento global e fumo passivo é o equivalente a acreditar em duendes e fadas.	Fadas e duendes são entidades ficcionais. Fumo passivo e mudanças climáticas são questões de ciência.
CAPÍTULO 20 – A ESCRAVIDÃO EXISTIU E SUAS CONSEQUÊNCIAS SÃO SENTIDAS NO PRESENTE	Os portugueses não estiveram na África, e os responsáveis pela escravidão são os próprios negros.	Os portugueses foram pioneiros no tráfico de escravos e, durante décadas, foram os únicos a cruzar o Atlântico levando africanos acorrentados.
CAPÍTULO 21 – O FORO DE SÃO PAULO JAMAIS FOI UMA ORGANIZAÇÃO SECRETA	A mídia escondeu a existência do Foro de São Paulo por mais de uma década.	O Foro de São Paulo nunca foi uma organização secreta e sempre contou com cobertura da imprensa brasileira.
CAPÍTULO 22 – A LEI ROUANET NÃO É UMA MAMATA	A Lei Rouanet é uma mamata que dá a artistas acesso aos cofres públicos.	A Lei Rouanet é um mecanismo de renúncia fiscal que permite que artistas captem recursos de empresas privadas.
CAPÍTULO 23 – UNIVERSIDADES PÚBLICAS PRODUZEM PESQUISA, MUITA PESQUISA	As universidades públicas brasileiras não realizam pesquisas.	Quase toda pesquisa científica realizada no Brasil vem das universidades públicas.
CAPÍTULO 24 – PAULO FREIRE NÃO DOUTRINOU NINGUÉM	Paulo Freire é culpado pelos péssimos resultados da educação brasileira.	O Brasil é culpado por nunca ter levado Paulo Freire suficientemente a sério.

Fonte: Meteoro Brasil, 2019.

A ficção do capítulo 19, *Acreditar em aquecimento global e fumo passivo é o equivalente a acreditar em duendes e fadas*, novamente remetem mais uma vez a tentativa de desmerecer a ciência. As existências do aquecimento global e do fumo passivo são um ponto pacífico dentro da comunidade científica. No capítulo 20, a ficção *Os portugueses não estiveram na África, e os responsáveis pela escravidão são os próprios negros* nada mais é do que a tentativa de culpa as vítimas da escravidão por sua própria desgraça e limpar a barra dos colonialistas europeus. A documentação provando o contrário que a ficção propões é farta e gera um pensamento consensual entre os historiadores: a culpa da escravidão é dos colonizadores.

Já na ficção do capítulo 21, *A mídia escondeu a existência do Foro de São Paulo por mais de uma década*, também possui enorme documentação desde a criação do foro que prova justamente o inverso. Por sua vez a ficção do capítulo 22, *A Lei Rouanet é uma mamata que dá a artistas acesso aos cofres públicos*, possui um problema estrutural em sua argumentação. O dinheiro da Lei Rouanet não sai de cofres públicos e sim de renúncias fiscais de empresas privadas.

O capítulo 23 tem como ficção *As universidades públicas brasileiras não realizam pesquisas*. Aprofundemo-nos sobre o assunto:

O caminho entre a ideologia e a política pública não foi curto, mas já estava praticamente trilhado quando o presidente do Brasil [Jair Bolsonaro] disse em uma entrevista que universidades públicas, em geral, não se dedicam à pesquisa: “Nas universidades, você vai na questão da pesquisa, você não tem! Poucas universidades têm pesquisa, e, dessas poucas, a grande parte tá na iniciativa privada”. A declaração não encontra respaldo factual nem mesmo nos dados do próprio governo, e só pode ser feita porque encontra em torno de si um ambiente propício, ideologicamente preparado pelo repúdio ao tal “establishment acadêmico”. A Capes é a Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior, uma fundação vinculada ao Ministério da Educação. Sua função permanente é a análise dos programas de pós-graduação em todo o Brasil. Ela é quem determina se um programa de mestrado ou doutorado é digno do nome – portanto, tem a legitimidade necessária para levantar dados a respeito da pesquisa acadêmica no país. Em 2016, exercendo essa legitimidade, a Capes contratou a Clarivate Analytics, uma empresa especializada na coleta de dados sobre pesquisas e patentes, para entender como andava a ciência brasileira. Resultado: das 20 universidades que mais produziram pesquisas entre os anos 2011 e 2016, 15 eram federais, 5 eram estaduais. Todas eram públicas. Não é surpresa que o presidente tenha se esquecido de mencionar os dados – é comum que discursos políticos ignorem a realidade imediata, ganhando margem para priorizar o interesse prático e o viés ideológico a que se dedicam. Surpreendente mesmo é que o governante se permita afirmar o exato oposto do que afirma o governo. Há aqui uma discrepância que só pode ser tolerada porque a ideologia que nega o “establishment acadêmico” veio antes, preparando o terreno. (METEORO BRASIL, 2019, p. 224 – 225).

O objetivo de Bolsonaro com as afirmações acima não é só o descrédito das ciências no Brasil: é uma tentativa de justificar as atitudes tomadas durante a sua gestão enquanto presidente que levaram ao sucateamento das instituições de ensino superior no Brasil, principalmente através do subfinanciamento das mesmas. Suas afirmações sobre as universidades públicas não resistem a qualquer análise ainda que superficial sobre o tema.

O capítulo 24 tem como sua ficção *Paulo Freire é culpado pelos péssimos resultados da educação brasileira*. Atentamo-nos ao trecho abaixo:

Ouvimos falar de Paulo Freire pela primeira vez em 1963. Naquele ano, ele se dedicou a um experimento que chamou de “40 horas de Angicos”. Angicos é

uma pequena cidade, hoje com pouco mais de 10 mil habitantes, localizada na região central do Rio Grande do Norte. Quarenta horas era o prazo que Paulo Freire se concederia para alfabetizar 300 pessoas. A meta ambiciosa foi atingida. (...)

Perseguido [pelos governos militares], Freire optou pelo exílio. Foram quinze anos de andanças por diferentes países, como Bolívia, Chile, Estados Unidos e Suíça. Em todos eles, Freire continuou produzindo. No Chile, finalizou sua obra mais conhecida: *Pedagogia do oprimido*. Mais tarde, embasaria o campo da Pedagogia Crítica, uma filosofia educacional destinada a ajudar estudantes a desenvolverem consciência de liberdade e a reconhecer tendências autoritárias. No exterior, Freire recebeu o reconhecimento que o Brasil não soube lhe oferecer: 48 títulos de doutor *honoris causa* e uma indicação ao Nobel da Paz. É o intelectual brasileiro mais citado em artigos acadêmicos e obras em todo o mundo. Para algumas pessoas, no entanto, nada disso torna Freire digno do título de Patrono da Educação Brasileira, honra concedida postumamente, em 2012. Na ocasião, o método de Freire foi acusado de não ter reduzido o analfabetismo em lugar nenhum, nem no Brasil, o mesmo país que criminalizou o método e o perseguiu. Por mais que pareça surreal, a acusação não é irracional. Há aí uma ficção engenhosamente estruturada: primeiro, Paulo Freire é vendido como um doutrinador com ampla atuação na educação do país desde sempre. Depois, é apontado como o responsável pelo fracasso do Brasil em combater o analfabetismo, isso justamente no período em que era perseguido. Assim, nossa atenção é desviada do pouco-caso que os militares fizeram do grave problema do analfabetismo, protegendo aquela fabulação do passado da ditadura militar na qual o Brasil distópico do século XXI frequentemente busca inspiração. (METEORO BRASIL, 2019, p. 233 – 234 – 235).

Detratores a Paulo Freire é o que não faltam: militares, políticos, conservadores, reacionários. Fica evidente que Freire serve como bode expiatório para explicar o fracasso da educação pública brasileira em geral. Ao invés do foco de análise para analisar tal fracasso ser questões estruturais como salários baixos dos profissionais da educação, péssimas condições de trabalho, infraestrutura precária das escolas, comprometimento da saúde física e mental dos professores, não: a culpa é toda de Freire e seu método. O interesse em promover a análise equivocada sobre Freire é uma tentativa de esconder os reais problemas de nossa educação.

A partir do Livro do Meteoro Brasil, é possível concluir que as *Fake News* promovidas pela nova direita brasileira não acontecem por mero acaso: são um esforço contínuo de assassinato de reputações de seus opositores políticos. Seus principais alvos são: a esquerda e seus intelectuais; as ciências e seus cientistas; movimentos de minoria (negros, população LGBTQI+); e políticas públicas que promovam a cultura, a saúde e a educação.

A argumentação, como demonstrado acima, é irracional, preconceituosa e, acima de tudo, equivocada. O pânico moral é disseminado para seu público através de teorias da conspiração. Do globalismo ao marxismo cultural; da ideologia de gênero à Religião

Biônica Mundial: o que está por trás de tudo isso é a ascensão e perpetuação do poder de seu próprio espectro político.

Divulgador ativo das teorias conspiratórias acima, Olavo de Carvalho, é o mentor intelectual da nova direita brasileira. Com Bolsonaro, a criação de um líder a ser seguido. Mas é muito provável que tal espectro político não chegasse ao poder caso não tivesse uma militância ativa e organizada dentro e fora das redes sociais. Eis o papel do Movimento Brasil Livre (MBL), grupo que aglutinou a militância dos jovens deste viés de pensamento.

3.5 O MBL E A NOVA DIREITA BRASILEIRA

Para entender o fenômeno da ascensão da nova direita brasileira, faz-se necessário explicar o papel do MBL neste processo. Sua atuação foi fundamental tanto para o impeachment de Dilma Roussef em 2016 quanto para a eleição de Jair Bolsonaro em 2018:

O MBL surgiu ao final de 2014, com a organização de duas manifestações nos estados brasileiros de São Paulo e Rio Grande do Sul, em apoio às investigações da Operação Lava Jato e por mais liberdade de imprensa. Defende o liberalismo econômico e o republicanismo. Com sede nacional em São Paulo, mas presente em diversas cidades e estados, o movimento realizou frequentes protestos a favor do processo de impeachment de Dilma Roussef. Para isso, organizou ações políticas e mobilizações em todo país. Procura eleger representantes (...) para cargos na política institucional brasileira, por meio de diversos partidos políticos. (NEAMP, 2020, n.p.)

Com páginas em redes sociais no ano de 2014 (especialmente Facebook e Twitter) conseguiu, com utilização de vídeos curtos e principalmente memes, chamar a atenção de centenas de milhares de pessoas para suas ideias e suas ações práticas, como protestos contra o governo petista de Roussef. A forma de comunicar foi inovadora, e seus porta vozes jovens. A estética do movimento (pessoas jovens com linguagem de internet) era atrativa, em especial para adolescentes e adultos com aproximadamente 30 anos ou menos.

Na época, seus fundadores possuíam entre 18 e 30 anos, em sua maioria homens brancos de classe média. O nome de maior expressão a nível nacional e também cofundador do MBL é Kim Patroca Kataguirí, atualmente deputado federal pelo União Brasil (UNIÃO).

Ainda no mesmo ano, o MBL publicou um manifesto um tanto quanto curioso. Numa evidente tentativa de desviar o foco das profundas desigualdades e divisões que nos caracterizam enquanto sociedade brasileira (região de nascimento, cor, etnia, cultura, gênero, orientação sexual, classe social, faixa etária, etc.), colocou-se chavões que seriam utilizados posteriormente por boa parte deste espectro político, tais como “estamos todos no mesmo barco”, “chega de corrupção” e “chega de impunidade”:

Figura 1: Manifesto por um Brasil livre

**MANIFESTO POR
UM BRASIL LIVRE**

SOMOS ADULTOS, ADOLESCENTES E IDOSOS; SOMOS BRANCOS, NEGROS, PARDOS, AMARELOS E ATÉ MEIO ROSADOS; SOMOS EMPRESÁRIOS, EMPREGADOS, AUTÔNOMOS, ESTUDANTES E FUNCIONÁRIOS PÚBLICOS; SOMOS RICOS, POBRES, CLASSE-MÉDIA; SOMOS HOMENS E MULHERES. SOMOS BRASILEIROS.

E NOS IMPORTAMOS COM OS RUMOS DO NOSSO PAÍS. ACREDITAMOS QUE UM GOVERNO DEVE SERVIR PARA UNIR O SEU POVO, E NÃO CRIAR DIVISÕES ARTIFICIAIS. DEVE TRATAR AS PESSOAS COMO CIDADÃOS, E NÃO COMO SÚDITOS OU PEÇAS DESCARTÁVEIS DE UM JOGO DE TABULEIROS A SEREM MANIPULADAS E MANOBRADAS.

LUTAMOS E TORCEMOS A FAVOR DO BRASIL INDEPENDENTE DE QUAL SEJA O GOVERNO. NÃO IMPORTA A COR OU SIGLA DO TIMONEIRO, ESTAMOS TODOS NO MESMO BARCO. MAS EXIGIMOS MUDANÇAS. CHEGA DE CORRUPÇÃO, CHEGA DE IMPUNIDADE. CHEGA DE DESRESPEITO ÀS INSTITUIÇÕES DEMOCRÁTICAS E AO IMPÉRIO DA LEI.

O QUE QUEREMOS?

IMPRENSA LIVRE E INDEPENDENTE, SEM VERBAS OU REGULAMENTAÇÕES GOVERNAMENTAIS QUE INFLUENCIEM SEUS POSICIONAMENTOS

TRANSPARÊNCIA E LISURA NAS INVESTIGAÇÕES DE TODOS OS CRIMES CONTRA A PETROBRÁS, PATRIMÔNIO DE TODOS OS BRASILEIROS

AUDITORIA EXTERNA DAS URNAS ELETRÔNICAS UTILIZADAS NAS ELEIÇÕES

INVESTIGAÇÃO SOBRE A ATUAÇÃO DOS CORREIOS NAS ELEIÇÕES

RESPEITO À SEPARAÇÃO DE PODERES E À ORDEM CONSTITUCIONAL

FIM DOS SUBSÍDIOS DIRETOS E INDIRETOS A DITADURAS

DIA 15 DE NOVEMBRO, NO ANIVERSÁRIO DE 125 ANOS DA PROCLAMAÇÃO DA REPÚBLICA, REALIZAREMOS MANIFESTAÇÕES BRASIL AFORA REAFIRMANDO NOSSO COMPROMISSO COM A LIBERDADE, A JUSTIÇA E AS INSTITUIÇÕES DEMOCRÁTICAS, REPUDIANDO QUALQUER TENTATIVA DE ATAQUE A ELAS.

Fonte: Movimento Brasil Livre, 2014.

Na parte “O QUE QUEREMOS?”, percebemos diversas vezes a ideia de corrupção ligada a entes públicos. No primeiro tópico, associa-se a corrupção da imprensa com o recebimento de verbas e regulamentações que supostamente não permitem o seu livre exercício da comunicação. Supondo que qualquer tipo de regulamentação ou verba fosse colocada na imprensa, isso não garantiria o exercício livre da imprensa, pois cada veículo de comunicação atrela seu modo de trabalhar também aos interesses de seus patrocinadores, pouco importa de públicos ou privados. Talvez a única forma de uma imprensa realmente livre seja fora da ideia de patrocínio por marcas como um todo.

Fala-se no segundo tópico sobre a PETROBRÁS, já que a Operação Lava-Jato era uma das pautas que estavam ganhando cada vez mais destaque na imprensa. Afirma-se que a empresa é “PATRIMÔNIO DE TODOS OS BRASILEIROS”. Soa-nos um tanto quanto estranha tal sentença, pois o MBL pede até hoje pela privatização de todas as empresas públicas, inclusive a PETROBRÁS, até porque o próprio movimento afirma que defende o liberalismo econômico.

O terceira reivindicação coloca em dúvida a segurança das urnas eletrônicas, pedindo inclusive auditoria externa. Na quarta pauta, joga-se suspeita sobre a atuação dos Correios nas eleições. Na quinta, fim de “SUBSÍDIOS DIRETOS E INDIRETOS A DITADURAS”. Ou seja, em 100% das reivindicações está associado a ideia de Estado e seus agentes em corrupção. Em contraposição, apenas na primeira aparece alguma desconfiança em relação ao setor privado, no caso, a imprensa.

Por fim, convidou-se para manifestações no dia 15 de novembro. Naquele momento, não foram tão expressivas. Entretanto, o MBL insistiu na ideia e conforme a Lava-Jato foi ganhando cada vez mais espaço na mídia, mais pessoas sentiram-se indignadas e participaram dos protestos nos anos seguintes (2015 e 2016) que acabaram ajudando a legitimar para grande parte da população o processo de impeachment de Roussef.

O movimento serviu de como divulgador de ideias e ações da direita, e teve papel fundamental como veículo de comunicação e agitação política tanto para derrubar a ex-presidente Roussef quanto para eleger Bolsonaro. Não é um movimento apenas político, é também um movimento comunicacional. E sua comunicação também passa por seu canal no YouTube e seu site. Analisamos a seguir a aba em seu site denominada *Valores e Princípios*:

O MBL se propõe a promover o liberalismo como a filosofia política orientadora da atuação do Estado no Brasil. Para tanto, defendemos a liberdade individual, a propriedade privada e o Estado de Direito como conceitos fundamentais de uma sociedade que se propõe a ser livre, próspera e justa. Dentre os valores (a base sobre a qual construiremos a nossa atuação) e princípios (o direcionamento da nossa atuação) do MBL.

A partir de Valores e Princípios, o MBL busca construir uma atuação coerente e pragmática em sintonia com a realidade política, econômica, social e cultural do país. (MOVIMENTO BRASIL LIVRE, [s.d.], n.p.).

O movimento autointitulado liberal explica sobre seus fundamentos, mas são vagos em relação aos seus métodos. É comum ao longo da história do movimento memes e vídeos cujo conteúdo possui argumentos ad hominem (por vezes a partir de *Fake News*), objetivando acabar com a reputação de seus desafetos. Uma tática comum nestes vídeos é a ida de membros do movimento em manifestações de esquerda ou em universidades públicas com o intuito implícito de arranjar algum tipo de tumulto. Vídeos cheios de provocações a estudantes e manifestantes, tudo para gerar engajamento nas redes sociais e YouTube do grupo.

Em um destes vídeos, Arthur do Val, um dos líderes do movimento, fantasiou-se de vagina e foi até à Universidade de São Paulo (USP):

Em 2018, Arthur invadiu uma reunião para mulheres na Faculdade de Medicina da USP, vestido de vagina. O evento fazia discussões sobre sexualidade, dentro de uma programação sobre diversidade. Na ocasião, ele constrangeu mulheres que estavam presentes, filmando sem autorização e chamou a discussão de "oficina de siririca paga com dinheiro público". (GONZALEZ, 2022, n.p.).

O *modus operandi* de do Val neste episódio não parece-nos nada democrática, aja visto que a democracia pressupõe um mínimo de civilidade e respeito em relação aos adversários na arena pública de debate. Invadir uma reunião de mulheres fantasiado de vagina constitui flagrantemente uma violência simbólica e a total ausência da busca de diálogo com as presentes.

Continuamos nossa análise a partir dos valores do MBL:

Valores

Liberdade e responsabilidade

Paz e proteção a direitos individuais

Livre iniciativa e empreendedorismo

Incentivo ao trabalho e respeito à propriedade privada

Igualdade perante a lei

Democracia. (MOVIMENTO BRASIL LIVRE, [s.d.], n.p.).

O que chama-nos a atenção é total especificidade em seus valores. Não fala-se em nenhum grupo de forma específica, assim como também não no manifesto já analisado. Significa implicitamente que o grupo entende a vida em sociedade a partir do e para o indivíduo, não reconhecendo as particularidades de cada grupo social ou classe. Não há nenhuma menção a justiça social ou luta contra as desigualdades. Isto sem dúvidas não é um problema para o grupo.

Reflitamos agora sobre os princípios:

Princípios

Autonomia do indivíduo e liberdade contratual

Livre iniciativa

Primazia do indivíduo e da sociedade sobre o Estado

Livre mercado

Respeito à propriedade privada

Eficiência

Inovação

Transparência

Estado de Direito

Democracia representativa

Federalismo

Visão de longo prazo. (MOVIMENTO BRASIL LIVRE, [s.d.], n.p.).

A crença do movimento, ao que tudo indica, é que o capitalismo precisa ser cada vez mais livre na economia (menos impostos e regulações) e livre no Estado (possuir o menor tamanho com o menor número de serviços públicos estatais possível). A fé de que o capitalismo é bom por natureza e que a maior felicidade possível para o maior número possível de pessoas será alcançada através da iniciativa privada, e resta ao público uma mera regulação da vida humana e a garantia da não violação de todo e qualquer tipo de propriedade privada.

Por último, o grupo indica de forma um pouco mais específica suas posições com exemplos em pautas específicas:

Na prática, isso significa que o MBL defende bandeiras como:

- Redução e simplificação da carga tributária
- Federalismo político e descentralização administrativa, em respeito ao princípio da subsidiariedade
- Autonomia contratual para o trabalhador
- Defesa da livre concorrência e livre iniciativa
- Fim do voto obrigatório
- Liberdade para a criação de partidos políticos
- Revogação do estatuto do desarmamento e o reconhecimento do direito de autodefesa do cidadão
- Progressivo aumento da participação do setor privado em serviços públicos passíveis de serem privatizados, tais como educação, saúde, infraestrutura, administração de serviços penitenciários, dentre outros
- Fim dos monopólios estatais e privatização de empresas públicas e sociedades de economia mista
- Fim de toda forma de discriminação oficial instituída por meio de cotas raciais ou de gênero
- Livre comércio com todas as nações, independente de preferências ideológicas de governos específicos
- Fortalecimento de mecanismos de inclusão democrática
- Melhoria na infraestrutura nacional e fomento às PPPs
- Combate aos privilégios da elite do funcionalismo público. (MOVIMENTO BRASIL LIVRE, [s.d.], n.p.).

Não há qualquer menção a políticas de assistência social, de combate à fome, de garantia dos direitos humanos. Basicamente as poucas atribuições do Estado para o MBL são: o aparato político (governar e legislar), polícias e Forças Armadas (para manutenção da ordem social e da propriedade privada) e as prerrogativas do judiciário (para que se caso alguém invada alguma propriedade seja punido). Caso isso fosse colocado em prática, seria o governo mais liberal da história de nosso país.

Passamos agora especificamente ao começo de agosto de 2016. Já tinha-se o líder, o guru, e o movimento político da nova direita brasileira. O golpe parlamentar estava em vias de acontecer, concretizando-se no dia 31 de agosto após votação dos senadores. Todavia, era necessário algum espaço para uma conjugação de esforços entre conservadores, liberais e reacionários contra os progressistas nos mais diversos campos (cultural, econômico, moral, ou religioso) para assim derrotá-los indefinidamente.

3.6 A BRASIL PARALELO: SURGIMENTO, ASCENSÃO E SIGNIFICADO

No dia 09 de agosto de 2016, surge em Porto Alegre, Rio Grande do Sul, a Brasil Paralelo (BP). Filipe Valerim, Henrique Viana e Lucas Ferrugem, ex-alunos da Escola Superior de Propaganda e Marketing (ESPM) fundaram a empresa que viria a ser um grande espaço de articulação de toda a direita reunindo forças, organizando ideias, fomentando a militância para vencer o inimigo em comum: o campo progressista, capitaneado pelo PT.

Passamos agora a analisar a autodescrição da BP. Conforme a aba *Sobre Nós* de seu site:

O QUE É A BRASIL PARALELO?

Somos um empresa privada de jornalismo, entretenimento e educação

Transmitimos produções originais, filmes e desenhos de grande sucesso em nossa própria plataforma, além de programação gratuita em canais digitais abertos.

Os Originais BP englobam documentários, séries, trilogias, entrevistas, programas e cursos. Produzimos até um filme.

Os temas variam entre história, ciência política, filosofia, arte, atualidades e economia, dentre outros. (BRASIL PARALELO, [s.d.], n.p.).

O crescimento da empresa desde sua fundação até os dias atuais é exponencial. Conforme dados fornecidos pela BP, são mais de 500 mil membros assinantes, 283 milhões de visualizações no YouTube, mais de 6 milhões de seguidores nas redes sociais, tudo isso presente em todos os estados brasileiros.

Ainda em sua autodescrição na aba *Sobre Nós*, a empresa fala sobre sua missão, visão e valores:

MISSÃO

Resgatar bons valores, ideias e sentimentos no coração de todos os brasileiros

VISÃO

Ser o ecossistema de maior influência cultural do Brasil

VALORES

Verdade, Liberdade, Arte, Ambição, Meritocracia, União, Diplomacia. (BRASIL PARALELO, [s.d.], n.p.).

A ideia de “resgatar bons valores, ideias e sentimentos” chama-nos a atenção. Ao olharmos de forma mais minuciosa para os títulos de seus documentários no YouTube, percebemos que a ideia de degradação moral no tempo presente é muito forte, bem como

hipérboles para amplificar certas teses defendidas nos vídeos que supostamente incitarão desorientação e medo em seu público, tais como *Geração sem Gênero*, *Guerra contra a Inteligência*, *O fim do mundo já começou e você ainda não percebeu* e *Estamos presenciando o fim da música?*. Além disso, o nome de algumas trilologias/séries acompanham o mesmo sentido, como *O Fim da Beleza* e *O Fim das Nações*.

Entendemos que os títulos supracitados reproduzem uma ideia de mudança drástica e repentina, o que pode acarretar em certo pânico moral para quem os lê, principalmente se o leitor estiver alinhado com costumes, ideias e moral conservadoras, justamente o foco da BP.

Além disso, outra estratégia para chamar a atenção a partir de seus títulos é promovendo a ideia de que seus vídeos mostrarão o que alguém esconde propositalmente com o objetivo proposital do engano. Um de seus programas no YouTube chama-se *Face Oculta*, tendo entre seus episódios títulos como *A FACE OCULTA DE NELSON MANDELA*, *A FACE OCULTA DE CHE GUEVARA*, *A FACE OCULTA DE MICHEL FOUCAULT*, *A FACE OCULTA DO MOVIMENTO HIPPIE*. Tal série, pelo menos até o momento, é dedicada a tentativa de destruição da imagem pública de desafetos da direita mundial.

Sobre sua visão, evidentemente que por ser uma empresa é mercadológica. Sobre seus valores, o que entendemos que merece destaque é a palavra *Diplomacia*. Parece-nos que a palavra está colocada ali para representar uma noção de civilidade e cultura erudita. Entretanto, a empresa está empenhada sistematicamente na completa demonização de seus adversários políticos. Diplomacia requer aos envolvidos em determinado conflito a legitimação do outro, respeito e negociação: tudo o que a BP não demonstra pelas esquerdas brasileira e mundial. Além disso, reproduzir ideias que não possuem base nenhuma na realidade não ajuda no debate público. Um exemplo claro disso está em um de seus vídeos cujo título é *O grande perigo da revolução cultural de Antonio Gramsci*.

Pela empresa acreditar de fato que há uma guerra cultural em curso no Brasil, dedicou-se a produção de uma série documental de três episódios para analisar a educação no Brasil. Decidimos analisá-la de forma minuciosa, pois se há um lugar em que ficam evidentes os mais diversos projetos de sociedade em disputa, certamente é a educação em todos os seus níveis.

4. ANÁLISE DA TRILOGIA *PÁTRIA EDUCADORA*

Neste capítulo, produzimos uma análise da trilogia *Pátria Educadora*, produzida pela Brasil Paralelo. Organizamos nossa análise de forma cronológica, selecionando as partes mais importantes que servem de fio condutor da narrativa. Começamos pelo primeiro episódio da trilogia, intitulado *O FIM DA HISTÓRIA*.

4.1 ANÁLISE DO CAPÍTULO I: O FIM DA HISTÓRIA

O episódio inicia com uma breve apresentação dos temas que serão trabalhados ao longo da trilogia. Mas o que mais despertou-nos atenção na abertura do documentário é a evidente tentativa de constranger o espectador a fazer a assinatura do streaming da BP. A propaganda é feita a partir do narrador dos três episódios da série, Felipe Valerim, que também é co-fundador da empresa:

Nós arriscamos todo o dinheiro que tínhamos para colocarmos o filme de graça, mesmo diante das conjunturas atuais. E por quê? Porque confiamos que você vai tomar a decisão de virar membro e financiar a Brasil Paralelo. Estamos correndo o risco, mas a confiança é justamente a certeza do que não podemos verificar. E agora, o que pode atrapalhar tudo isso? Quando você nos assiste e tem os dez reais mas acha que essa conversa não é com você; quando você está aqui ouvindo tudo isso e não assume a sua parte, o seu comprometimento; pedimos, por favor, não seja o elo quebrado dessa corrente. Sua assinatura não é uma doação, ela também concede acesso a versão completa da trilogia *Pátria Educadora* com 40 minutos adicionais de duração que acompanha um guia de estudos completo com as principais teses do documentário, um mapa mental e a lista bibliográfica. Fornece acesso ao nosso grupo de membros no Facebook e no Telegram e também permite que você participe de encontros presenciais espalhados por todo o Brasil. Além disso, todo o mês, você receberá um conteúdo inédito na sua conta. Eu garanto: você nunca pôde fazer tanto com dez reais. E se chegamos nesse preço é pra que ninguém fique de fora. Caso não goste do conteúdo que você assinou ou mude de ideia por qualquer motivo que seja, tem sete dias pra solicitar o seu reembolso, sem precisar de nenhuma justificativa. É a sua decisão que vai permitir que a gente resista e continue trabalhando pelo futuro da cultura brasileira. Precisamos provar que é possível. Antes de começar o filme, pause agora o vídeo, clique aqui embaixo no link da descrição, conheça todos os planos da Brasil Paralelo e torne-se membro com apenas dez reais. Muito obrigado por sua atenção e por honrar a nossa confiança. Fique com o primeiro episódio da trilogia *Pátria Educadora* e até breve. (BRASIL PARALELO, 2020a, 02:16 – 05:13).

Caracteriza-se no trecho acima o espectador que não assina a plataforma da BP como “elo quebrado”. Pede-se para pausar o vídeo e assinar algum plano antes mesmo de assistir ao primeiro episódio. Por fim, agradece-se “por sua atenção e por honrar nossa confiança”. A referida confiança é a de que o espectador fez o que foi solicitado e assinou algum dos planos. A tentativa de convencimento possui uma linguagem intimidadora,

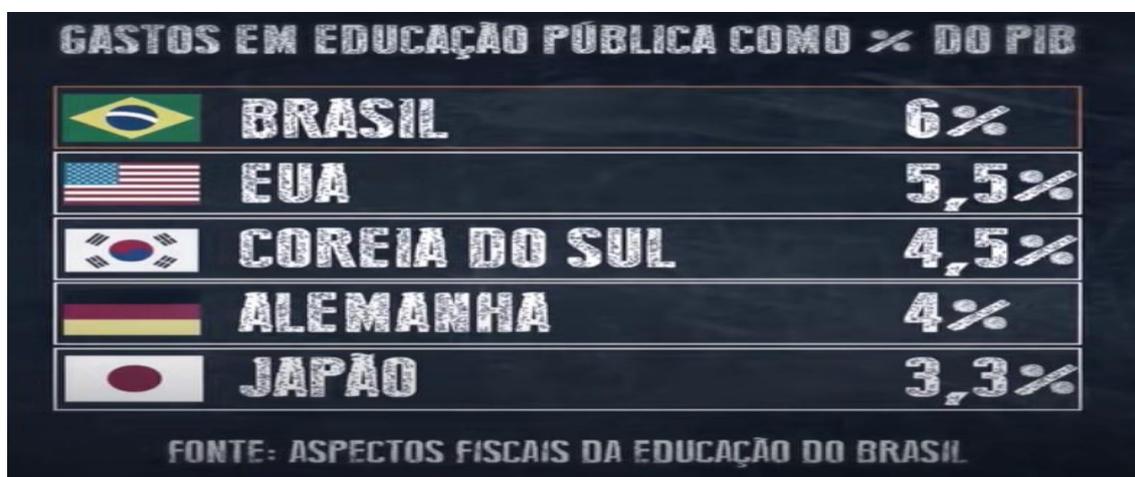
tendo como objetivo a produção de um sentimento de culpa em quem assiste e não assina. Busca-se então que o sentimento de culpa leve a assinatura.

Este tipo de abertura é padrão na trilogia. Na abertura dos outros dois episódios – embora com algumas adaptações no texto – o conteúdo é semelhante, e o objetivo é o mesmo: buscar mais assinantes. Não só na abertura de cada episódio, mas ao longo de cada um deles, há diversas propagandas da empresa, solicitando que o espectador torne-se membro da BP. A ameaça de que a empresa irá fechar as portas caso não consiga um número significativo de novos membros é outra estratégia utilizada. Há orgulho por parte da empresa pelo fato de não receber dinheiro público, já que existe um entendimento de que leis de incentivo à cultura, como a lei Rouanet, não deveriam existir.

4.1.1 A atual situação da Pátria Educadora

Neste momento do documentário, a estratégia utilizada é a de desmoralização total da educação pública brasileira. Várias notícias negativas sobre tema são lançadas, uma a uma, sobre a tela, enquanto que áudios em off concentram-se em reforçar as ideias contidas nas reportagens. Tudo isto produz uma sensação mista de raiva, medo e angústia em relação ao atual estado das coisas na educação. Mostra-se quem supostamente são os culpados de tudo isso, sendo o governo e os professores apontados como os principais carrascos. Já os estudantes não são vistos como protagonistas do processo educativo, mas sim massa de manobra e vítimas de governos e professores mal intencionados, cujo real interesse consiste em doutriná-los. Isso além do fato de gerirem mal os recursos públicos:

Figura 2: Gastos em educação pública do Brasil e países desenvolvidos



Fonte: Brasil Paralelo, 2020a.

Enquanto uma narração em *off* não identificada diz que o Brasil “Gasta muito, gasta mais que os países ricos”, aparece a imagem acima. O dado induz a uma interpretação equivocada da realidade: a ideia que o Brasil gasta muito dinheiro em Educação. A informação sobre a porcentagem do PIB investida em educação é insuficiente para dizer se um país gasta muito ou pouco em comparação aos demais. É necessário outros dados, para assim cruzar as informações. O dado mais importante para cruzar-se é o investimento por aluno.

Uma matéria online feita pelo site de notícias *PODER360* mostra que o Brasil investe 60% menos em educação do que países membros da Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE):

O Brasil investe menos em educação do que os países da OCDE (Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico), de acordo com o relatório *Education at a Glance 2023*, lançado nesta 3ª feira (12.set.2023), que reúne dados da educação dos países que integram o grupo e de países parceiros, como o Brasil. O relatório da OCDE mostra que, enquanto o Brasil investiu, em 2020, US\$ 4.306 por estudante, o equivalente a aproximadamente R\$ 21.500, os países da OCDE investiram, em média, US\$ 11.560, ou R\$ 57.800. A diferença de investimento equivale a pouco mais de 60%. Os valores são referentes aos investimentos feitos desde o ensino fundamental até a educação superior.

Os investimentos no Brasil se reduziram entre 2019 e 2020. Em média, na OCDE, a despesa total dos governos com a educação cresceu 2,1% entre 2019 e 2020, a um ritmo mais lento do que a despesa total do governo em todos os serviços, que cresceu 9,5%. No Brasil, o gasto total do governo com educação diminuiu 10,5%, enquanto o gasto com todos os serviços aumentou 8,9%. Na análise da OCDE, isso pode ter ocorrido devido à pandemia de covid-19. (PODER360, 2023, n.p.).

Além disso, a matéria mostra que no Brasil, o salário dos professores está 17,5% abaixo dos demais profissionais com mesmo nível de escolaridade. Na disto é colocado pela BP. Logo, a análise da BP sobre o atual cenário da educação brasileira não leva em consideração as condições salariais e o dinheiro investido por aluno, dados fundamentais para a compreensão da realidade.

Ainda neste trecho do documentário, mostra-se várias manifestações antifascistas em universidades públicas, inclusive com imagens de agressões físicas e verbais a opositores. Mescla-se também imagens de torcidas organizadas antifascistas de times do futebol brasileiro, além de uma manifestação de policiais antifascistas. Tais imagens alternam-se com marchas fascistas e imagens de Benito Mussolini. Tudo feito de forma rápida e alternada, ficando assim como no trecho anterior, difícil identificar com precisão o que aconteceu em cada um dos atos e o que levou as agressões. Parece que o intuito é

mostrar que os antifascistas são autoritários tanto quanto os fascistas, sugerindo-se algum tipo de equiparação entre os dois lados, como se constituíssem juntos uma mesma moeda. Finaliza-se com uma imagem de Mussolini e uma fala dele sobre a educação escrita na tela enquanto reproduz-se um som de suspense:

Dizer que a educação diz respeito à família, é afirmar algo fora da realidade contemporânea. (...) Só o Estado, com os seus meios de todos os tipos, pode levar a cabo esta tarefa”.

Benito Mussolini (Líder do Fascismo Italiano). (BRASIL PARALELO, 2020a, 10:37 – 10:46).

Associa-se aqui a ideia de que a educação pública é autoritária por sua natureza, seja quando a ideologia que a baseia seja o fascismo ou o antifascismo. A esfera privada da vida é exaltada, enquanto a educação pública é vista como uma grande vilã autoritária, cujo objetivo seria doutrinar os estudantes.

4.1.2 A origem da educação

Inicia-se esta parte com um breve histórico sobre a educação pública brasileira, inclusive utilizando-se do termo “educação compulsória”, o que denota certo ar negativo. Posteriormente, utiliza-se como referência a Grécia Antiga e a busca pela verdade. Fala-se da criação da filosofia, da formação das primeiras escolas e tutores. Um dos entrevistados neste momento é Fausto Zamboni:

Se você pegar na Grécia antiga boa parte dos aristocratas preferia a educação da criança aos cuidados de um tutor. É onde havia justamente aquela... é... um tutor que você reconhecia como uma pessoa sábia ou como uma pessoa que tinha conhecimentos especiais. Então você vê o exemplo de Alexandre Magno né. Seu pai podia colocar ele numa escola e podia contratar alguém e preferiu escolher o Aristóteles pra ser o tutor e provou-se muito acertada essa escolha. (BRASIL PARALELO, 2020a, 14:18 – 14:47).

A mensagem deixada por Zamboni é que desde sempre a educação privada é, desde o começo da educação ocidental, melhor que a pública. Não é mencionado em nenhum momento que Sócrates, maior filósofo de todos os tempos, dava aulas gratuitas pelas ruas em Atenas. O documentário prossegue com João Malheiro:

A filosofia nos pré-socráticos chamados né, eles tavam muito apoiados pois em mitos, havia uma coisa muito mais supersticiosa então havia um certo desprezo pela realidade e pela racionalidade. Então de fato chegam os grandes Sócrates, Platão, Aristóteles e percebem que é possível sim pela nossa própria natureza captar a verdade pela observação que por traz de uma maçã que cai tem algum causador por isso. Então através do princípio da causalidade, do princípio da não-contradição e através dos princípios filosóficos as pessoas começam a construir umas bases em que chegam com certeza a um primeiro

princípio, a um primeiro movimento; é aí que começa a ciência. A ciência é a busca da verdade pelas causas. (BRASIL PARALELO, 2020a, 14:47 – 15:38).

Temos em Malheiro uma inversão completa sobre o que foram os pré-socráticos em sua atuação como filósofos. A filosofia ocidental nasce com eles justamente para entender a origem, ordem e transformação do universo a partir principalmente da observação empírica. Logo, não baseavam-se em mitos, mas sim no mundo natural para compreensão da realidade. Fica também subentendido que a causalidade surgiu com Sócrates, Platão e Aristóteles, mas sabe-se que na verdade tal princípio nasce anteriormente com os pré-socráticos.

Ainda na mesma seção, Rafael Nogueira analisa o diálogo entre o pensamento religioso católico e o aristotelismo na Idade Média:

Aristóteles era visto como uma espécie de materialista impossível de entrosar com a revelação cristã. Até que vai chegar Boécio que vai mostrar que Aristóteles é plenamente adaptado. Só que o cara... ele mostrou em alguns elementos do discurso também. Aí com Santo Tomás de Aquino meu amigo... aí o Aristóteles passa a virar o... puseram uma batina no cara... Virou o padra, o padrão da parte racional da igreja. Então você tem uma visão de mais pensamento teórico e especulativo dos gregos e tem uma visão mais pragmática, administrativa e jurídica dos romanos. A união dessas duas coisas com o cristianismo é o ocidente. Deu pra entender? (BRASIL PARALELO, 2020a, 18:17 – 18:58).

O historiador Diego Martins Dória Paulo em seu artigo *Os mitos da Brasil Paralelo – uma face da extrema-direita brasileira (2016-2020)* analisa a fala de Nogueira como um falseamento. Conforme Paulo:

Em um dos falseamentos mais aviltantes aos olhos do historiador, há a sugestão de que, após Boécio, o aristotelismo teria encontrado em São Tomás de Aquino apogeu de seu tratamento na Idade Média Ocidental, constituindo, assim, um dos pilares do Ocidente então gestado. Para além do anacronismo com a ideia de “Ocidente”, o panegírico oculta que, entre um e outro, a saber, Boécio e Tomás de Aquino, passam-se quase sete séculos, durante os quais o aristotelismo, se sobreviveu na Europa, conseguiu fazê-lo apenas marginalmente, tendo sido os muçulmanos que habitavam a Península Ibérica os responsáveis pela sua segunda grande difusão pelo continente. Fatos que não podem ser narrados sem prejuízo à imagem idílica e delirante que os seguidores de Olavo de Carvalho têm do Ocidente (...). (PAULO, 2020, p. 105 – 106).

Ignora-se totalmente a importância do muçulmanos para não só a conservação, mas também a difusão dos textos de Aristóteles no Ocidente durante a Idade Média. Sete séculos são completamente apagados da narrativa, provavelmente para apagar a importância dos muçulmanos na cultura ocidental.

Ao finalizar a seção sobre a origem da educação, há uma pequena seção de pouco mais de dois minutos descrevendo o surgimento das Artes Liberais. Particularmente

entendemos que este pequeno trecho não possui grande relevância para nossa análise. Passamos então para a próxima seção.

4.1.3 Como a Reforma Protestante mudou a educação

Nesta seção, o narrador em *off* fala dos resultados da carta de Martinho Lutero dirigida aos governantes do Sacro Império Germânico:

Como resultado das suas súplicas, no ano de 1524 o Estado Germânico de Gotha funda a primeira escola pública moderna e Lutero funda o plano escolar da saxônia que mais tarde tornou-se a inspiração do sistema de educação estatal para a maioria dos Estados luteranos. O ensino compulsório logo se estendeu a França, Holanda e Nova Inglaterra. As escolas eram vistas como poderosas armas de guerra cultural para o enfrentamento político-religioso das diferentes ramificações do cristianismo. O poder espiritual sofria uma transição de autoridade: da Igreja para os governantes e líderes de diferentes revoltas entendidos como autoridades ordenadas por Deus contra o papa e o imperador. A consequência foi o conflito religioso que ficou conhecido como a Guerra dos Trinta Anos. Com o término do enfrentamento, diversos governos estaduais se moveram para tornar obrigatório o comparecimento das crianças nas escolas sob pena de multa e aprisionamento dos filhos. Foi o rei Frederico Guilherme da Prússia que inaugurou o primeiro sistema de educação nacional obrigatório da Europa, ordenando a frequência de todas as crianças nas escolas estatais. (BRASIL PARALELO, 2020a, 25:14 – 26:19).

A Guerra dos Trinta Anos (1618-1648) de fato envolve a questão religiosa como seu principal estopim. Entretanto, isto não explica a totalidade do conflito, já que também houve questões territoriais e econômicas envolvidas. Mas não é nosso intuito explicar aqui o conflito em minúcias. O que vale destacar é a colocação de termos como “ensino compulsório”, “guerra cultural”, “aprisionamento dos filhos” em uma narração sobre as primeiras escolas públicas. Não fala-se dos benefícios de saber ler, escrever e fazer contas. Atrela-se apenas situações negativas envolvendo a criação da escola pública, e seu caráter obrigatório é visto como algo terrivelmente ruim.

A seção subsequente, intitulada *Humanismo, o cisma da educação e o cristianismo* possui menos de três minutos com um caráter mais descritivo do que analítico. Fala-se rapidamente sobre Newton, Copérnico e Galileu. Apresenta-se as principais ideias de Jean-Jacques Rousseau sobre educação que, na próxima seção, são duramente criticadas.

4.1.4 Jean-Jacques Rousseau destruiu a educação?

Relaciona-se então a obra de Rousseau com a Revolução Francesa de 1789. Relata-se que Robespierre possuía um exemplar de *Emílio* na cabeceira de sua cama. Os efeitos da revolução, como por exemplo, a difusão da escola pública são comentados de forma negativa. Conforme o narrador:

Com a educação delegada para as escolas e as escolas delegadas para o governo, os objetivos educacionais estavam sofrendo uma transformação. As universidades estavam cada vez mais na mão do Estado. O progresso e o desenvolvimento da ciência moderna ganhavam espaço. A Modernidade tinha inaugurado a relativização do conhecimento e dos sentidos. As descobertas nas ciências naturais levaram diversos pensadores a questionarem se o mundo que eles conheciam era mesmo como enxergavam. O tamanho do sol, a distância dos astros no espaço, e a invisibilidade dos átomos que constituem o mundo: todas essas descobertas provocavam o conhecimento do ser humano. Será que nossos sentidos e percepções dão conta da tarefa de saber o que é verdade? René Descartes chegou a afirmar que a dúvida era a única substância pensante que podíamos confiar. Todo o resto, sentidos e percepções poderiam nos enganar. David Hume disse que não temos nenhuma evidências de que há um “eu” pensante e que tudo seria matéria de fé. Toda essa herança de pensamento vai causar profunda impressão no filósofo Immanuel Kant. Kant viu um paradoxo entre estudar as descobertas da física de Newton e afirmar que o conhecimento racional é impossível. Se Hume tem razão, como é possível a física de Newton? Se uma coisa é impossível, como ela aconteceu? (BRASIL PARALELO, 2020a, 32:40 – 33:57).

Há um erro grosseiro na análise acima. Afirmar que moderno inaugura a relativização do conhecimento e dos sentidos é simplesmente ignorar boa parte da tradição sofista da Grécia Antiga, em especial a inauguração do relativismo com Protágoras. Em geral, os sofistas acreditavam que a verdade era apenas o discurso mais convincente, ou seja, a verdade era relativa.

Neste momento, é produzido toda uma narrativa contra o relativismo, já que este vai contra a ideia que a produtora tem sobre a verdade como única e objetiva, e que a empresa quer divulgar ao público aquilo que as mídias tradicionais e a esquerda desejam supostamente esconder. Busca-se com esta narrativa também de certa forma demonizar a figura de Rousseau e de outros intelectuais iluministas. A Revolução Francesa é vista como um episódio obscuro na história da humanidade.

A narrativa prossegue, agora no sentido de buscar estabelecer uma relação entre as ideias e ações advindas de Rousseau e da Revolução Francesa com o socialismo e o fascismo. Isto, claro, inclui a ideia de educação pública. Conforme o entrevistado Flávio Morgenstern:

Mas toda a ideia do fascismo, do nacional-socialismo, das falanges é... de todos esses movimentos fascistas era a ideia da classe trabalhadora se unir nacionalmente e criar um Estado extremamente eficiente, nacionalizar propriedades, nacionalizar indústrias, nacionalizar um plano de educação, a

educação como libertadora, que ela que vai fazer a classe trabalhadora se libertar daquela alienação marxista, da ideologia, da propriedade. Não, agora com educação ao invés de você querer simplesmente consumir é... você vai ter a ideia revolucionária de fato, você vai começar a ter uma organização de trabalhadores, uma organização política através da educação e contra a economia. (BRASIL PARALELO, 2020a, 44:21 – 45:18).

Os equívocos do trecho acima são diversos. O primeiro é a ideia de que a base do pensamento fascista seja a classe trabalhadora. Conforme o Historiador Eric Hobsbawm:

As camadas de classe média e média baixa continuaram sendo o alicerce desses movimentos por toda a era da ascensão do fascismo. Não negam isso a sério nem mesmo historiadores ansiosos por revisar o consenso de “quase” todas as análises feitas sobre o apoio nazista feitas entre 1930 e 1980 (Childers, 1983; Childers, 1991, pp. 8, 14-5). Tomemos apenas um caso entre as muitas pesquisas da filiação e do apoio de tais movimentos na Áustria do entreguerras. Dos nacional-socialistas eleitos como conselheiros distritais em Viena em 1932, 18% eram autônomos, 56% trabalhadores de escritório e funcionários públicos, e 14% operários. Dos nazistas eleitos em cinco assembleias austríacas fora de Viena no mesmo ano, 16% eram seus próprios patrões e fazendeiros, 51% trabalhadores de escritório etc., e 10% operários (Larsen et al., 1978, pp. 766-7). Isso não quer dizer que os movimentos fascistas não conseguiram conquistar genuíno apoio de massa entre os trabalhadores pobres. Qualquer que fosse a composição dos seus quadros, os membros da Guarda de Ferro romena vinham do campesinato pobre. O eleitorado da Cruz em Seta húngara era, em grande parte, operário (o Partido Comunista sendo ilegal e o Social Democrata, sempre pequeno, pagando o preço por ser tolerado pelo regime de Horthy) e, após a derrota da social-democracia austríaca em 1934, houve uma visível virada dos operários para o Partido Nazista, sobretudo nas províncias austríacas. Além disso, assim que se estabeleceram governos fascistas com legitimidade pública, como na Itália e na Alemanha, muito mais trabalhadores ex-socialistas e comunistas se alinharam com os novos regimes do que agrada à tradição da esquerda considerar. Apesar disso, como os partidos fascistas tinham dificuldades para atrair os elementos autenticamente tradicionais da sociedade rural (a menos que apoiados, como na Croácia, por organizações como a Igreja Católica Romana), e eram inimigos jurados de ideologias e partidos identificados com as classes trabalhadoras organizadas, seu eleitorado principal se encontrava naturalmente nas camadas médias da sociedade. (HOBSBAWM, 1995, p. 100 – 101).

Os dados trazidos por Hobsbawm demonstram o erro na fala de Morgenstern. A base do fascismo europeu não era, em sua fundação, os trabalhadores. As bases desses movimentos eram camadas das classes média e média baixa. Outro fator que chama atenção em Morgenstern é o termo “educação como libertadora”, uma clara alusão a Paulo Freire. Mais um equívoco. A educação não era vista como libertadora pelos fascistas. No campo de concentração de Auschwitz, a frase em alemão não era “A educação liberta”, e sim “O trabalho liberta”. É claro que os regimes fascistas utilizaram as escolas como instrumento de propaganda ideológica. Entretanto, a educação era vista como uma preparação para a vida adulta e conseqüente para seus deveres com a pátria através do trabalho.

O último erro no depoimento de Morgenstern é dizer que o fascismo era contra a economia. Não era nem contra a economia, nem contra o capitalismo. Conforme Hobsbawm:

Quanto à tese do “capitalismo monopolista”, o ponto essencial do capital realmente grande é que pode se acomodar com todo regime que não o exproprie de fato, e qualquer regime tem de se acomodar com ele. O fascismo não foi mais “a expressão dos interesses do capital monopolista” do que o New Deal americano ou os governos trabalhistas britânicos, ou a República de Weimar. O grande capital no início da década de 1930 não queria particularmente Hitler, e teria preferido um conservadorismo mais ortodoxo. Deu-lhe pouco apoio até a Grande Depressão, e mesmo então o apoio foi tardio e pouco uniforme. Contudo, quando ele chegou ao poder, o capital colaborou seriamente, a ponto de usar trabalho escravo e campos de extermínio para suas operações durante a Segunda Guerra Mundial. O grande e o pequeno capital evidentemente se beneficiaram da expropriação dos judeus. Deve-se dizer no entanto que fascismo teve algumas grandes vantagens para o capital, em relação a outros regimes. Primeiro eliminou ou derrotou a revolução social esquerdista, e na verdade pareceu ser o principal baluarte contra ela. Segunda eliminou os sindicatos e outras limitações aos direitos dos empresários de administrar sua força de trabalho. Na verdade, o “princípio de liderança” fascista era o que a maioria dos patrões e executivos de empresas aplicava a seus subordinados em suas firmas, e o fascismo lhe dava justificação autorizada. Terceiro destruição dos movimentos trabalhistas ajudou a assegurar uma solução extremamente favorável da Depressão para o capital. Enquanto nos EUA os 5% de unidades consumidoras do topo viram entre 1929 e 1941 sua fatia de renda total (nacional) cair 20% (houve uma tendência igualitária semelhante, porém mais modesta, na Grã-Bretanha e na Escandinávia), na Alemanha os 5% do topo ganharam 15% durante o mesmo período (Kuznets, 1956). Finalmente, como já se disse, o fascismo foi eficiente na dinamização e modernização de economias industriais — embora de fato menos no planejamento técnico-científico ousado e a longo prazo das democracias ocidentais. (HOBBSAWM, 1995, p. 106).

Em muitos momentos do documentário, tenta-se fazer esta aproximação entre fascismo e comunismo/socialismo. Esta certamente é uma das principais teses do documentário. Já próximo do final deste primeiro episódio da trilogia, Olavo de Carvalho fala sobre o assunto.

E que coisa incrível, né? O [Giovanni] Gentile que era o filósofo do regime fascista e o Antonio Gramsci que era o filósofo comunista que tava na cadeia, os dois poderiam ter usado o mesmo, a mesma expressão: a terrestrealização absoluta do pensamento, quer dizer, destruição de toda a metafísica possível, não é isso? E em lugar da metafísica você tem o que? A racionalidade do Estado, ou seja, seja o Estado socialista, o Estado fascista que no fim são a mesma coisa. Não é coincidência que a esquerda brasileira, quer dizer, o modelo, o ídolo dela seja Getúlio Vargas, né? O Lula vive dizendo que o modelo dele foi o Getúlio Vargas. O que que é? Um fascista. (BRASIL PARALELO, 2020a, 47:26 – 48:05).

Carvalho entende que teorias do conhecimento que não baseavam-se na metafísica agiram a impulsionar diretamente o surgimento tanto do Estado socialista quanto Estado fascista. Não levou-se em consideração fatores como: a emergência dos nacionalismos na

segunda metade do século XIX; o antissemitismo enraizado em boa parte dos países europeus; a crise econômica europeia após a Primeira Guerra Mundial; a crise do Estado liberal nas primeiras décadas do século XX.

Mais do que isso: afirma-se que o Estado socialista e o Estado fascista “no fim são a mesma coisa”. Não são. O Estado fascista defende a propriedade privada e o lucro; ou seja, o capitalismo. Já o Estado socialista defende a propriedade estatal dos meios de produção como fase intermediária para chegar-se ao comunismo, onde não existiria Estado, capitalismo e classes sociais.

Então chegamos a Getúlio Vargas. Este não é consenso dentro da esquerda brasileira. Cabe lembrar que durante o período do Estado Novo (1937-1945) perseguiu-se os comunistas sob o seu comando. O caso mais emblemático talvez seja o da comunista alemã Olga Benário. Isto leva a certa rejeição por parte da esquerda brasileira a Vargas.

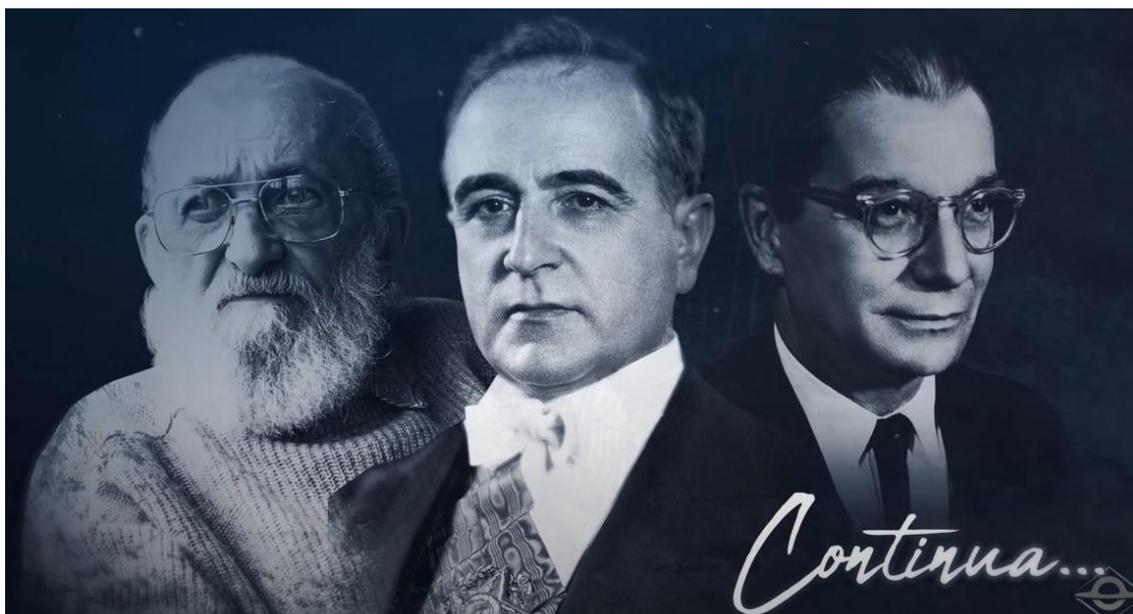
Por fim, identificá-lo como fascista está longe de ser consenso na comunidade científica. Em 1938 houve a Intentona Integralista, episódio de tentativa de golpe de Estado promovido pela extrema-direita brasileira contra Vargas em resposta ao fechamento de todos os partidos. A partir de então, Vargas não só afastou-se dos integralistas como também perseguiu-os.

A última narração deste primeiro capítulo traz um resumo do episódio, além de apontar para o que será tratado no segundo capítulo. Conforme o narrador:

(...) Silêncio após silêncio, o papel da educação foi reduzido ao do ensino, até nos tornarmos parte de uma vida que desconhecemos. Responsável por encaixar todos em uma grande engrenagem, a Pátria Educadora é herança do século XX. O Brasil não foi exceção. Nos restou importar ideias que em breve entrariam em disputa. (BRASIL PARALELO, 2020a, 48:33 – 49:12).

Coloca-se a escola pública sobre o lema “Pátria Educadora”, alusão ao segundo (e interrompido) mandato de Dilma Roussef na presidência do Brasil, estabelecendo-se assim relações negativas deste com os eventos ocorridos no século XX. Nas últimas frases do trecho citado acima, aparece na tela como última cena (antes da propaganda final) a imagem abaixo:

Figura 3: Imagem final de *O Fim da História*.



Fonte: Brasil Paralelo, 2020a.

Da esquerda para a direita, estão Paulo Freire, Getúlio Vargas e Anísio Teixeira, três grandes alvos da narrativa da BP em seu segundo episódio. Coloca-se os três juntos, provavelmente para estabelecer por parte do espectador um visão negativa para todos.

Finalizamos então a análise do primeiro capítulo da trilogia. Verificamos algumas narrativas que valem a pena ser destacadas. A primeira é o esquecimento de contribuições importantes para a história da educação ocidental. Isto fica evidente quanto aos sofistas e também aos pensadores islâmicos que viviam na Europa durante a Idade Média. Isto sem contar as contribuições de povos socialmente excluídos como indígenas, negros, e mulheres. Nenhum dos grupos é citado ou entrevistado neste capítulo.

Outro fator que chama-nos atenção é o profundo desmerecimento da escola pública. Exaltou-se tutores da antiguidade. Em nenhum momento é tecido elogios aos professores da escola pública ou de universidades públicas. O Estado e sua educação são vistos como autoritários, frutos do pensamento de Rousseau e da Revolução Francesa. Não falou-se do absolutismo monárquico e do Antigo Regime. Mesmo que não diga de forma literal, o primeiro capítulo da trilogia é flagrantemente antimoderno.

O último elemento a destacar-se é a tentativa de destruir completamente a imagem da esquerda nacional e internacional. Comparou-se o fascismo e o socialismo em várias passagens, numa evidente tentativa de mostrar que supostamente “no fim são a mesma coisa”. Por fim, adjetivou-se Vargas como fascista e ao mesmo tempo ídolo da atual esquerda brasileira. Tentou-se assim estigmatizar tanto Vargas quanto a esquerda

brasileira. Passamos agora ao segundo capítulo da trilogia, intitulado *Pelas Barbas do Profeta*.

4.2 ANÁLISE DO CAPÍTULO II: PELAS BARBAS DO PROFETA

Após propaganda e abertura, temos o início do segundo episódio. Rapidamente fala-se de educação no Brasil do início do período republicano até 1930, da presença tanto das escolas católicas quanto das militares. Posteriormente, os entrevistados definem e debatem três tipos de educação em disputa a partir da década de 30: católica, comunista e da Escola Nova. Após o narrador em off mencionar a criação do Partido Comunista Brasileiro (PCB) em 1922, Thomas Giuliano diz o seguinte:

Vejam que aqui há um paradoxo: nós temos um marxismo no Brasil que formou-se a partir de um entendimento do papel do Estado. Ou seja, nós não vamos ter aquela linha clássica de Marx em que o Estado deve ser superado. Nós vamos ter no marxismo brasileiro o entendimento que o Estado deve operar a política brasileira tendo em vista que o Brasil não atingiu ainda as condições ideais para a supressão do Estado. Então os comunistas aqui estarão, que se formaram tendo uma leitura muito precária de Marx, ainda que com certo talento individual, por exemplo do professor Vicente de Souza, que era um lógico, latinista, enfim, figura como por exemplo um Graciliano Ramos, um Drummond, mas este comunismo brasileiro é um comunismo muito incipiente. Ainda com uma visão muito precária inclusive do próprio stalinismo, do próprio leninismo. Mas nós vamos ter uma outra escola, que ganhará força de uma maneira progressiva. Esta é a chamada Escola Nova. (BRASIL PARALELO, 2020b, 07:34 – 08:38).

Aqui, temos um problema. No prefácio à edição alemã de 1872 do *Manifesto Comunista* (1848), Karl Marx e Friedrich Engels falam o seguinte sobre a tomada do Estado por parte da classe trabalhadora:

Dados os imensos progressos da grande indústria nos últimos vinte e cinco anos e os progressos paralelos levados a cabo pela classe operária na sua organização em partido, dadas as experiências práticas, primeiro na Revolução de Fevereiro, depois, e sobretudo, na Comuna de Paris, que, durante dois meses e pela primeira vez, pôs nas mãos do proletariado o poder político, este programa envelheceu em alguns dois seus pontos. A Comuna demonstrou, nomeadamente, que a «classe operária não pode contentar-se com tomar tal qual a máquina estatal e fazê-la funcionar por sua própria conta». (Ver «Manifesto do Conselho Geral da Associação Internacional dos Trabalhadores», A Guerra Civil em França, onde esta idéia está mais amplamente desenvolvida). (Marx e Engels, 1872, p. 03).

Na primeira edição do manifesto em 1848, os autores defendiam que a classe proletária deveria tomar o Estado, mesmo que por um período transitório. Já em 1871, Marx muda de visão e defende a destruição imediata do Estado em *A Guerra Civil em*

França (1871) e também no trecho supracitado do prefácio do manifesto, escrito por Marx e Engels.

Já Vladimir Lênin entendia que a revolução proletária deveria ser guiada pelos quadros da direção do partido revolucionário, dirigindo o Estado após a revolução em um período transitório chamado socialismo, para depois das reformas promovidas pelo governo chegar-se ao comunismo e conseqüente destruição do Estado. Isto é de conhecimento básico sobre o assunto.

O PCB desde sua fundação é um partido declaradamente marxista-leninista. Portanto, as críticas de Giuliano são imprecisas. No marxismo-leninismo, o Estado também deve ser superado após a revolução, mas não antes da ditadura do proletariado (socialismo). Ademais, se levarmos a cabo o argumento de que os marxistas não devem tomar o Estado após a revolução, todos os partidos comunistas que disputam eleições no mundo estão equivocados ao fazê-lo e, portanto, todos possuem uma “leitura muito precária de Marx”.

Após a fala de Giuliano, o narrador em off fala da Escola Nova:

As antigas ideias de Hegel de uma filosofia com forte presença do Estado, exerceram profunda influência no mundo todo. Um dos casos mais importantes é o do americano John Dewey, fundadora da pedagogia da Escola Nova e entusiasmado leitor de Rousseau, Kant e Hegel. Suas propostas baseavam-se numa educação pública, gratuita e laica que prepara o país para o mercado de trabalho. Para Dewey, a educação servia para capacitar os alunos com habilidades técnicas e ensiná-los a viver adequadamente na sociedade. (BRASIL PARALELO, 2020b, 08:46 – 09:19).

Immanuel Kant e Georg Hegel, autores que apareceram apenas lateralmente no primeiro episódio, voltam acompanhados de Rousseau e Dewey, todos criticados e colocados na mesma esteira de pensamento ao longo do segundo episódio.

O documentário prossegue, colocando como o grande entusiasta da Escola Nova no Brasil, Anísio Teixeira. Dois entrevistados, então, dissertam sobre o tema. O primeiro é o sociólogo Simon Schwartzman:

Aquele documento que é o o manifesto dos pioneiros da educação nova ele, se você ler o texto ele mostra várias tendências. Uma tendência muito forte é a do Anísio Teixeira. Defendia a ideia de uma educação pragmática, ligada ao trabalho, uma educação prática etc. Então o manifesto dos pioneiros junta um pouco essas ideias. Ele é uma expressão da necessidade de uma educação pública. Uma educação basicamente laica, muito diferente da concepção tradicional da igreja que já tinha uma ideia muito tradicional, tem que estudar filosofia, religião, latim, Então digamos há um conflito aí muito grande e o Anísio já era percebido como uma coisa terrível, porque ele era pragmático,

ele era americano. Isso era muito contra o pensamento católico. (BRASIL PARALELO, 2020b, 10:27 – 11:13).

A fala de Schwartzman é descritiva do fenômeno. Não é emitido um juízo de valor deliberado por parte do sociólogo. Todavia, não podemos dizer o mesmo sobre o escritor e diretor do Colégio Porto Real, João Malheiro:

Essa escola nova se desviou muito do conhecimento do que é uma criança humana, completo. É um movimento meio sentimental de educar. O educar tem que ser lúdico, a criança tem que aprender brincando, enfim. É uma visão sentimental da educação que gera crianças então muito fracas, e se perde vamos dizer assim a busca do conhecimento, do estudo. Então a Escola Nova é mais uma forma disfarçada de manipulação popular através dos sentimentos. É isso a educação da Escola Nova. Então como é que você pode apoiar um movimento desse em que você percebe que justamente através desses movimentos houve um decréscimo cada vez maior das escolas e do aprendizado, e dos resultados que estão aí para nos dizer o resultado dessa Escola Nova. Então, mas eu pergunto: e aí a Matemática? E aí a História? E aí a Geografia? E o Português? Ah isso não é tão importante mais, agora o importante é o método, não tanto o conteúdo. E quando o método começa a privilegiar o conteúdo, acaba a escola. Isso foi o que aconteceu com a Escola Nova. (BRASIL PARALELELE, 2020b, 11:14 – 12:17).

Malheiro não leva a sério a Escola Nova, além de acusá-la de: gerar crianças fracas, não buscar conhecimento e de ser uma maneira disfarçada de manipulação popular através dos sentimentos. Posteriormente, tecerá críticas ao comunismo. Se o documentário descreve basicamente três tipos de educação, fica evidente a inclinação do escritor em favor da educação católica. As críticas ao comunismo e a Escola Nova são constantes neste episódio.

Giuliano termina a introdução do documentário com um breve histórico das relações entre as linhas católica, comunista e da Escola Nova presentes no Ministério da Educação a partir da atuação de Gustavo Capanema nos anos 1930 e 40. Além disso, fala sobre a situação em 50, e 60 (até o golpe). Conforme o autor:

Capanema é até hoje o ministro da educação mais longo de nossa História e não há como falar sobre o ministério da educação sem falar de Gustavo Capanema. Capanema quando ele assume ele encontrou algumas demandas que eram necessárias. A primeira era de como inserir intelectuais que estavam em oposição ao período Vargas dentro da política. Então Capanema que vai ter uma amizade de longa data com Drummond irá chamar Drummond para trabalhar dentro do então novo ministério da educação. Convidará também Graciliano Ramos para trabalhar, convidará Portinari para trabalhar, enfim... Comunistas clássicos do Brasil com os seus diferentes trabalhos artísticos. Eles irão conseguir atender essas demandas desses grupos bem heterogêneos. Por exemplo, o ensino religioso de fato irá voltar. Nós vamos ter por exemplo, uma, uma liberdade de ensino que atendia muitas das demandas dos comunistas. Nós vamos ter a presença de um ensino técnico como por exemplo atendia uma das demandas de Anísio Teixeira da Escola Nova. Ele conseguia ter esse tipo de desenvolvimento. Ele se mantém no ministério da educação até a saída de Getúlio Vargas nessa primeira transição até assumir Dutra. Quando o governo JK e mais na sequência o governo Jango se consolidam dentro do

aparelho estatal mudarão apenas os atores mas o teatro de fato vai estar ali, devidamente armado. Por exemplo, sairá Pedro Calmon e entrará a posteriori Darcy Ribeiro. Entrará a posterior Paulo de Tarso, mas o aparelho estatal de fato ali está. E é interessa citar, por exemplo, Paulo de Tarso, porque Paulo de Tarso desfrutando de um aparelho estatal que o antecede, foi o ministro da educação que deu a Paulo Freire a magnitude da experiência de Angicos. (BRASIL PARALELO, 2020b, 13:28 – 15:34).

Percebemos então que para Giuliano as três linhas estavam dentro de três governos – Vargas, Juscelino Kubitschek e João Goulart – cada um tentando maximizar o atendimento de seus próprios interesses. Isto é um ponto negativo para as três linhas, inclusive para a católica, pois a trilogia como um todo defende que o melhor tipo de educação é a privada, sem nenhum vínculo com o Estado.

Fez-se toda esta introdução para finalmente falar sobre o grande alvo de críticas do segundo episódio: Paulo Freire.

4.2.1 Paulo Freire

Neste momento, ao invés da costumeira narração em off, a experiência de Angicos é narrada por um audiovisual da época, transcrito abaixo:

Em Angicos, uma pequena cidade no sertão do Rio Grande do Norte, à beira da antiga estrada de ferro começaram uma revolução. É uma revolução de verdade, séria e bem organizada. Sua primeira fase durou apenas 40 horas. O alvorecer de autêntica reforma de base que está repercutindo em todo o Brasil e que possivelmente logo envolverá o país inteiro. Angicos é uma cidade típica do Rio Grande do Norte onde mais de 75% dos adultos vivem e morrem na pobreza e no analfabetismo. E entre os restantes, grande parte só sabe ferrar o nome na hora de votar, incapaz de ler o que escreveu. A Revolução de Angicos foi iniciada para acabar com o analfabetismo, o problema básico do Estado. Para tirar do escuro aquela gente, voluntários sacrificaram as férias e o conforto de Natal para começar o processo revolucionário da educação. Vieram ao sertão para ajudar a salvar o Brasil com honestidade. Convocaram os alunos, e explicam que é possível ler e escrever com apenas 40 horas de aula e sem cartilha. Integraram-se no grupo, ouviram os seus problemas, recolheram um vocabulário básico da região, instalaram as salas de aula nas casa maiores, trouxeram cadernos, lápis, lampiões de querosene, e também ânimo e a verdadeira esperança. (BRASIL PARALELO, 2020b, 18:40 – 20:01).

Nem mesmo a perceptível antipatia a Paulo Freire – flagrante em toda a série – fez com que qualquer entrevistado ou narrador dissesse que a experiência de Angicos foi fracassada. Entretanto, para minimizar as concessões a Freire, após o trecho acima, há uma rápida propaganda da BP inserida. Na volta da propaganda, fala-se das ligações políticas do educador no período, não discutindo em nenhum momento o porquê do sucesso da alfabetização naquela pequena cidade potiguar.

Buscou-se por diversas vezes neste capítulo da trilogia associar-se o nome de Paulo Freire a Che Guevara e, principalmente, Mao Tsé Tung e a Revolução Cultural Chinesa. Posteriormente, estabeleceu-se relações entre a teoria da conspiração do marxismo cultural, Revolução Cultural Chinesa, Mao Tsé Tung e as revoltas na França ocorridas a partir de 10 de maio de 1968:

A ideia de uma revolução cultural já vinha sendo gestada no movimento comunista desde o final da década de 20, quando pensadores começaram a observar os rumos da ditadura stalinista na União Soviética e repensar o marxismo. Grupos de intelectuais discutiam a diminuição dos argumentos econômicos e a adesão pela reforma daquilo que entendiam como o verdadeiro motor da história: a cultura. Com a disseminação da Revolução Cultural Chinesa, essas ideias ganharam exemplos práticos e entusiasmaram parte da intelectualidade europeia. A França vivia a década do pós-guerra e seu presidente sofria duro enfrentamento da oposição socialista. Foi em 1968 que a história da educação marxista sofreu o seu ponto de inflexão. (BRASIL PARALELO, 2020b, 26:29 – 27:12).

Acreditar que o verdadeiro motor da história é a cultura vai contra absolutamente toda e qualquer teoria marxista. Enquanto o trecho acima era dito pelo narrador em off, apareceu um a um e em primeiro plano, nomes de intelectuais marxistas da época acompanhados de uma foto para identificá-los. São eles: Herbert Marcuse, Karl Kautsky, György Lukács, Max Horkheimer. Nenhum deles escreveu ou falou sobre marxismo cultural.

Por volta das nove e meia da noite, mais de 20 mil alunos se reúnem nas ruas de Paris. O clima de revolta insufla os ânimos. Barricadas estão erguidas. A polícia ronda os estudantes. E às 2:15, o conflito começa. Gás lacrimogêneo, coquetéis molotov, e pedras voando transformaram a Noite das Barricadas em um marco histórico. Estudantes denunciavam o capitalismo e reivindicavam reformas nas universidades. Em pouco tempo, as pautas cresciam e motivavam protestos cada vez maiores. Acalorados debates de intelectuais e militantes começavam a dividir ideologicamente os protestos. Estudantes começam a exigir a renúncia do presidente, e a convocação de eleições gerais. Em poucos dias, Paris transformou-se em um palco de confronto entre policiais e manifestantes, paralisando milhões de trabalhadores numa greve sem precedentes. Um dos símbolos do protesto foi o livro vermelho de Mao Tsé Tung. Estudantes inspiravam-se na Revolução Cultural Chinesa onde o governo usou massas de jovens como tropa de choque contra os adversários do regime. Os acontecimentos tornaram-se um marco histórico. Amplificando a ideia de que a verdadeira infraestrutura da sociedade não eram os modos de produção, mas a cultura, que seria a nova linha de frente do movimento socialista. (BRASIL PARALELO, 2020b, 27:19 – 28:58).

Imagens das manifestações de maio de 68 passam na tela enquanto o narrador em off fala o trecho acima. Depois de diversas imagens aparece uma foto e legenda do filósofo Michel Foucault e, após, Charles de Gaulle, presidente da França à época. Prosseguiu-se com imagens referentes à Revolução Cultural Chinesa. Por fim, a imagem abaixo para explicar a teoria do “marxismo cultural” na qual a série acredita existir.

Figura 4: Superestrutura e infraestrutura.



Fonte: Brasil Paralelo, 2020b.

É constante a narrativa do marxismo cultural. As acusações não ficaram restritas apenas a quem possuía alguma ligação com o marxismo. O intervalo da imagem de Foucault com a imagem acima é de aproximadamente meio minuto. Não explicou-se em nenhum momento que o autor é reconhecido como pós-moderno, e não marxista. A omissão deste informação leva o espectador ao erro, levando-o provavelmente a concluir então que Foucault é reconhecido marxista, sendo que não é nem ao menos visto como estruturalista.

Algo interessante acontece a partir de então. Buscou-se aqui, mesmo que de forma rápida e temporária, uma nova gama de entrevistados, sendo composta então por escritores/intelectuais mais conhecidos e prestigiados nacional e internacionalmente: Fernando Henrique Cardoso; Slavoj Žižek; Mario Vargas Llosa; e Roger Scruton. A tática possivelmente buscou dar maior legitimidade ao documentário, maior autoridade científica e intelectual.

Posterior a isto, a tática de destruição de reputações volta sua atenção a Paulo Freire. Não mais intelectuais consagrados, mas figuras costumeiras em seus audiovisuais criticam o educador. A narrativa por vezes busca trechos descontextualizados da *Pedagogia do Oprimido* para tentar comprovar suas teses. Alguns destes trechos são citados pelo diplomata Gustavo Maulstach:

As pessoas tendem a achar que Paulo Freire é simplesmente uma pessoa generosa, que se importa com os alunos, que se importa com a autonomia do pensar, que se importa com a conscientização, é... E tomadas assim soltas ninguém é contra isso... É... Ninguém é contra a conscientização, ninguém é contra a autonomia do aluno. Mas quando você vai analisar a obra do Paulo Freire você vê que ele não fala de uma conscientização qualquer. Ele não quer realmente uma conscientização do aluno para que o aluno com autonomia possa formar sozinho a sua própria visão de mundo. Ele não quer isso. Para Paulo Freire a conscientização né, a autonomia do pensar é baseado no que ele chama de pensar certo, que é fundamentalmente uma filosofia anticapitalista, antiliberal e a favor do enfim da consciência revolucionária como ele mesmo chama. Paulo Freire diz assim na página 58: “Como poderiam os oprimidos dar início à violência, se eles são o resultado de uma violência?”. Se você descreve a ordem capitalista como uma ordem de opressão e de violência, você está não é nem indiretamente, diretamente você está dizendo que a violência contra essa ordem é uma legítima defesa. E na página 233, que pra mim é a frase, uma das frases mais macabras de Paulo Freire ele diz assim: “A revolução é biófila, é criadora de vida, ainda que, para criá-la, seja obrigada a deter vidas que proíbem a vida”. Então a revolução ama a vida, mas de vez em quando você precisa tirar umas vidas. Mas não é qualquer vida, só que proíbe a vida. E quem vai dizer? A revolução. (BRASIL PARALELO, 2020b, 35:42 – 37:28).

Ambos os trechos citados por Maulstach, a serem contextualizados, dão-nos conclusões diferentes das que o diplomata proferiu. Analisamos em separado cada um dos trechos. O primeiro, em que supostamente Paulo Freire está incitando a violência, se lido no corpo do texto de sua obra, diz justamente o contrário. Vejamos:

Como poderiam os oprimidos dar início à violência, se eles são o resultado de uma violência?

Como poderiam ser os promotores de algo que, ao instaurar-se objetivamente, os constitui?

Não haveria oprimidos, se não houvesse uma relação de violência que os conforma como violentados, numa situação objetiva de opressão.

Inauguram a violência os que oprimem, os que exploram, os que não se reconhecem nos outros; não os oprimidos, os explorados, os que não são reconhecidos pelos que os oprimem como outro.

Inauguram o desamor, não os desamados, mas os que não amam, porque apenas se amam (...)

Para os opressores, porém, na hipocrisia de sua “generosidade”, são sempre os oprimidos, que eles jamais obviamente chamam de oprimidos, mas, conforme me situem, interna ou externamente, de “essa gente” ou de “essa massa cega e invejosa”, ou de “selvagens”, ou de “nativos”, ou de “subversivos”, são sempre os oprimidos os que desamam. São sempre eles os “violentos”, os “bárbaros” os “malvados”, os “ferozes”, quando reagem à, violência dos opressores.

Na verdade, porém, por paradoxal que possa parecer, na resposta dos oprimidos à violência dos opressores é que vamos encontrar o gesto de amor. Consciente ou inconscientemente, o ato de rebelião dos oprimidos, que é sempre tão ou quase tão violento quanto a violência que os cria, este ato dos oprimidos, sim, pode inaugurar o amor. (FREIRE, 1987, p. 27 – 28).

A mensagem de Freire devidamente contextualizada não é uma mensagem estimulando o ódio, mas sim o amor. Não é uma mensagem de violência revolucionária,

mas sim de amor revolucionário. Verificamos que a conclusão feita por Maulstach relativa ao segundo trecho citando a obra de Freire também não condiz com o pensamento do educador:

A revolução é biófila, é criadora de vida, ainda que, para criá-la, seja obrigada a deter vidas que proíbem a vida.

Não há vida sem morte, como não há morte sem vida, mas há também uma “morte em vida”. E a “morte em vida” é exatamente a vida proibida de ser vida.

Acreditamos não ser necessário sequer usar dados estatísticos para mostrar quanto, no Brasil e na América Latina em geral, são “mortos em vida”, são “sombrias” de gente, homens, mulheres, meninos, desesperançados e submetidos a uma permanente “guerra invisível” em que o pouco de vida que lhes resta vai sendo devorada pela tuberculose, pela esquistossomose, pela diarreia infantil, por mil enfermidades da miséria, muitas das quais a alienação chama de “doenças tropicais”...

Em face de situações com estas, diz o padre Chenu, “... muitos, tanto entre os padres conciliares como entre laicos informados, temem que, na consideração das necessidades e misérias do mundo, nos atenhamos a uma abjuração comovedora para paliar a miséria e a injustiça era suas manifestações e seus sintomas, sem que se chegue a análise das causas, até à denúncia do regime que segrega esta injustiça e engendra esta miséria”.

O que defende a teoria dialógica da ação é que a denúncia do “regime que segrega esta injustiça e engendra esta miséria” seja feita com suas vítimas a fim de buscar a libertação dos homens em colaboração com eles. (FREIRE, 1987, p. 106 – 107).

Fica evidente que deter neste contexto não significa necessariamente matar os membros, mas sim detê-los de suas ações de opressão. Freire tanto acreditou que era possível fazer mudanças a partir de meios pacíficos e a partir da democracia que foi secretário municipal de educação durante a gestão de Luiza Erundina frente à prefeitura da cidade de São Paulo.

O ataque a Freire continua com o historiador Ricardo da Costa:

A educação Paulo Freireana não aceita que você diga, por exemplo, que o rapaz que fala “Framengo” tá errado, né? Você não pode porque você tá impondo a sua cultura classista. Isso isso é a Pedagogia do Oprimido, né. O oprimido é ora, se há o oprimido tem o opressor. Quem é o professor? O opressor. (BRASIL PARALELO, 2020b, 46:32 – 46:53).

As afirmações no trecho acima estão estruturalmente erradas. Freire enfatizou em diversas obras que a realidade do aluno deve ser ponto de partida do processo educativo, mas não de chegada. Nunca falou que não deve-se corrigir o estudante, mas sim educá-lo com amor. O professor não é o opressor em suas obras, a burguesia sim.

Outra leitura errônea de Freire é verificada em Olavo de Carvalho:

Então você não tem meios de você se “desaculturar”. Você fica preso. É apareceu aquele aquele cretino do Marcos Bagno dizendo não, “você ter uma gramática igual para todos é antidemocrático”. Então “Ah boa é uma gramática para cada classe social”, você aprende aquela gramática da classe social e fica preso ali pelo resto da vida. Você não consegue falar com o cara da outra classe social. Isso cria uma estratificação social hierárquica invencível e você acha que isso é democrático? Para mim, isso é o contrário da democracia. Paulo Freire cria uma estratificação social invencível. Se você nasceu filho de pedreiro, é pra você ficar pedreiro pro resto da sua vida. Você se inscreve no partido comunista e continua pedreiro. (BRASIL PARALELO, 2020b, 46:56 – 47:33).

Freire pensa a educação como libertadora a partir da conscientização dos estudantes. Carvalho diz neste trecho justamente o contrário, como se o educador quisesse uma “estratificação social hierárquica invencível”. Freire dedicou a sua vida a combater tal estratificação, ou seja, a conclusão é diametralmente oposta ao que foi dito por Carvalho.

Colocou-se também Freire como grande apoiador da Revolução Cultural Chinesa e de Mao-Tsé Tung. Entretanto, a Revolução Cultural Chinesa não é citada nem na Pedagogia do Oprimido, seu principal livro. Já Mao-Tsé Tung aparece neste livro apenas em duas notas de rodapé. O escritor José Eustáquio Romão comenta a influência do líder chinês na obra do educador:

Marx dizia que o motor da história é a classe operária. E Mao dizia que não, que existe o motor, mas que a fagulha do motor são as classes médias, que desencadeiam acontecimentos. Ele diz que o povo pode fazer coisas irracionais e, por isso, tem que haver coordenação do processo revolucionário e isso nem sempre ocorre pelo proletariado. Marx e os marxistas ortodoxos, inclusive, devem ter se revirado no túmulo com essa. Além disso, Paulo não aceita o maoísmo puro, nem o marxismo puro. Aliás, ele usava uma metáfora interessante, dizia que era "um barbudo no meio de dois barbudos": Jesus Cristo e Karl Marx. Por isso, há repercussões políticas importantes na teoria dele. Os freireanos não propõem eliminar o opressor e, sim, salvá-lo também, a partir do momento em que os oprimidos se libertam. (COSTA, 2015, n.p.).

Como podemos perceber, a influência de Mao-Tsé Tung na obra de Freire não possui relação direta com a Revolução Cultural Chinesa, nem com a violência empregada nela. Já Che Guevara é citado, entre corpo do texto e notas de rodapé, quinze vezes na Pedagogia do oprimido. É exaltado não o caráter violento da Revolução Cubana, mas sim a comunhão de Guevara enquanto líder revolucionário com os camponeses de Sierra Maestra.

Próximo ao fim do segundo episódio, Giuliano conclui sua participação neste episódio da trilogia da seguinte forma:

Se fôssemos um país saudável, reitero isso, Paulo Freire não seria debatido. Debateríamos o quê? Entendimentos sobre sistemas pedagógicos, sobre o

papel do Estado na Educação, enfim, debates elevados sobre temas elevados. Ele é debatido porque somos um país socialmente doente. (BRASIL PARALELO, 2020b, 01:08:07 – 01:08:27).

As universidades de Oxford e Harvard possuem institucionalmente profundo apreço aos escritos de Paulo Freire. Seriam estas universidades socialmente doentes em países socialmente doentes para o entrevistado?

As últimas imagens e legendas do documentário reforçam a tese de que Paulo Freire guiou (e continua guiando) o Brasil ao fracasso na educação, além de vinculá-lo mais uma vez à violência da Revolução Cubana e Revolução Cultural Chinesa. Tudo isto enquanto toca ao fundo uma música que causa no espectador angústia e medo.

Podemos dizer que a narrativa segue os padrões do primeiro capítulo, com muitos argumentos *ad hominem* e conclusões quase sempre errôneas sobre os temas discutidos. Talvez a única novidade seja a rápida participação de intelectuais mundialmente prestigiados em raros momentos do documentário, certamente para dar a este alguma legitimidade científica.

Finalizamos assim a análise do segundo episódio da trilogia *Pátria Educadora*. Passamos agora para o último episódio da série, cujos anúncios dizem ser “a maior denúncia já feita sobre a educação brasileira”. Vejamos.

4.3 ANÁLISE DO CAPÍTULO III: GUERRA CONTRA A INTELIGÊNCIA

Nas considerações iniciais do capítulo faz-se um resumo dos dois episódios anteriores, além de uma introdução ao terceiro episódio:

Na educação antiga, as inquietações morais levaram ao desenvolvimento do uso da razão pelos filósofos gregos. Era uma educação escassa, restrita a elite, que buscava tutores para formar a personalidade de seus pupilos através do ensino das virtudes e da busca pela verdade. A partir da revelação em Abraão, a noção de transcendência se integra ao conhecimento coletivo dos povos. A devoção a deus tornou-se fator preponderante na dedicação a vida intelectual. Aos poucos, formaram-se as universidades, onde os alunos buscavam os mestres da Europa para aprender sobre filosofia, teologia, direito e medicina. É formada a comunidade internacional de acadêmicos. Nesta época ocorre a união entre a filosofia grega e a tradição religiosa, resultando na concepção das artes liberais. O ensino técnico ficava a cargo das guildas, onde ensinavam os trabalhadores a exercer a sua profissão. Foi esse ensino que chegou no Brasil do século XVI. Logo depois do descobrimento fundaram o Patteo do Collegio, a primeira escola do Brasil. (BRASIL PARALELO, 2020c, 04:06 – 05:15).

É verificável a exaltação do conhecimento metafísico em detrimento do conhecimento pragmático. Os conhecimentos tidos como clássicos ou eruditos

(filosófico, religioso e artístico) são exaltados, enquanto o conhecimento pragmático, ou seja, o conhecimento mundano, é visto como inferior. A história da educação contada pela Brasil Paralelo basicamente é a história da educação ocidental.

A narrativa continua, buscando agora entender certos períodos de rupturas na sociedade ocidental e conseqüentemente em seus projetos educacionais:

Só após a Reforma Protestante que o sistema de ensino fortaleceu-se. Foi rompendo com a transmissão de ideias da Igreja Católica, e também começou a ser usado pelos estados como meio de propagação de ideias. É nesse período que surge a educação compulsória, onde leis obrigavam crianças a frequentar instituições de ensino criadas pelo governo com pena de aprisionamento caso fossem descumpridas. A Revolução Científica transforma o significado das palavras educação e conhecimento. A descoberta de padrões matemáticos e de métodos científicos entusiasma muitos pensadores a desenvolver uma nova concepção de direitos humanos. O Iluminismo Francês acaba por proibir escolas religiosas e a tradição passa a ser condenada como uma coisa ruim, vista como inimiga da vontade popular e do bem comum. No Brasil, o iluminismo teve sua expressão através do ditador português Marquês de Pombal, que expulsou os jesuítas, fechando as escolas e mosteiros espalhados pelo Brasil no fim do século XVIII. Orientado por José Bonifácio e Leopoldina Habsburgo sobre os perigos do iluminismo francês, Dom Pedro declara a Independência do Brasil. (BRASIL PARALELO, 2020c, 05:19 – 06:27).

Observamos que a narrativa da BP é mais conservadora do que propriamente liberal. A crítica ao Iluminismo Francês mostra seu flagrante desejo por um caráter tradicional na educação.

A narrativa segue, e o pragmatismo é novamente alvo de críticas:

A Revolução Industrial chama os trabalhadores para as fábricas modernas, fazendo surgir duas grandes novas demandas: a mão de obra qualificada e um lugar para deixar as crianças durante o expediente. A educação obrigatória torna-se massificada para atender um número cada vez maior de pessoas e transformá-las em trabalhadores. Educação transformava-se em ensino. A busca pela verdade saía de cena e dava espaço para beneficiar a produção econômica. Observando essas mudanças, educadores desenvolvem a pedagogia nova, pautada pela filosofia pragmática, que defendia não ser capaz de conhecer a verdade e portanto devia adequar a verdade aos seus objetivos. O professor passou a ser visto como um incentivador, responsável por aplicar métodos para desenvolver o cidadão apto para a vivência democrática e para o trabalho assalariado. O pragmatismo foi importado para o Brasil por Anísio Teixeira e os adeptos da Escola Nova, que disputavam com as correntes católicas e comunistas o controle da educação brasileira. (BRASIL PARALELO, 2020c, 06:29 – 07:29).

O trecho acima ao mesmo tempo que enfatizou o desejo da Escola Nova de uma formação para o trabalho, colocando apenas em segundo plano uma de suas bases, que era a formação para a democracia, citando-a de forma superficial, sem o devido aprofundamento em nenhum dos três episódios da série.

O enfrentamento a Paulo Freire segue no trecho abaixo:

A partir dos conceitos propagados pela filosofia de Hegel, cada vez mais surgem novas teorias sobre o papel do Estado e das relações sociais. No século XX, essas ideologias revolucionárias irão disputar o mapa do planeta terra, enxergando o sistema educacional como mais uma ferramenta de combate político. Na Revolução Cultural Chinesa, a escola ganhou protagonismo no combate ideológico. A pedagogia crítica visava formar os alunos como agentes transformadores da sociedade. O professor seria o libertador, que removeria o hospedeiro burguês crianças. Essa visão se amplificou para o mundo inteiro através dos protestos na França, iniciados nos eventos de maio de 68. Paulo Freire é o grande nome a disseminar o vínculo da revolução cultural com a pedagogia do Brasil, estabelecendo esses fundamentos na sua maior obra: a pedagogia do oprimido. (BRASIL PARALELO, 2020c, 07:31 – 08:25).

Tal citação colocou Freire como um maoísta ortodoxo, mero reproduzidor de todas as teses do líder chinês. A obsessão da narrativa da BP em relacionar profundamente Freire com a Revolução Cultural Chinesa é digna de nota. Possivelmente tal tentativa de conexão esteja a serviço da teoria da conspiração do marxismo cultural.

Após o histórico sobre a educação no ocidente, a narrativa concentrou-se num breve diagnóstico sobre as teorias que atualmente são a estrutura da educação pública brasileira:

O que vemos hoje no Brasil é a fusão entre a educação crítica revolucionária e o ensino pragmático para o trabalho. A primeira, educa o homem como agente transformador da sociedade; e a segunda, formando trabalhadores para o mercado. Na busca por uma vida escolar onde docentes almejam uma consciência revolucionária e alunos só querem conseguir um emprego, a educação brasileira foi condenada aos últimos lugares do mundo. (BRASIL PARALELO, 2020c, 08:28 – 08:54).

A crença de que os professores buscam agitar as massas de estudantes numa busca incessante para a revolução socialista perpassa toda a série. Inclusive na abertura padrão dos três episódios há uma cena que alimenta tal narrativa: um professor com a camiseta da União Nacional dos Estudantes (UNE) indicando para crianças/adolescentes o caminho de saída da sala de aula, dando a impressão de estar incitando algum tipo de ação revolucionária, enquanto mesas e cadeiras caem ao chão:

Figura 5: Professor doutrinador



Fonte: Brasil Paralelo, 2020c.

Instigou-se a partir desta cena um pânico moral, enquanto uma trilha sonora angustiante reforça tal sentimento.

Finalizamos assim a análise da introdução do terceiro capítulo. Passamos então para o desenrolar desta trama.

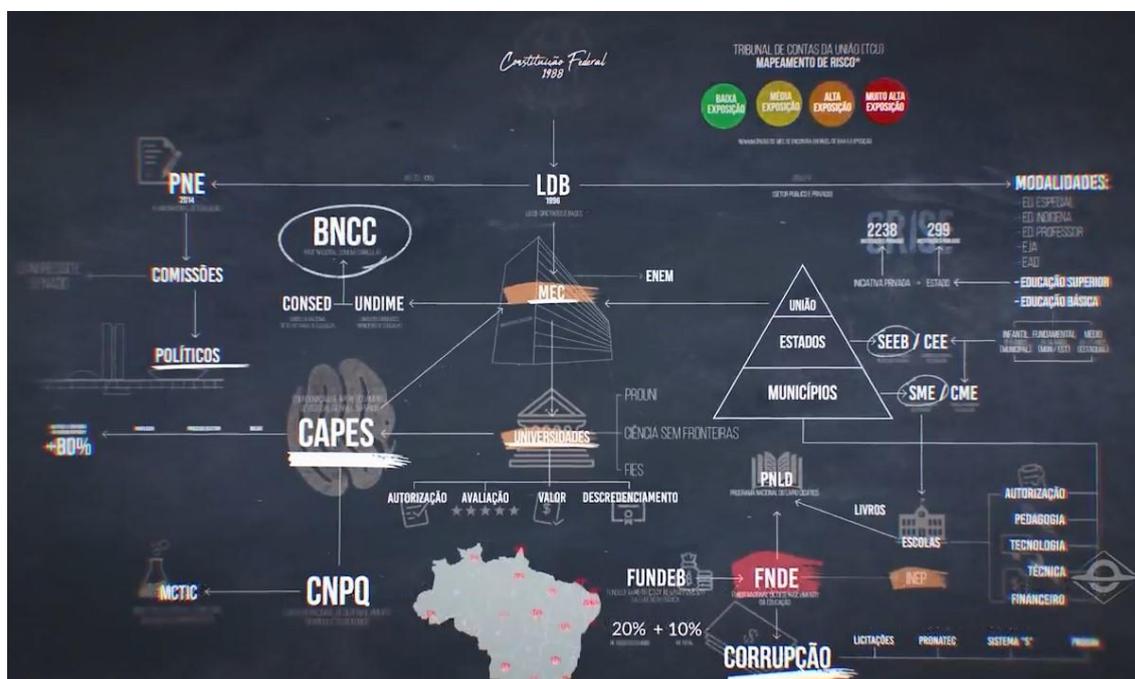
Ao mesmo tempo em que o narrador descreveu o sistema educacional brasileira, foi enumerando os culpados pelo insucesso. Vejamos:

Não é possível entender os nossos índices negativos e o resultado das nossas pedagogias sem o complexo sistema composto por instituições, leis e cargos que controlam a educação brasileira. É na constituição federal do Brasil que tudo começa. No capítulo II, está estabelecido o direito à educação, citado mais de 59 vezes durante a constituição. Com altas taxas de analfabetismo em uma população jovem, o governo brasileiro decidiu criar um complemento aos direitos impostos pela constituição, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação, conhecida por LDB. Foi só em 1996, com Paulo Freire ainda em vida, que seus discípulos e companheiros políticos aprovaram a versão da LDB que hoje vigora no país, regulando desde as creches até a pós-graduação. Tanto no setor público quanto privado, toda a educação brasileira é regulamentada direta ou indiretamente pelo Ministério da Educação. Fundado em 1930 por Getúlio Vargas, o MEC passou a ter um orçamento anual de mais de 100 bilhões de reais, coordenando objetivos educacionais, e sendo o principal ponto de referência da educação nacional. (BRASIL PARALELO, 2020c, 13:43 – 14:58).

Fica visível que a narrativa proposta pela BP enxerga como os principais culpados do fracasso da educação brasileira o Estado e Paulo Freire. O primeiro, por organizar de forma ineficiente o sistema educacional; o segundo por supostamente guiar não só a construção LDB, mas os professores em suas práticas pedagógicas.

Dentro das ineficiências do Estado, o documentário dá ênfase a corrupção. Durante parte da narração do trecho acima, a imagem abaixo é apresentada ao espectador:

Figura 6: Sistema educacional brasileiro



Fonte: Brasil Paralelo, 2020c.

Na parte superior da imagem aparece a legenda do mapeamento de risco do Tribunal de Contas da União (TCU). Na parte inferior aparece o Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação (FNDE), cujo fundo está pintado de vermelho, representando a classificação do TCU como de “muito alta exposição”. O FNDE aponta uma de suas setas para baixo, com um fundo cujo desenho representa cédulas de dinheiro empilhadas e, em primeiro plano, a palavra “CORRUPÇÃO” em letras maiúsculas e sublinhada.

Ressaltou-se por várias vezes ao longo do documentário o fraco desempenho de alunos brasileiros no Programme for International Student Assessment (PISA). Sabendo que o principal argumento da sociedade brasileira para a baixa qualidade da educação brasileira é o baixo investimento, a narrativa buscou colocar a culpa numa inversão de prioridades e na ineficiência do Estado:

Quando discutimos na sociedade o argumento mais frequente é o da falta de investimento. Não sem motivo. O aluno do ensino fundamental recebe o equivalente a 3800 dólares por ano, 44% da média dos países da OCDE. O mesmo acontece no Ensino Médio. Gastamos 41% da média dos países desenvolvidos. Mas o problema não deveria ser a falta de recurso. O percentual do PIB brasileiro que sai dos cofres públicos para financiar a educação chega a ser de quase 6%, totalizando mais de 100 bilhões de reais. Esse número não está abaixo do valor da OCDE. Pelo contrário, é 30% maior que a média. A

pergunta que fica é: por que gastamos tanto na educação brasileira e tão pouco chega no ensino de base? Da arrecadação aos alunos, o orçamento sofre fortes pedágios da administração pública. Os péssimos índices da educação brasileira não parecem ter assustado o Brasil nos últimos anos. A prioridade do orçamento brasileiro é outra frente da educação: as universidades. (BRASIL PARALELO, 2020c, 18:14 – 19:17).

Há dois problemas argumentativos no trecho acima. O primeiro é que no momento em que descreveu-se os investimentos em quase 6% do PIB, apareceu um quadro comparativo com outros países, demonstrando o quanto cada um gasta em educação em relação ao próprio PIB. Observamos:

Figura 7: Gastos em educação pública dos EUA e países latino-americanos



Fonte: Brasil Paralelo, 2020c.

O que mais chama-nos atenção é a comparação com os Estados Unidos, já que neste país as universidades públicas cobram mensalidade de seus estudantes. Ademais, é de conhecimento público e notório que o PIB estadunidense é muito maior que o brasileiro. Portanto, há uma distorção clara nesta comparação, pois os dois países não só estão financiando sistemas educacionais diferentes, mas também com um volume de recursos muito distinto.

O outro problema argumentativo é a falsa dicotomia entre investimento na educação básica e investimento na educação superior. O que a narrativa propõe como tese é o seguinte: a falta de recursos na educação básica acontece porque há muito investimento na educação superior. Tal argumentação é equivocada, pois mesmo os recursos federais sendo obviamente finitos, existem diversas formas de aumentar o investimento na educação básica sem prejudicar o orçamento da educação superior, seja

umentando a fatia do orçamento federal destinado à educação básica, ou criando novas formas de arrecadação para seu custeio específico.

A tônica a partir de então foi o ataque sistemático ao ensino superior brasileiro, em especial às universidades públicas. Ao longo do audiovisual utilizou-se rankings que corroboraram com a ideia de que a universidade pública brasileira é cara e que embora produza muita pesquisa, tais trabalhos não possuem impacto socioeconômico significativo para o Brasil. Omitiu-se rankings que provam justamente o contrário, como o britânico *QS World University Rankings*, publicado anualmente desde 2004:

A Universidade de São Paulo (USP) é a melhor instituição de ensino superior da América Latina e Caribe, segundo o QS World University Rankings 2024. Elaborado pela britânica Quacquarelli Symonds (QS), o ranking divulgado nesta quarta-feira, 13 [de setembro de 2023], é considerado um dos mais relevantes do mundo (...).

Há mais duas estaduais paulistas entre as dez primeiras, com destaque para a Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), em 3°. O Brasil tem 13 instituições entre as 50 melhores da América Latina e Caribe - 12 delas públicas (...).

O ranking considerou 430 universidades de 25 países da América Latina e Caribe. No Brasil, 97 universidades constam no levantamento, e conforme a QS, 35 delas tiveram melhora no ranking de 2024 em relação à edição anterior.

"O sucesso do Brasil é fundamentado no excelente conhecimento do corpo docente e pelo desempenho excepcional em pesquisa, tanto em termos de volume quanto de colaboração e qualidade", diz a QS. "A qualidade de seu corpo docente é evidenciada pelo número de professores com doutorado, no qual nove das 10 universidades com as maiores pontuações são brasileiras." No critério de produção científica/publicação por docente, as cinco principais são do Brasil.

O ranking colocou 13 universidades do País no top 50. Dessas, a única particular é a Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-RJ), agora na 17ª colocação (...).

A classificação da QS usa cinco critérios básicos: impacto e produtividade da pesquisa, compromisso docente, empregabilidade, impacto online e internacionalização. As médias são definidas com base na reputação acadêmica da instituição (30% da nota), reputação do empregador (20%), proporção de docentes por aluno (10%), professores com doutorado (10%), rede internacional de pesquisa (10%), citações por artigo (10%), artigos por corpo docente (5%) e impacto na internet (5%) (...).

Em junho, a QS já havia colocado a USP entre as 100 melhores universidades do mundo. A pesquisa, que analisou 17,5 milhões de trabalhos acadêmicos e considerou a opinião de 240 mil professores, alunos, funcionários e donos de escolas, colocou a USP na 85ª posição. Foi a primeira vez em 20 edições daquele levantamento que uma instituição brasileira ficou entre as 100 melhores. (Dolzan e Cafardo, 2023, n.p.).

Cabe ainda lembrar que as universidades públicas brasileiras são responsáveis literalmente por 99% de toda a produção científica do país.

O ataque ao ensino superior público brasileiro continuou com a fala do narrador, criticando a suposta falta de qualidade das pesquisas:

A linguagem academicista e romantizada, esconde o vazio e a promiscuidade do financiamento estatal. Uma vasta quantidade de trabalhos acadêmicos vão desde categorias pornográficas até a relativização da pedofilia. Enquanto o sistema público privilegia produções acadêmicas que não contribuem com as demandas sociais, áreas de vital importância ficam em segundo plano. (BRASIL PARALELO, 2020c, 28:06 – 28:29).

A estratégia da produção de um pânico moral é mesclada com a ideia de que o Estado está não só gastando muito dinheiro com o ensino superior público, mas também gastando mal. A sensação que passa ao espectador é de estar sendo enganado e pelos piores motivos.

O documentário ora foca suas críticas ao ensino superior, ora no ensino básico. Às vezes fez-se as duas coisas ao mesmo tempo. É o caso do depoimento da professora Sandra Ramos:

Nem sempre os professores têm aquele cuidado de fazer uma seleção lendo realmente a obra, né. O que na verdade, pra onde ele vai? Ele vai lá pra metodologia, então vamos selecionar uma coleção que traga sobre construtivismo. E aí o professor vai lá na metodologia, dá uma olhadinha e tal mas ele não lê o livro. Ele não vê a obra toda. E aí ele seleciona, e ele vem impregnado de ideologias. Não só a ideologia de gênero, ideologia política tem demais né. (BRASIL PARALELO, 2020c, 51:04 – 51:32).

No início do trecho acima, Ramos critica os professores por supostamente não lerem os livros didáticos que estão selecionando. Posteriormente, afirma que os livros chegam impregnados com ideologia de gênero, termo que nem mesmo existe dentro da comunidade científica.

O então presidente da Biblioteca Nacional e professor Rafael Nogueira endossa a ideia de cooptação ideológica em ambientes educacionais no Brasil com o trecho abaixo:

Mães que chegaram pra mim com os olhos marejados dizendo “Eu perdi minha filha”. Aí “Como assim?”. “Eu perdi minha filha pro partido, pra esses movimentos que tão acontecendo aí”. Movimentos ligados a partidos políticos que estão transformados em grêmios estudantis e coisas assim. (BRASIL PARALELO, 2020c, 58:03 – 58:22).

Durante uma parte da fala de Nogueira citada acima, aparece na tela fotos de “antes e depois”, com uma comparação de cada vez, de dezessete adolescentes do sexo feminino que supostamente aderiram a algum movimento estudantil. Nas fotos que representam o “antes”, há visivelmente o padrão de beleza que historicamente representa uma feminilidade mais clássica: belas, recatadas e do lar. No quadrante representando o

“depois”, fotos destas meninas com desvios deste padrão. Cada uma delas teve pelo menos um dos itens a seguir: uso de cigarro; corpo mais gordo; cabelo parcialmente/totalmente raspado ou mais curto; roupas mais curtas ou diferentes do padrão; uso de alargador de orelha/piercings; ausência de depilação nas axilas; tatuagens pelo corpo; cabelo com dreads ou tingido com alguma cor diferente do padrão.

Para ilustrar este trecho, colocamos uma destas imagens abaixo:

Figura 8. Antes e depois dos movimentos



Fonte: Brasil Paralelo, 2020c.

A fala de Nogueira somada as comparações como a das fotos acima visam passar a ideia de que os movimentos estudantis e os partidos políticos de esquerda estão não só desintegrando famílias como também fazendo adolescentes saírem de uma estética padrão para uma completamente indesejada. A dificuldade de lidar com toda e qualquer diferença estética fica evidente. O diferente machuca, separa e incomoda.

Chamou-nos atenção a imagem acima pela estudante ter duas palavras no seu corpo acima do peito: “preta” e “índia”. Além disso, há o cabelo com dreads. Tal foto é colocada no suposto contexto negativo do “depois”, enquanto uma trilha sonora que gera aflição é tocada.

O documentário também reservou espaço para a crítica explícita ao PT e a Paulo Freire. O escritor Percival Puggina foi o encarregado neste momento de tecer suas considerações sobre o partido e o educador:

O conceito que o PT tem de educação é, tá alinhado com Paulo Freire. Não era à toa que estava filiado ao partido. Não era à toa que ele foi secretário de educação em São Paulo. Não era à toa. Realmente o partido pensa assim. Isso que acontece nas universidades federais, essas cenas terríveis que vemos do estado em que estão as universidades federais, o que acontece, o que eles mostram, o que fazem, o que são os centros acadêmicos, né. A intolerância em relação a toda forma de divergência em sala de aula, que não é outra coisa senão o reflexo daquilo que acontece na sala dos professores, e aí vem os relatos que se recolhem cada vez que se aborda esse assunto corroborando uma realidade que é triste. É realmente a “Pátria Educadora” deste tipo de educação, com este tipo de resultado, para produzir esse país que vemos. (BRASIL PARALELO, 2020c, 01:02:10 – 01:03:11).

Enquanto Puggina falou o trecho acima, passou-se imagens supostamente de alunos usando drogas e centros acadêmicos pichados. A impressão é que a narrativa que tentou-se transmitir neste momento ao espectador é que os professores e o PT apoiam institucionalmente o uso de drogas e a degradação do patrimônio nas universidades.

Puggina também critica a unificação e centralização de estruturas relativas ao ensino no Brasil:

Então isso é a centralização né, de uma visão de federação nossa que é totalmente desfigurada. Resultado, nós temos base nacional curricular comum, lei de diretrizes e bases da educação, exame nacional do ensino médio (o Enem), Tudo no Brasil é único, é unificado, é centralizado, é federal. São leis próprias daquele setor, mas com efeito e impacto nacional. Eu não sei se em Cuba tem um negócio assim. (BRASIL PARALELO, 2020c, 01:11:50 – 01:12:25).

Há também críticas ao longo do documentário à Base Nacional Comum Curricular (BNCC), tanto na sua forma quanto no seu conteúdo e objetivos. Tudo é visto como algo centralizador e ideologicamente enviesado.

O audiovisual prosseguiu com o então ministro da educação, Abraham Weintraub, explicando o que para ele é a função da escola:

O papel da escola é ensinar a ler, a escrever. Você ensina a escrever, ensina a fazer conta, ensina química, ensina física. Quando você vê uma criança de dois, três, quatro anos fazendo algazarra na rua, se atirando no chão você fala “que criança mal educada”. Quem educa é a família. (BRASIL PARALELO, 2020c, 01:13:09 – 01:13:33).

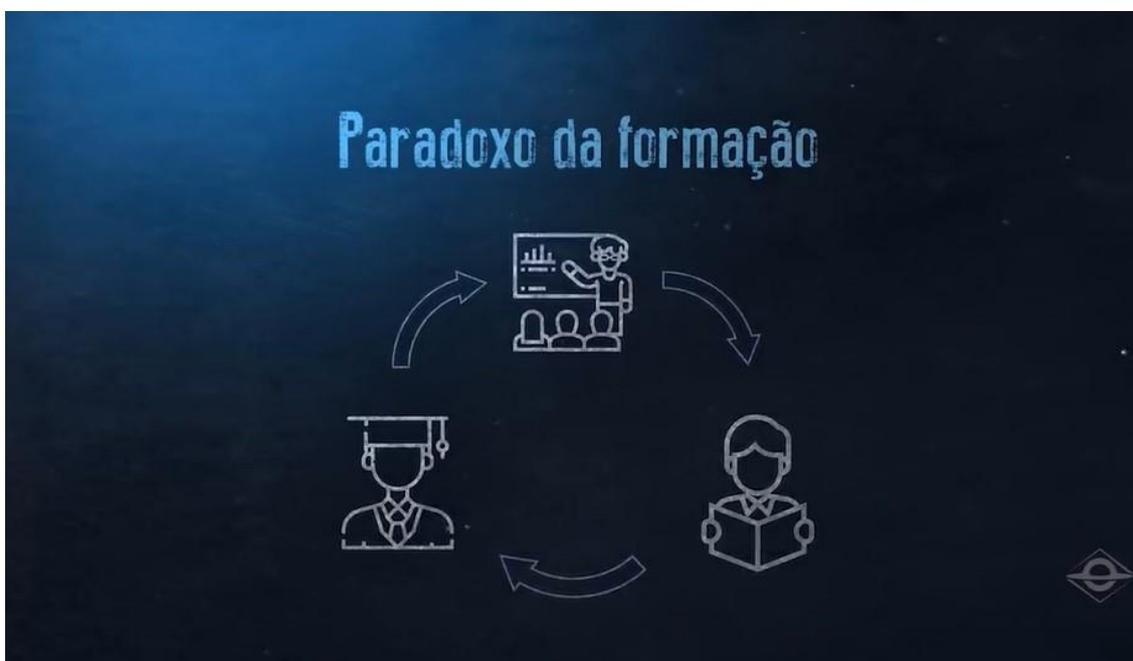
Portanto, para Weintraub, o papel da escola é apenas um: ensinar. Não há preocupação com questões voltadas para a tentativa de ao menos amenizar mazelas sociais brasileiras. Não há preocupações com uma formação para a democracia. O social não importa, apenas os conteúdos em si mesmos.

O narrador em off apresenta a ideia de que há um problema cíclico na educação brasileira, principalmente envolvendo os pedagogos. Apresentou-se a questão da seguinte forma:

A má formação criou um problema cíclico: os novos pedagogos não estão aptos para educarem os novos alunos. E os novos alunos não estão sendo habilitados para serem bons pedagogos. Nossos alunos não conseguem ler, compreender e muito menos interpretar um texto de dez linhas. (BRASIL PARALELO, 2020c, 01:14:21 – 01:14:37).

Enquanto o trecho acima foi narrado, uma das imagens que foi à tela foi a ilustrada abaixo:

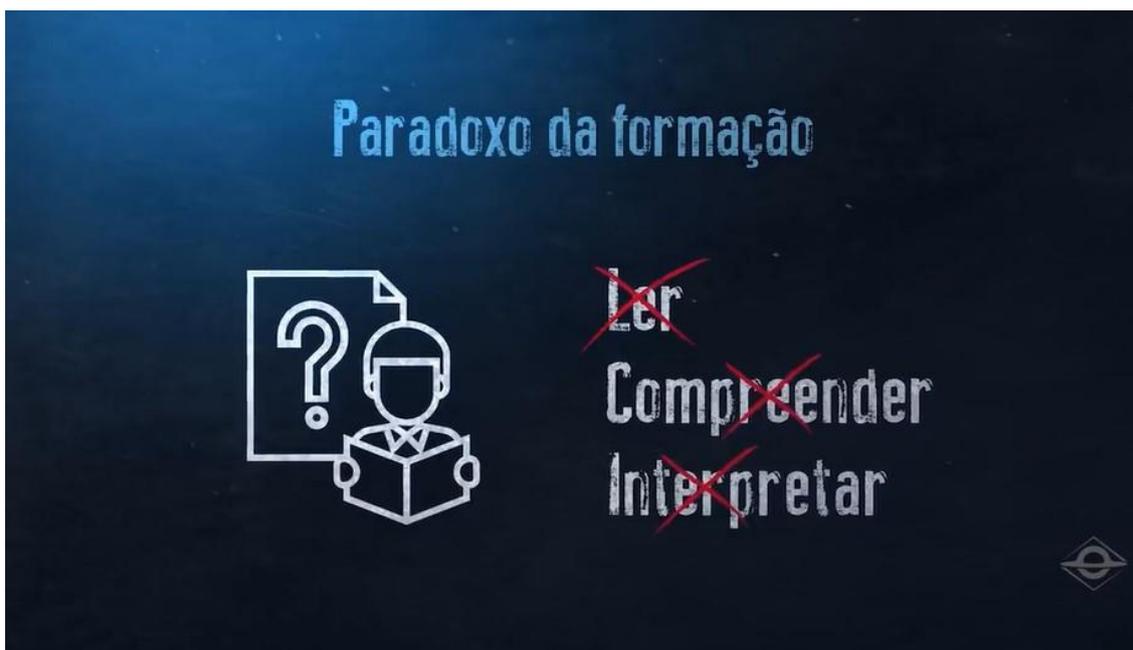
Figura 9. Paradoxo da formação I



Fonte: Brasil Paralelo, 2020c.

A outra imagem que vem em sequência a esta, para completar a narrativa, é a imagem abaixo:

Figura 10: Paradoxo da formação II



Fonte: Brasil Paralelo, 2020c.

Na visão da BP, tudo está errado na educação brasileira. O pedagogo não é preparado adequadamente para exercer a sua profissão. Como consequência, não ensina direito o seu aluno. Ao entrar na universidade pelo curso de Pedagogia, o estudante mal formado pelo pedagogo na escola também será mal formado pelos professores na universidade. Quando chegar na escola como pedagogo, repetirá o ciclo vicioso de má formação. Ademais, os estudantes são vistos como incapazes de realizar as tarefas mais básicas que a escola deveria ensiná-los.

Aproximando-se do fim do capítulo, a narrativa critica também o método utilizado por Paulo Freire para a alfabetização:

O problema piora quando chegamos no método utilizado para alfabetizar as crianças. Um assunto que tem rara atenção da mídia e do debate público, mas exerce importância definitiva na vida de todos nós. Aprender a ler é um dos pilares da nossa sociedade. Embora o objetivo seja declarado como prioridade e, nesse caso, esquecemos de olhar para o “como”. O “como” pode ter consequências desastrosas. Pesquisas apontam que se uma criança não aprender a ler adequadamente até a primeira série, há 9% de chance de que ela continue a ser uma leitora pobre até a quarta série e 75% de probabilidade de ter baixa escolaridade. Grande parte dos métodos de alfabetização usados no Brasil tem origem na filosofia construtivista, com influência da alfabetização ativista defendida por Paulo Freire. Métodos como palavração, sentencição, método global e letramento defendem que a alfabetização deve priorizar o sentido e o contexto das frases e textos inteiros. Esses métodos lecionam diretamente através dos significados, interpretações e críticas, com a proposta de facilitar o aprendizado. Já os métodos mais tradicionais como fônico e silábico consideram que antes de capturar significados e contextos, o aluno deve aprender as menores unidades linguísticas: os grafemas, os fonemas e as sílabas. (BRASIL PARALELO, 2020c, 01:15:19 – 01:16:34).

Há uma crença por parte da BP e seus entrevistados de que a educação brasileira utiliza o método utilizado por Freire para alfabetizar os estudantes, o que não passa de uma crença sem fundamentação na realidade. Observamos também que há uma leitura equivocada de como o processo de alfabetização aplica-se na prática. Não é proposta apenas palavras inteiras, mas a quebra de palavras geradoras inteiras em sílabas para a formação de novas palavras.

Em entrevista ao site da BBC News Brasil, o especialista na obra de Freire, José Eustáquio Romão explica na prática o método:

Tenho uma experiência escrita à mão por uma pessoa que foi alfabetizada por ele [Paulo Freire] em Brasília, a famosa experiência do tijolo. Tijolo foi uma palavra (usada por Paulo Freire como) "geradora" porque (os alunos) eram operários da construção civil, estavam construindo Brasília.

Ele mostrou aos alunos um tijolo físico, o partiu e colou nele as sílabas da palavra tijolo. E pediu que as pessoas formassem outras palavras a partir daquelas sílabas. As pessoas primeiro gravaram mentalmente as sílabas e as combinaram: jiló, laje, etc. Uma senhora, no entanto, fez uma frase: "Tu já lê". Estava alfabetizada.

A gente, que trabalha com alfabetização, sabe que a pessoa só começa a ler na hora em que dá um clique. Esse clique é a grande descoberta do Paulo Freire. (COSTA, 2015, n.p.).

Percebemos então a falta de cuidado (ou desconhecimento) da BP em explicar corretamente o método utilizado por Freire.

O último tópico tratado no audiovisual foi a questão do analfabetismo funcional e militância política de esquerda. Após explicação sobre o que é o analfabetismo funcional, o documentário estabelece relações entre este e a esquerda brasileira:

Uma sociedade de analfabetos funcionais constitui um grande risco. As pessoas copiam a opinião das outras sem tentar verificá-las na realidade. Emitem opiniões sobre muitos assuntos, passam a acreditar em praticamente tudo o que dizem, passam a sentir o que dizem, e passam a querer agir de acordo com os seus sentimentos, criando sonhos, projeções, ambições, e militando de acordo com a carga emocional e a aprovação social dos seus discursos. (BRASIL PARALELO, 2020c, 01:31:35 – 01:32:00).

Enquanto é narrado o trecho acima, passou-se pela tela diversas imagens, uma a uma, de manifestações de esquerda no Brasil. Seleccionamos a que mais chamou-nos atenção:

Figura 11: Protesto da FEUSP em defesa da escola pública



Fonte: Brasil Paralelo, 2020c.

Mesmo que o narrador em off não tenha dito literalmente que a esquerda política brasileira é composta por analfabetos funcionais, fica nítido que esta foi a mensagem que desejou-se passar ao falar do assunto enquanto reproduziu-se manifestações de esquerda. Outro aspecto que chamou-nos atenção é que a manifestação da imagem acima é composta, pelo menos em primeiro plano, de pessoas ligadas à Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, referência em educação para toda à América Latina.

Por fim, após imagem e texto supracitados, o documentário encerra apenas reforçando as ideias já explanadas durante mais de uma hora e meia de duração até então.

Durante este último capítulo, os principais alvos foram tudo o que na visão da BP envolve a educação brasileira em todos os seus níveis. Mesmo com o segundo episódio quase todo dedicado a detratar a vida e obra de Freire, o terceiro capítulo também o fez várias menções desonrosas. Ressaltou-se índices negativos, gastos excessivos, e uma profunda correspondência entre o insucesso da educação brasileira e uma pedagogia de esquerda. Relacionou-se analfabetos funcionais com a esquerda.

Finalizamos assim o terceiro capítulo da trilogia *Pátria Educadora*.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Teçamos neste espaço algumas considerações sobre o capítulo intitulado *Sobre o bolsonarismo, a extrema-direita e como chegamos até aqui*. A primeira consideração é que a historiografia sobre o integralismo, juntamente com o trabalho de Rudá Ricci apontam que a extrema-direita a partir de sua fundação com os integralistas no caso brasileiro nunca mais cessou. O que verificamos a partir de sua fundação até os dias atuais é que ela alterna entre momentos de ascensão com outros de refluxo, mas permanece viva enquanto ideia e movimento. Atualmente, conforme retratou Ricci, tal movimento possuiu como eixo as articulações empresarial e jurídico-midiática, além da campanha de Jair Bolsonaro à presidência em 2018. Podemos acrescentar a isto por conta própria a campanha de Bolsonaro à presidência de 2022.

Sobre as características do bolsonarismo, elencamos as seguintes: o antipetismo (misturado com o anticomunismo e antiesquerdismo); a defesa da propriedade privada; o culto à violência; o patriotismo; e a defesa da “família tradicional brasileira” (que é sinônimo de defesa da família nuclear burguesa). Destacamos que a luta contra qualquer tipo de esquerda e a defesa da propriedade privada são as principais bandeiras deste agrupamento.

No subcapítulo *O Brasil após a vitória de Bolsonaro*, evidenciou-se que o governo Bolsonaro foi fundamentalmente o governo dos conflitos, e não do diálogo. Conflitos com o STF como um todo, e em especial com o ministro Alexandre de Moraes; com a grande imprensa; conflitos com a ciência devido a seu negacionismo frente à pandemia de Covid-19; conflitos com governadores e prefeitos também por causa de suas decisões frente ao corona vírus.

Devido principalmente a decisões equivocadas durante a pandemia, o então presidente acabou por desgastar a sua imagem junto à população. O recado foi dado pelos eleitores nas eleições municipais de 2020, quando nenhum candidato que ganhou apoio do então chefe de Estado conseguiu eleger-se prefeito de capital.

Já em *As eleições de 2022 e seus paradoxos*, percebeu-se que embora houve diminuição do capital político de Bolsonaro, ele estava longe de ser uma carta fora do baralho político brasileiro. Mesmo tendo ao seu lado diversas mídias sociais digitais para a proliferação de suas ações, ideias e Fake News, desta vez o STF foi muito mais rígido com a circulação de notícias falsas. Além disso, houve a criação e/ou aumento da

relevância de muitos canais progressistas no YouTube para tentar equilibrar um pouco a disputa na internet, principalmente de 2019 em diante. Mesmo com a perda da corrida eleitoral, o Partido Liberal (PL) aumentou significativamente seu número de parlamentares, o que demonstra que o bolsonarismo enquanto força política ainda é muito forte. Além disso, os bolsonaristas não aceitaram o resultado da eleição, promovendo acampamentos antidemocráticos por todo o país.

Bolsonaro não reconheceu de forma clara e objetiva sua derrota, nem desestimulou tais acampamentos. Tudo isto ajudou a aumentar cada vez mais entre seus adeptos algum tipo de golpe de Estado dado pelas Forças Armadas. Foi então que diversos bolsonaristas decidiram organizar caravanas de ônibus para promover um ataque terrorista e uma tentativa de golpe em pleno congresso nacional e plenário do STF. A tentativa de golpe no dia 08 de janeiro de 2023 teve flagrantes omissões de figuras públicas como Ibaneis Rocha, Anderson Torres e membros da polícia militar do Distrito Federal.

A partir das discussões feitas no subcapítulo *Reflexões sobre o fascismo, neofascismo e pós-fascismo*, podemos agora chegar a ideia de que o bolsonarismo assemelha-se com o conceito de pós-fascismo proposto por Enzo Traverso. Demonstramos no subcapítulo intitulado *Umberto Eco e o Ur-Fascismo* que o bolsonarismo preenche todos os requisitos para ser considerado por Eco uma “nebulosa fascista”, a saber: o culto da tradição; a recusa da modernidade; o irracionalismo do culto da ação pela ação; nenhuma aceitação de críticas; nenhum sinal de diversidade; vir da frustração individual ou social (por isso sua gênese na classe média); o nacionalismo; sentimento de humilhação, mas a crença de que pode-se derrotar o inimigo; o antipacifismo; o “elitismo popular”; a educação para o heroísmo; o machismo; o “populismo qualitativo”; e a “novilíngua”.

No capítulo *Identidade, Comunicação, olavismo e a extrema-direita brasileira*, elaboramos reflexões sobre a construção de identidade para os sujeitos do Iluminismo, moderno e pós-moderno. Neste último sujeito, a construção de identidade é móvel, podendo ser contraditória e paradoxal ao mesmo tempo. Esta é a construção da identidade de nosso tempo presente.

Sobre as redes sociais digitais, destacou-se a relevância das pesquisas de Raquel Recuero e Manuel Castells. Identificou-se a necessidade de atualizações nas análises de

ambos autores, já que o otimismo em relação ao espaço da internet como espaço de liberdade demonstrou-se insuficiente para explicar as dinâmicas sociais de comunicação, bem como a intencionalidade de manipulação dos agentes envolvidos em tal processo, seja os próprios usuários, seja as próprias empresas proprietárias das redes. Os espaços podem ser tanto de autonomia quanto de heteronomia, conforme mostrado pelo documentário *O Dilema das Redes*.

Já a partir da análise das principais ideias que circulam dentro da extrema-direita nacional (liderada intelectualmente por Olavo de Carvalho) e internacional, verificamos que não possuem fundamento na realidade ou no consenso da comunidade científica internacional, podendo ser classificadas como teorias da conspiração. Concluiu-se que o guru intelectual da extrema-direita no século XXI foi Carvalho, influenciando inclusive diretamente na indicação a alguns cargos do alto escalão do governo Bolsonaro, colocando nestes seus correligionários. O legado de Carvalho para o cenário político brasileiro é de conspiracionismo e negacionismo.

Sobre o Movimento Brasil Livre, entendemos que seu papel enquanto agitador político dentro e fora das redes sociais foi fundamental tanto para o golpe parlamentar de Dilma Roussef em 2016 quanto para a eleição de Bolsonaro em 2018. Sua atuação engajou especialmente jovens de classe média até então provavelmente despolitizados.

A Brasil Paralelo também possui relevância para a nova direita brasileira, sendo o principal canal para organizar e unir os mais diversos subgrupos dentro de seu espectro político para a guerra cultural contra toda e qualquer esquerda, nacional e internacional. Tal embate dá-se até hoje tanto sob o ponto de vista econômico quanto nos costumes e moralidade.

No capítulo *Análise da trilogia Pátria Educadora*, encontramos pontos em comum nos três episódios. O fio condutor da narrativa é a detração de todo e qualquer opositor ao pensamento conservador, nacional e internacionalmente, do passado ou do presente. As três produções audiovisuais possuem uma voz unívoca contra o pensamento progressista e a favor do pensamento conservador. Para tanto, a estratégia mais utilizada é a do pânico moral, sendo este propagado tanto através de imagens impactantes quanto de narrações.

As teorias da conspiração também são uma constante na série. As duas principais são a da ideologia de gênero e do marxismo cultural. A ideia de um presente e futuro

ameaçando principalmente os jovens e adolescentes corroboram com tais delírios coletivos.

Identificamos que Paulo Freire é o principal alvo de críticas ao longo da trilogia. Criticou-se Freire por: seu suposto método de alfabetização; sua principal obra, a *Pedagogia do Oprimido*; seus suposto vínculo com os acontecimentos de maio de 1968 na França, que na narrativa identifica-o como herdeiro do “marxismo cultural” dos protestos; suas escolhas políticas, já que foi filiado ao PT; sobre como Freire supostamente enxerga o processo educativo e seus objetivos; é colocado juntamente com o PT como o principal responsável do suposto desastre da educação brasileira em todos os seus níveis educacionais.

Por fim, a trilogia pode ser não só analisada pelo que ela apresenta, mas também pelo que esconde. A educação brasileira é vista como um problema em si, por ser centralizada e supostamente doutrinadora à esquerda do espectro político. Mas o que é omitido? Todo e qualquer aspecto relativo a problemas sociais enfrentados cotidianamente pela população brasileira e conseqüentemente pelos estudantes é desconsiderado na análise.

A narrativa da BP omite questões fundamentais e que podem influenciar diretamente no desempenho dos estudantes nos mais variados níveis, tais como: evasão; gravidez; violência (dentro e/ou fora das instituições de ensino); desinteresse; trabalho; drogas e alcoolismo; transporte; saúde (física e mental); desnutrição/fome; dificuldades de aprendizagem; infraestrutura das instituições de ensino; e condições de trabalho (e salariais) dos profissionais em educação.

Ao não considerar tais variáveis, a BP analisa a educação como uma ilha, afastada das outras dimensões da vida em sociedade, com exceção da política. Afirmamos que a BP possui um papel fundamental para a nova direita brasileira, sendo propagador de ideias baseadas em teorias anticientíficas/conspiratórias que foram flagrantemente propagadas por Olavo de Carvalho, tais como “ideologia de gênero” e “marxismo cultural”.

Afirmamos que a Brasil Paralelo em sua trilogia *Pátria Educadora* cometeu um planetário de erros. Selecionamos os três principais. No primeiro capítulo, a ocultação da relevância da conservação/divulgação do aristotelismo por parte dos muçulmanos habitantes da Península Ibérica na Idade Média, sendo que entre Boécio e Tomás de

Aquino há um intervalo de aproximadamente sete séculos. No dois capítulos seguintes, um esforço homérico de assassinato de reputação a Paulo Freire. Isto deu-se a partir de interpretações deturpadas da sua principal obra, a *Pedagogia do Oprimido*, além de uma apresentação equivocada do método utilizado pelo educador para a alfabetização, fazendo crer que levava inexoravelmente a uma completa ineficiência sob o ponto de vista pedagógico.

A série buscou demonizar a esquerda (do passado e do presente), especialmente Paulo Freire, além de desmerecer por completo as instituições públicas de ensino nos mais diversos níveis. Evidentemente que a esquerda como um todo, Freire em específico ou as instituições públicas podem e devem ser criticadas. Não trata-se de canonizar ninguém. Entretanto, a crítica deve ser feita de forma correta e justa, e não como foi feito na trilogia. A alta qualidade de som e imagem contrasta com seu conteúdo pobre e com sua narrativa que possui interdições ideológicas flagrantemente oriundas de seu conservadorismo, do qual é porta-voz no Brasil.

REFERÊNCIAS

Blogs, notícias e vídeos

2 MOMENTOS EM QUE BOLSONARO CHAMOU COVID-19 DE ‘GRIPEZINHA’, O QUE AGORA NEGA. BBC, 2020. Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/brasil-55107536>>. Acesso em: 19 jan. 2023.

AGU IDENTIFICA 52 PESSOAS E 7 EMPRESAS QUE FINANCIARAM ATOS E PEDE BLOQUEIO DE R\$ 6,5 MILHÕES. Brasília: G1, 12/01/2023. Disponível em: <<https://g1.globo.com/politica/noticia/2023/01/12/agu-identifica-52-pessoas-e-7-empresas-que-financiaram-atos-golpistas-e-pede-bloqueio-de-r-65-milhoes.ghtml>>. Acesso em: 19 jan. 2023.

ANDRADE, Hanrikson de. **BOLSONARO DIZ QUE ‘FIQUE EM CASA’ É PARA OS ‘FRACOS’: CONVERSINHA MOLE’.** UOL, 2020. Disponível em: <<https://noticias.uol.com.br/politica/ultimas-noticias/2020/09/18/bolsonaro-diz-que-fique-em-casae-para-os-fracos-conversinha-mole.htm>>. Acesso em: 19 jan. 2023.

BRASIL INVESTE 60% MENOS EM EDUCAÇÃO DO QUE PAÍSES DA OCDE. PODER360, 2023. Disponível em: <<https://www.poder360.com.br/educacao/brasil-investe-60-menos-em-educacao-do-que-paises-da-ocde/>>. Acesso em 15 out. 2023.

CÂMARA DOS DEPUTADOS. PLENÁRIO - Sessão Deliberativa - 17/04/2016 - 14:00. YouTube, 17 abr. 2016. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=V-u2jD7W3yU&t=32859s>>. Acesso em: 19 jan. 2023.

COSTA, Camilla. **'BRASIL NUNCA APLICOU PAULO FREIRE', DIZ PESQUISADOR.** BBC Brasil, 2015. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/noticias/2015/07/150719_entrevista_romao_paulofreire_cc>. Acesso em: 15 out. 2023.

GONZALEZ, Mariana. **FALA SOBRE UCRANIANAS NÃO É FATO ISOLADO. VEJA ATITUDES MACHISTAS DE DO VAL.** Disponível em: <<https://www.uol.com.br/universa/noticias/redacao/2022/03/10/arthur-do-val-atitudes-machistas.htm?cmpid=copiaecola>>. Acesso em: 15 out. 2023.

GUERRA CONTRA A INTELIGÊNCIA | PÁTRIA EDUCADORA - CAPÍTULO 3 | FILME COMPLETO. BRASIL PARALELO, 2020c. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=yJunMvIFtxI&t=3526s>>. Acesso em: 15 out. 2023.

HARDT, Caroline. **APESAR DA DERROTA NAS ELEIÇÕES PRESIDENCIAIS, O BOLSONARISMO SAI FORTALECIDO EM 2022.** Jovem Pan, 2022. Disponível em: <<https://jovempan.com.br/noticias/politica/apesar-da-derrota-nas-urnas-bolsonarismo-sai-fortalecido-em-2022.html>>. Acesso em: 19 jan. 2023.

MANIFESTO POR UM BRASIL LIVRE. MBL – Movimento Brasil Livre, 2014. Disponível em: <<https://pt-br.facebook.com/mblivre/photos/manifesto-por-um-brasil-livresomos-adultos-adolescentes-e-idosos-somos-brancos-n/272030822921068/>>. Acesso em 15 out. 2023.

MOVIMENTO BRASIL LIVRE (MBL). NEAMP, 2020. Disponível em: <<https://neamp.pucsp.br/organizacoes/movimento-brasil-livre-mbl>>. Acesso em: 15 out. 2023.

MURARO, Cauê. **SÓ MAIS 72 HORAS.** G1, 2023. Disponível em: <<https://especiais.g1.globo.com/politica/2023/so-mais-72-horas-acampamento-bolsonaristas-radicaais>>. Acesso em 19 jan. 2023.

NO ACRE, BOLSONARO FALA EM 'FUZILAR A PETRALHADA' E ENVIÁ-LOS À VENEZUELA - 1º.SET.2018. YouTube, 01 set. 2018. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=p0eMLhCcbyQ>>. Acesso em: 25 jan. 2023.

O FIM DA HISTÓRIA | PÁTRIA EDUCADORA - CAPÍTULO 1 | FILME COMPLETO. BRASIL PARALELO, 2020a. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=EU5sAWPKgMc&t=645s>>. Acesso em: 15 out. 2023.

O QUE É A BRASIL PARALELO?. BRASIL PARALELO, [s.d.]. Disponível em: <<https://www.brasilparalelo.com.br/o-que-e-a-brasil-paralelo>>. Acesso em: 15 out. 2023.

O QUE FOI A OPERAÇÃO LAVA JATO. CNN, 2022. Disponível em: <<https://www.cnnbrasil.com.br/nacional/o-que-foi-a-operacao-lava-jato/>>. Acesso em: 24 jan. 2023.

ORLOWSKI, Jeff. **O Dilema das Redes.** Estados Unidos, 2020. (94 min). NETFLIX. Disponível em: <<https://www.netflix.com/br/title/81254224>>. Acesso em: 10 out. 2023.

PELAS BARBAS DO PROFETA | PÁTRIA EDUCADORA - CAPÍTULO 2 | FILME COMPLETO. BRASIL PARALELO, 2020b. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=UPDjFGGN2w0&t=1734s>>. Acesso em: 15 out. 2023.

PÓS-VERDADE. ABL, [s.d.]. Disponível em: <<https://www.academia.org.br/nossa-lingua/nova-palavra/pos-verdade>>. Acesso em 15 out.2023.

QUEM É OLAVO DE CARVALHO? #meteoro.doc. METEORO BRASIL, 2018. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=Mz9f3fLks9s&t=322s>>. Acesso em 15 out. 2023.

STRUCK, Jean Philip. **Olavo de Carvalho, pioneiro das modernas fake news no Brasil.** Disponível em: <<https://www.dw.com/pt-br/an%C3%A1lise-olavo-de-carvalho-o-pioneiro-das-modernas-fake-news-no-brasil/a-60552270>>. Acesso em: 15 out. 2023.

VALORES E PRINCÍPIOS. MBL, [s.d.]. Disponível em: <<https://mbl.org.br/valores-principios>>. Acesso em: 15 out. 2023.

Textos acadêmicos

ARENDDT, Hannah. **As origens do totalitarismo III: o paroxismo do poder**. 1. ed. Rio de Janeiro: Documentário, 1979.

BODART, Cristiano das Neves; MARCHIORI, Cassiane da C. Ramos. **Por que eles têm medo de Paulo Freire na escola?** 1. ed. Maceió, AL: Editora Café com Sociologia, 2022.

BODART, Cristiano das Neves; VIANA, Nildo. **Por que eles têm medo de Karl Marx na escola?** 1. ed. Maceió, AL: Editora Café com Sociologia, 2022.

BONSANTO, A. **Narrativas “historiográfico-midiáticas” na era da pós-verdade: Brasil Paralelo e o revisionismo histórico para além das fake news**. Liinc em Revista, [S. l.], v. 17, n. 1, p. e5631, 2021. DOI: 10.18617/liinc.v17i1.5631. Disponível em: <https://revista.ibict.br/liinc/article/view/5631>. Acesso em: 10 out. 2023.

BOITO JR., Armando. **POR QUE CARACTERIZAR O BOLSONARISMO COMO NEOFASCISMO**. 2020. Disponível em: https://www.ifch.unicamp.br/criticamarxista/arquivos_biblioteca/dossie2021_03_19_16_30_32.pdf. Acesso em: 19 jan. 2023.

BUGALHO, Henry. **Bolsonaro e o Fascismo**. Curitiba: Kotter Editorial, 2022. Edição do Kindle.

BUGALHO, Henry. **Minha especialidade é matar: como o bolsonarismo tomou conta do Brasil**. Curitiba: Kotter Editorial, 2020. Edição do Kindle.

CARVALHO, Olavo de. **O mínimo que você precisa saber para não ser um idiota**. Disponível em: <https://ensaiosflutuantes.files.wordpress.com/2016/03/o-minimo-que-voce-precisa-saber-olavo-de-carvalho.pdf>. Acesso em 10 out. 2023.

CASTELLS, Manuel. **Redes de indignação e esperança: movimentos sociais na era da internet**. Tradução Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

CLETO, Murilo. **A escravidão negra na obra da Brasil Paralelo**. In: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, 31., 2021, Rio de Janeiro. Anais [...]. São Paulo: AnpuhBrasil, 2021. Tema: história, verdade e tecnologia. p. 01-14. Disponível em: https://www.snh2021.anpuh.org/resources/anais/8/snh2021/1628269653_ARQUIV_O_60a5b1cd87b446149f0f058959f457d6.pdf. Acesso em 10 out. 2023.

ECO, Umberto. **O fascismo eterno**. Rio de Janeiro: Record, 5. ed. 2019.

FILHO, Orlando de Miranda. **“Por Cristo e pela Pátria!”: O integralismo e o PRP no Grande Erechim (1932 -1964)**. Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões - URICER. Erechim, 2006.

FINGER, Vinícius. **História, Mídia Digital e Anti-ciência: A quimera narrativa do canal Brasil Paralelo**. *Historiæ*, Rio Grande, v. 12, n. 2, p. 83-104, 2021. Disponível em: <https://periodicos.furg.br/hist/article/view/13477>. Acesso em: 10 out. 2023.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**. Disponível em: <<https://nepegeo.paginas.ufsc.br/files/2018/11/Pedagogia-da-Autonomia-Paulo-Freire.pdf>>. Acesso em: 10 out. 2023.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. Disponível em: <<https://cpers.com.br/wp-content/uploads/2019/10/Pedagogia-do-Oprimido-Paulo-Freire.pdf>>. Acesso em: 10 out. 2023.

HOBBSAWM, Eric. **Era dos Extremos: o breve século XX: 1914-1991**. Disponível em: <https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4071685/mod_resource/content/1/Era%20dos%20Extremos%20%281914-1991%29%20-%20Eric%20J.%20Hobsbawm.pdf>. Acesso em: 10 out. 2023.

IRSCHILINGER, Fausto Alencar. **Perigo verde: O integralismo no norte do Rio Grande do Sul (1932 -1938)**. UPF Editora. Passo Fundo. 2001.

MARX, Karl. A Guerra Civil em França. Disponível em: <https://www.marxists.org/portugues/marx/1871/guerra_civil/index.htm>. Acesso em: 10 out. 2023.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. Manifesto do partido comunista. Disponível em: <https://professor.ufrgs.br/sites/default/files/dagnino/files/marx_engels_1982_manifesto_do_partido_comunista.pdf>. Acesso em: 10 nov. 2023.

MELO, Demian. **O BOLSONARO COMO FASCISMO DO SÉCULO XXI**. 2020. Disponível em: <https://www.academia.edu/45637190/O_bolsonarismo_como_fascismo_do_XXI>. Acesso em: 19 jan. 2023.

METEORO BRASIL. **TUDO O QUE VOCÊ PRECISOU DESAPRENDER PARA VIRAR UM IDIOTA**. Disponível em: <<https://doceru.com/doc/nxcs088>>. Acesso em: 15 out. 2023.

OLIVEIRA, Vinícius Fruscalso Maciel de. **As jornadas de junho de 2013: a disputa de narrativas na mídia e suas significações**. Erechim: 2017. Disponível em: <<https://rd.uffs.edu.br/handle/prefix/879>>. Acesso em: 08 dez. 2021.

PAULO, Diego Martins Dória. **Os mitos da Brasil Paralelo – uma face da extrema-direita brasileira (2016-2020)**. REBELA, v.10, n.1. jan./abr. 2020. Disponível em <<https://ojs.sites.ufsc.br/index.php/rebela/article/view/4180>>. Acesso em: 15 out. 2023.

PICOLI, Bruno; CHITOLINA, Vanessa; GUIMARÃES, Roberta.” **Revisão histórica e educação para a barbárie: A verdade da 'Brasil Paralelo'**”. Extensão e Cultura, 29 de outubro de 2020. Disponível em: <<https://www.revistas.ufg.br/revistaufg/article/download/64896/35650>>. Acesso em 10 out. 2023.

POGGI, Tatiana. **FACES DO EXTREMO: Uma análise do neofascismo nos Estados Unidos da América (1970-2010)**. Niterói: 2012. Disponível em <https://www.academia.edu/44637154/Faces_do_Extremo_o_neofascismo_nos_EUA_1970_2010>. Acesso em: 20 jan 2023.

RECUERO. Raquel. Redes sociais na internet. Disponível em: <<https://www.researchgate.net/profile/Raquel->

Recuero/publication/259328435_Redес_Sociais_na_Internet/links/0c96052b036ed28f4d000000/Redes-Sociais-na-Internet.pdf>. Acesso em: 10 out. 2023.

RICCI, Rudá. **Fascismo Brasileiro: E o Brasil gerou o seu ovo da serpente**. Curitiba: Kottter Editorial, 2022. Edição do Kindle.

SALGADO, J., & FERREIRA JORGE, M. (2021). **Paralelismos em disputa: o papel da Brasil Paralelo na atual guerra cultural**. *Eco-Pós*, 24(2), 726-738. <https://doi.org/10.29146/ecopos.v24i2.27797>. Disponível em: <https://revistaecopos.eco.ufrj.br/eco_pos/article/view/27797>. Acesso em: 15 out. 2023.

SOUZA, Jessé. **A radiografia do golpe: entenda como e por que você foi enganado**. Rio de Janeiro: LeYa, 2016.

TRAVERSO, Enzo. **DO DASCISMO AO PÓS-FASCISMO**. 2019. Disponível em: <<https://periodicos.unb.br/index.php/repam/article/download/26801/23504/55753>>. Acesso em 19 jan. 2023.

TRINDADE, Hélió. **Integralismo (o fascismo brasileiro da década de 30)**. Difusão Editorial S.A; São Paulo, 1979.